Editora ABRIL
edição 2773 - ano 55 - nº 3
26 de janeiro de 2022

EXCLUSIVO

NA INTIMIDADE DO CLÃ

Amigo e um dos colaboradores mais próximos de Jair Bolsonaro, o ex-assessor Waldir Ferraz confirma a existência de rachadinha nos gabinetes da família, acusa a ex-mulher do presidente Ana Cristina Valle de ser a mentora do esquema e conta que até hoje o capitão é chantageado por ela

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno França Ribeiro, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Caio Sartori Gavazza, Carolina Barbosa da Silva, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Kamille Maria Viola de Azevedo Cunha, Paula Freitas Monteiro Autran, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Eduarda Gomes Silva, Eric Cavasani Vechi, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2773 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 3. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

CARTA AO LEITOR

ELAS FORAM OUVIDAS
Protesto feminino nos anos 1960, em Londres: desdém no começo e depois respeito

TONY MCGRATH/THE OBSERVER

A LÍNGUA É VIVA

"— **QUEIRA VOSMECÊ** perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça... Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha." Vosmecê, leitor, talvez ache complicado atravessar as primeiras linhas do capítulo 21 de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um clássico de Machado de Assis, publicado em 1880. No tempo de seu lançamento, ninguém o acusou de beletrismo exagerado. Assim era a fala das ruas, com o português bem tratado ao pousar numa página de papel. Aprendemos com Machado, hoje ainda e cada vez mais, que a língua é viva, molda e é moldada pela sociedade que a cerca. Talvez não exista ferramenta mais poderosa para medir as transformações sociais. Não deveria causar espanto, portanto, o interessante fenômeno atual de adoção da linguagem neutra — no cotidiano das relações informais, nas mensagens familiares por WhatsApp e nos vínculos profissionais. O recurso linguístico propõe o uso de expressões e troca de letras em palavras para incluir pessoas que não se identificam com o gênero feminino nem com o masculino: um "x", um "e" ou uma arroba como substitutos da vogal "o" naqueles vocábulos que englobam o gênero masculino e feminino (termos como "todos", "convidados", "alunos", "prezados", para citar alguns exemplos).

Embora polêmico, é passo de inclusão a ser celebrado — como mostra a reportagem que começa na página 56. Ele traduz as reivindicações de um segmento da sociedade que é apartado. A existência da linguagem neutra, que começa a furar a bolha de grupos específicos, é bem-vinda ao espelhar tolerância e diversidade. Também não pode nem deve ser sinônimo de dogma (VEJA, vale ressaltar, não pretende mudar sua grafia). Mas o movimento existe e precisa ser acompanhado com o olhar histórico dedicado, por exemplo, aos protestos de libertação da mulher nos anos 1960. Houve quem os tratasse com preconceito ou desprezo, ou ambos — mas as demandas eram mais do que justas. Hoje, temos convicção absoluta de que o incômodo masculino daquele tempo foi totalmente condenável. Certamente, o repertório neutro também ganhará espaço na gangorra das relações humanas.

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL

TRANSFORMAÇÃO
Machado de Assis: a escrita primorosa do "bruxo" hoje não é mais falada nas ruas

Louve-se, portanto, a decisão do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, que em novembro suspendeu por liminar uma lei aprovada pela Assembleia Legislativa de Rondônia que proibia a linguagem neutra nas escolas e nos editais de concursos públicos. Na época, Fachin afirmou que a nova forma de se comunicar "visa a combater preconceitos linguísticos retirando vieses que usualmente subordinam um gênero ao outro". Não agradou a "todes" ou "tod@s", mas foi uma decisão sábia — permitir a livre expressão é um passo necessário contra a discriminação. Ainda que por vezes tenda ao exagero, a batalha pela neutralidade pode operar, sim, uma transformação no nosso idioma , talvez corrigindo um erro para o qual não estávamos atentos antes (os verbos "judiar" e "denegrir" caíram acertadamente em desuso, em razão do racismo e preconceito). Portanto, a questão precisa ser discutida — e não proibida em decisão monocrática. Nos próximos meses, aliás, o tema vai ser julgado pelo plenário do Supremo Tribunal Federal. Será um debate muito interessante. ■

CRISE NÃO É DESCULPA

Multibilionário, o fundador do Nubank fala das dificuldades para criar o maior banco digital do mundo, da importância da cantora Anitta na empresa e sobre doar sua fortuna às causas sociais

CARLOS EDUARDO VALIM E **FELIPE MENDES**

NUBANK/DIVULGAÇÃO

CONHECIDO por seu cartão de crédito roxo, por ter a cantora Anitta em seu conselho de administração e por uma entusiasmada base de clientes, o brasileiro Nubank deixou de ser apenas um caso de sucesso local para ser reconhecido como o maior banco digital do planeta, com quase 50 milhões de usuários. Ao abrir o seu capital em Nova York, no fim de 2021, desafiou a maré desfavorável que acometia as empresas de tecnologia e acabou avaliado em mais de 40 bilhões de dólares, à frente de todos os bancos tradicionais do país. Desde então, com o mercado mais inóspito, o Nubank perdeu 10% desse valor, um movimento que não preocupa o seu fundador, o colombiano radicado em São Paulo David Vélez, 40 anos. Em entrevista por videochamada a VEJA, a primeira concedida desde a chegada do banco à bolsa, ele lembra que o normal para a empresa é lidar com instabilidades. Ainda impressionado com o tamanho alcançado por seu banco, criado como opção às instituições financeiras tradicionais, Vélez diz que nunca imaginou que poderia ser tão rico. Dono de uma fortuna estimada em 9 bilhões de dólares, ele afirma que vai doar a maior parte ainda em vida, para não estragar o futuro dos filhos (três crianças com 4, 3 e 2 anos e um bebê que está a caminho).

A abertura de capital na bolsa de Nova York foi bem-sucedida, mas aconteceu num momento em que o grande crescimento das empresas de tecnologia durante a pandemia dava

lugar a um maior pessimismo nos mercados. Como foi esse processo? Tivemos várias semanas de bastante volatilidade no mercado. Não foi o ambiente perfeito para fazer o IPO. Várias aberturas de capital planejadas para acontecer na época não saíram. Mas correu tudo bem. Além do IPO em si, a gente fez um programa para dar de graça aos nossos clientes brasileiros uma BDR (recibo de ação) para a maior quantidade de pessoas possível. No fim, doamos 7,5 milhões de BDRs e tivemos cerca de 800 000 clientes que investiram no IPO diretamente pelo nosso aplicativo. Na verdade, fizemos dois IPOs ao mesmo tempo, ao vender ações nos EUA e BDRs no Brasil.

Apesar da abertura bem-sucedida, as ações das empresas de tecnologia têm sentido bastante as atuais circunstâncias econômicas, e o próprio Nubank teve uma queda de 10% em seu valor. Como planejam superar isso? Para a gente, é basicamente conviver com mesma volatilidade, o mesmo cenário macroeconômico ruim, que enfrentamos durante toda a nossa existência. Não tem nada novo. Lançamos o Nubank em 2014. Desde então, o PIB do Brasil teve uma contração de cerca de 7%. A empresa viveu duas recessões, um impeachment, a pandemia de Covid-19. O único Brasil que conhecemos é o Brasil na recessão. A gente sonha em algum dia ver o Brasil crescendo 7% ao ano, mas infelizmente só pegamos situação muito complicada. A grande vantagem de uma empresa de tecnologia, como a gente, é que as tendências que aceleram nosso crescimento de longo prazo não se relacionam com esse cenário que se vê no dia a dia. Então, o pouco que você tem de acreditar para investir no banco é: vai ter mais pessoas utilizando smartphones daqui a cinco anos ou não? Vai ter mais pessoas utilizando bancos digitais daqui a cinco anos ou não? Vai ter mais pessoas que vão querer pagar zero de tarifa daqui a cinco anos ou não?

“Nós enfrentamos dificuldades em toda a nossa existência. Lançamos o Nubank em 2014, e só conhecemos o Brasil em recessão. Isso não tem nada de novo para a gente”

O que esperam de 2022 e como as eleições podem impactar nos negócios? Infelizmente, a gente acha que o ano não será de crescimento forte na economia. E vemos isso como uma tendência global. As taxas de juros estão subindo mundialmente. Mas sempre há muita oportunidade no Brasil. Olha a empresa que a gente conseguiu construir nos últimos oito anos. E veja os setores da economia, especialmente os ligados à tecnologia, que estavam crescendo 100%, 200% ao ano. E vão continuar assim, independentemente do crescimento ou não da economia. É importante continuar pensando no longo prazo, pensando nas oportunidades que uma economia tão grande como a brasileira tem. Muitos desses problemas, como a falta de acesso aos serviços financeiros, à saúde e à educação, são oportunidades para empreendedores criarem novas empresas.

A falta de empenho do governo para fazer as reformas foi decepcionante? Prefiro não comentar. A gente fica 100% do tempo focado no que a gente consegue controlar. Mas há que ser dito que o trabalho do Banco Central tem sido espetacular. É um exemplo global do que um regulador consegue fazer para trazer mais concorrência no mercado e, no fim das contas, ajudar as pessoas no país. É realmente um caso para ser estudado.

A pandemia transformou o modo como o consumidor lida com a tecnologia. Como isso afetou o Nubank? Nossas taxas de crescimento antes da pandemia eram realmente absurdas e, na pandemia, aumentaram. Mas mudou também o tipo de cliente. Antes, cliente acima de 40 anos realmente não olhava o Nubank. Achava que era um produto para millennials, para estudantes. Quando a pandemia chegou e forçou o fechamento das agências bancárias, isso forçou uma mudança de comportamento. Chegamos a ver mais de 1 milhão de clientes acima de 60 anos abrindo conta no Nubank, fazendo cartões de crédito ou pegando empréstimos. E, uma vez que os clientes começam a utilizar o banco digital, eles não voltam atrás.

Como foi a experiência de ter se tornado um multibilionário em menos de uma década? Sendo supersincero, nunca pensei que criaria uma empresa desse tamanho e que teria essa quantidade de dinheiro. Minha esposa e eu não viemos de família rica. A gente veio da classe média e em nossa família não precisamos de tanto dinheiro para viver e não temos uma vida de tanto luxo. Discutimos muito o que fazer com esse dinheiro e decidimos que não queremos deixar para os nossos filhos. Deixar para eles seria o pior que podemos fazer por eles. É preciso um trabalho muito duro para você vencer na vida. E enfrentar esse desa-

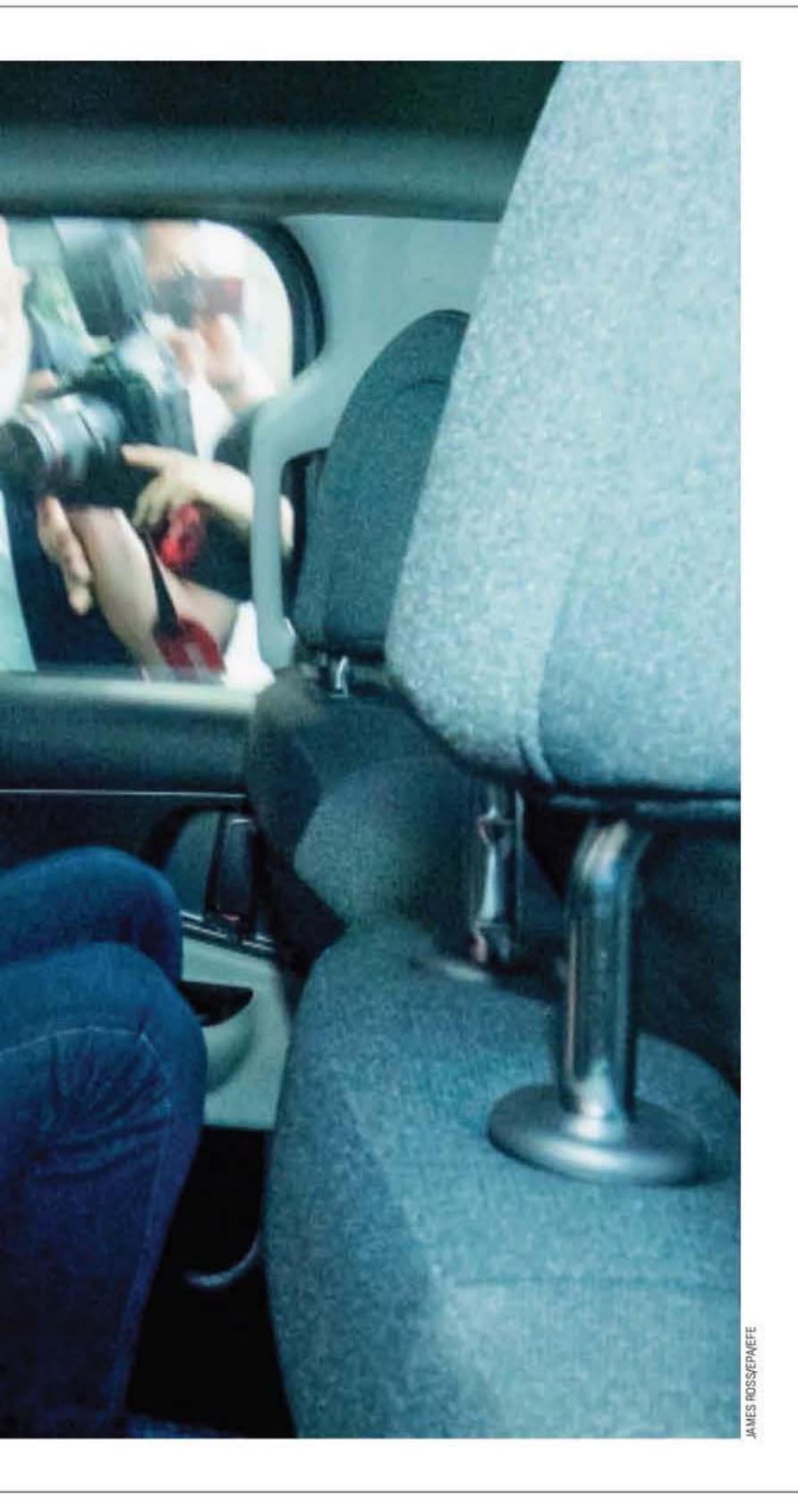
fio para mim é uma das grandes satisfações que existem. Isso cria uma autoestima, uma força de caráter impressionante. Se você der um cheque em branco para o seu filho, você tira isso dele. Então, se não vamos usar esse dinheiro, nem deixar para eles, a pergunta foi: o que vamos fazer? A resposta foi muito fácil. Vamos criar mais impacto, atacar mais problemas. E vamos fazer isso de um jeito diferente, com grande inovação na filantropia, como fizemos com o Nubank. A gente ainda está no processo de criação, temos uma equipe pequena, em processo de startup ainda. Mas estamos muito emocionados com o impacto que esse dinheiro pode trazer ao Brasil, à Colômbia e à América Latina por quatro ou cinco décadas.

Uma entrevista de sua sócia, Cristina Junqueira, sobre a dificuldade de contratar negros foi alvo de uma grande polêmica no passado. Como uma empresa do porte do Nubank pode contribuir no aspecto social e de diversidade? Começamos 2021 com um plano superambicioso de diversidade e inclusão e terminamos o ano com algumas métricas das quais temos bastante orgulho. Por exemplo, 41% dos contratados em 2021 foram negros ou pardos. Já estamos na direção certa. Estamos criando um câmpus em Salvador, um centro de inovação, onde esperamos estar mais perto dos clientes e também recrutar os talentos incríveis que existem lá. Também anunciamos um plano de começar a investir em startups fundadas por negros. No ano passado, no primeiro ano, doamos mais de 1 milhão de reais e também demos mentoria a essas startups. Ainda falta mais trabalho. Também existe a inclusão de mulheres. Hoje, temos no Nubank 40% de mulheres, o que é bastante alto em comparação com o setor financeiro, ou mesmo com o de tecnologia. A pauta de diversidade é uma prioridade para a gente. É um plano bem ambicioso de vários anos.

Entre os movimentos de impacto do Nubank está a escolha da cantora Anitta para o conselho de administração. Como se deu a decisão de convidá-la para esse posto? Um dos nossos valores é que ações falam mais alto do que palavras. Uma coisa é falar de diversidade, outra coisa é ter um conselho diverso. O conselho de administração é o órgão mais importante de uma organização. E me incomodava pessoalmente que os nossos conselhos eram muito homogêneos. Diversidade sempre foi um valor desde o começo do Nubank, em 2013. Eu achava isso meio contraditório. Era muito homem branco, e muitos deles brancos americanos, que nem entendiam quem é o nosso consumidor. Temos membros do conselho que são excelentes investidores de tecnologia, que conseguem agregar muito em termos de estratégia, de tática, mas faltava maior diversidade e conhecimento do nosso cliente. Em 2021, tivemos essa ideia de criar um choque de diversidade no conselho. E a Anitta fazia muito sentido para isso. Primeiramente, por ser completamente diversa desse conselho, uma mulher que nasceu numa favela do Rio de Janeiro, que representa o nosso cliente e traz uma visão que ninguém mais ali poderia trazer. Não foi uma decisão fácil. Houve muitas críticas, e ainda continuam: como assim uma artista pop num conselho de banco? Eu dizia: "Pessoal, se quisermos trazer alguém para falar do balanço contábil, do nosso modelo de crédito, não seria ela a escolhida. Mas é algo que vai além disso".

> **"Nunca pensei que criaria uma empresa desse tamanho e teria todo esse dinheiro. Eu e minha esposa discutimos muito o que fazer e decidimos que não vamos deixar para nossos filhos"**

E qual foi o resultado prático de tal escolha? Quando levamos a ideia do programa dos clientes-sócios para o nosso conselho, de oferecer de presente um BDR a 16 milhões de clientes, a primeira reação da maior parte dos conselheiros tradicionais era perguntar: "Mas e aí, como assim de presente? Qual é o retorno? O que você vai ganhar? O que o cliente vai lhe dar? Qual o valor presente desse investimento?". Ou seja, eu diria que nenhum banco tradicional brasileiro teria aprovado esse investimento. Ninguém fez isso na história do Brasil. Mas, quando levamos isso para o conselho, a Anitta logo de cara disse: "Gente, faz todo o sentido do mundo. Vocês não têm ideia de como vai ser importante para os seus clientes, para aumentar a fidelidade, para aumentar essa conexão, para aumentar a inclusão financeira, para explicar a este povo o que significa ser um investidor. É superimportante fazer isso". Quando existe alguém no conselho falando isso, os outros conselheiros dizem: "Ah, tá bom. Entendi!". Faltava esse ponto de vista. Era isso que a gente queria trazer com ela, trazer diferentes pontos de vista. Esse é um exemplo perfeito do que a diversidade pode trazer para uma empresa com a base de clientes e o porte do Nubank. ■

JAMES ROSS/EPA/EFE

O PAPELÃO DE "DJOCOVID"

NOVAK DJOKOVIC, um dos tenistas mais talentosos da história, deu a sua maior bola-fora, e justamente quando poderia se consagrar como o maior de todos. Empatado em títulos de Grand Slam (vinte) com Roger Federer e Rafael Nadal, o número 1 do mundo queria se isolar como recordista no **Aberto da Austrália, mas deixou o país pela porta dos fundos, deportado. Na direção oposta à ciência,** ele vem colecionando trapalhadas na pandemia. Organizou um torneio com público em sua terra natal, no qual abraçou até crianças. Resultado: vários contaminados, incluindo ele próprio. Sempre se mostrou contrário à obrigatoriedade da vacina e se negava a revelar se havia se imunizado. Diante da exigência, admitiu: não se protegeu, mas fez de tudo para burlar as leis e buscar o décimo troféu em Melbourne. O vexame teve início no dia 5, quando desembarcou com uma exceção médica aprovada pelo torneio. A imigração local resistiu. Deu-se um enorme conflito diplomático. Djoko ficou em um hotel para imigrantes ilegais, obteve recurso, chegou a treinar, mas foi vencido pela decisão final da Corte. Para piorar, "Novax Djocovid" (os apelidos foram inevitáveis) admitiu um erro no preenchimento do formulário de viagem e que desrespeitou o isolamento após testar positivo. Não há desculpas: foi um papelão completo diante de uma doença que matou mais de 5 milhões de pessoas no mundo. Roland Garros já avisou que sem vacina ele não pisa em Paris. Aos 34 anos, Djokovic deve alcançar, mais cedo ou mais tarde, o recorde que tanto busca. Limpar a pecha de negacionista será bem mais complicado. ■

Luiz Felipe Castro

REPRODUÇÃO

“Sinto falta de andar pelas ruas.”

PAPA FRANCISCO, ao ser flagrado por um repórter, em Roma, em breve visita a uma loja de discos de amigos de longa data

“É muito difícil tirar as pessoas de onde elas já moram.”

ROMEU ZEMA, governador de Minas Gerais, ao comentar as mortes e prejuízos provocados pelas chuvas de verão no estado

“O Alckmin é a contradição a tudo isso que fizemos e pretendemos fazer.”

RUI FALCÃO, deputado federal, ex-presidente do PT

“O ministro da Saúde não é um despachante de decisão da Anvisa.”

MARCELO QUEIROGA, ministro da Saúde, despachante das ideias negacionistas do presidente Jair Bolsonaro

“Pare com essas mentiras malucas para os livros de Hollywood. Só uma escória inventaria essas coisas sobre alguém.”

BRITNEY SPEARS, em suas redes sociais, ao responder à irmã, Jamie Lynn, que a acusou de ter prendido as duas em um quarto com uma faca, anos atrás

“Isso nos coloca a questão central da eleição: qual será o dia seguinte? (...) de um governo que fez o maior programa assistencial da história do país (treze anos do Bolsa Família em apenas um... aceitem, que dói menos) sem aumentar o endividamento?”

CIRO NOGUEIRA, ministro da Casa Civil de Bolsonaro, em comentário um tantinho difícil de aceitar

“Só para deixar claro, Bolsonaro definitivamente não diria às pessoas para olharem para cima. Sem dúvida.”

ADAM MCKAY, diretor de *Não Olhe para Cima*, ao reagir à citação de Nogueira a respeito do sucesso da Netflix, como se o presidente brasileiro estivesse do lado certo da história

“Quando se começa uma empresa, você deve se perguntar: ‘Quais são meus valores de vida?’.”

STEVE WOZNIAK, um dos criadores da Apple, ao lado de Steve Jobs

“Dividimos um projeto político e muita alegria.”

IRINA KARAMANOS, educadora e liderança feminista, ao falar de seu namorado, o presidente eleito do Chile, Gabriel Boric

“Os bebês são a melhor revanche contra os nazistas.”

LILY EBERT, húngara de 98 anos, sobrevivente de Auschwitz, ao celebrar o nascimento de seu 35º bisneto.

“Meu amor, minha companheira, minha melhor amiga.”

BARACK OBAMA, ao postar foto no Instagram em que aparece dando um beijo em Michelle, ao comemorar os 58 anos dela

“Quero que este prêmio represente um antes e um depois. Todas as meninas devem ter a oportunidade de ser jogadoras de futebol, pouco importa de onde venham, onde nasceram, a cor de pele e sua orientação de gênero.”

ALEXIA PUTELLAS, atacante do Barcelona, eleita a melhor do mundo pela Fifa

FACEBOOK @GISELE

“A vida é preciosa porque você não pode assistir de novo. É isso que faz a vida ser tão mágica.”

GISELE BÜNDCHEN, em sua conta no Instagram, ao colocar em off uma narração celebrando os hobbies ao lado do marido e dos filhos, como andar a cavalo, tocar violão e nadar

INSTAGRAM @LUPITANYONGO

MUSA ECLÉTICA Lupita: "Eu me vejo como parte da mudança e me beneficio dela"

"O OSCAR ME ABRIU PORTAS"

Aos 38 anos, a atriz queniano-mexicana fala a VEJA sobre o desafio de viver uma espiã no novo filme, *As Agentes 355*, além de celebrar a diversidade de seus papéis e o legado do amigo Chadwick Boseman

***As Agentes 355* é um filme de espionagem com protagonistas femininas, raridade no filão. Como foi fazer parte desse grupo?** Foi a primeira vez que me vi num set em que as mulheres eram maioria não só no elenco, mas nos bastidores. O cinema é muito masculino, especialmente em produções de ação. Foi sensacional participar de um filme de espionagem no qual as mulheres não estão ali como um enfeite sensual, ou para fazer comédia.

Sua carreira é pautada por tipos variados, desde uma mulher escravizada e uma princesa africana até, agora, uma espiã nerd. É proposital a busca por papéis tão distintos? Aprecio a diversidade de temas. Não faço de propósito, posso repetir uma profissão, mas me interessa quando um filme proporciona a possibilidade de atuar em diferentes países, locações e novas funções.

Já sentiu pressão para interpretar personagens negros estereotipados, ligados à violência, escravidão ou serviços domésticos? Tive a sorte de ganhar um Oscar logo no meu primeiro filme, *12 Anos de Escravidão*, então as portas se abriram de forma abundante e com variedade. Mas, claro, antes passei por momentos em que só me ofereciam papéis como esses que você citou. Mas vejo isso como uma falta de imaginação da indústria, sempre repetindo comportamentos antigos.

Como assim? É só olhar para o mundo real e você vai ver pessoas negras fazendo de tudo, em diversas áreas. Hoje me dou ao luxo de escolher e dou preferência para papéis que demonstrem as possibilidades de escalar um ator negro fora dos estereótipos.

Hollywood passa por mudanças em busca de mais diversidade. Como encara a tendência? Eu me vejo como parte da mudança, ao mesmo tempo que me beneficio dela. Gosto de me ouvir e agir de acordo com meus valores e crenças. Reflito muito sobre o que tenho a oferecer para o mundo.

Atores como Sidney Poitier, morto recentemente, e Chadwick Boseman (1976-2020), seu amigo e com quem fez *Pantera Negra*, deixaram sua marca no cinema. A busca por um legado move suas escolhas? Não penso em legado. Maya Angelou dizia que as pessoas não vão se lembrar do que você fez, mas das sensações que lhes proporcionou. É isso que busco na vida. Adoro meu trabalho e quero tocar nas emoções das pessoas. A memória do Chadwick continua forte por essa razão. ■

Raquel Carneiro

A BRIGA COM PALAVRAS

LEONARDO LARA/O TEMPO/FUTURA PRESS

CONTRA A DITADURA Thiago de Mello: autor de *Os Estatutos do Homem*

"Fica decretado que agora vale a verdade / que agora vale a vida / e que de mãos dadas / trabalharemos todos pela vida verdadeira." A primeira estrofe de *Os Estatutos do Homem*, o mais conhecido poema do amazonense **Thiago de Mello,** escrito em 1964, logo depois do golpe militar, virou símbolo da luta contra a ditadura. Traduzido para uma dezena de idiomas, ajudou a tornar mundialmente conhecido o trabalho de um escritor que não tinha medo de brigar com palavras.

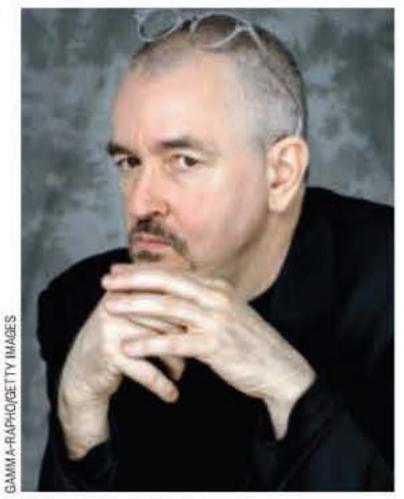
Exilado no Chile, Argentina, Portugal, França e Alemanha, nunca escondeu seu lado político, postura que o levou a ser perseguido, mas fez sempre questão de pôr no papel um outro tema de sua predileção: o zelo pela Floresta Amazônica, o cuidado com os índios e as populações ribeirinhas. Há cinco anos, em um discurso em São Paulo, ele disse: "Me despeço para permanecer". Thiago de Mello morreu em 14 de janeiro, aos 95 anos, em Manaus.

SONHOS NA TELEVISÃO

O Brasil se apaixonou pela atriz **Françoise Forton,** filha de pai francês e mãe brasileira, com a novela *Estúpido Cupido*, de 1976, escrita por Mario Prata e dirigida por Régis Cardoso. Ela fazia a estudante normalista Maria Tereza, a Tetê, moça sonhadora que deseja sair da pequena cidade de Albuquerque para ser eleita Miss Brasil. "Françoise fez parte da história de todos nós que acompanhamos seus trabalhos inesquecíveis, com talento, sorriso largo e coração grande", disse a atriz Beth Goulart. Ela morreu em 16 de janeiro, no Rio, aos 64 anos, de câncer no colo do útero.

TV GLOBO

NOVELA A atriz carioca Françoise Forton: a Tetê de *Estúpido Cupido*

GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

CARREIRA O diretor Beineix: *Diva*, *A Lua na Sarjeta* e *Betty Blue*

CALOR NAS TELAS

Nada irritava mais o diretor francês **Jean-Jacques Beineix** do que a catalogação de seus filmes como obra de um movimento intitulado pelos críticos de "cinéma du look" — eram trabalhos que zelavam pelas imagens e cores, como se tivessem sido extraídas de campanhas publicitárias, em ritmo quase sempre rápido de montagem e trilha sonora adesiva. Faziam parte da turma, além de Beineix, nomes como Luc Besson e Leos Carax. "Ninguém é profeta em sua própria terra", chegou a dizer, depois que seus longas estouraram antes nos Estados Unidos para então atrair público às salas francesas. Três clássicos modernos são de Beineix: *Diva*, de 1981, *A Lua na Sarjeta*, de 1983, com o inevitável Gérard Depardieu, Nastassja Kinski e Victoria Abril, e *Betty Blue*, de 1985, cujo título original — *37°2 le Matin* — entrega o tom mercurial do drama com pitadas eróticas que apresentou ao mundo a atriz Béatrice Dalle. Seu último trabalho, de 2013, foi um documentário para a televisão sobre descobertas arqueológicas na França. Morreu em 14 de janeiro, aos 75 anos, em Paris, de causas não reveladas pela família. ■

FERNANDO SCHÜLER

A ERA DA DISPERSÃO

O PERIGO chegou de mansinho. Você precisa entregar aquele projeto, na empresa, e quando menos percebe está assistindo a vídeos sobre tsunamis no YouTube. Você decide fazer aquela pós-graduação que planejava há muito tempo, mas na sexta-feira à noite, no meio da aula, está perdido checando mensagens, no WhatsApp, ou bisbilhotando a vida de um monte de gente que você mal conhece, no Instagram.

Leio que nós, brasileiros, gastamos três horas e 42 minutos todos os dias nas redes sociais. Pouco mais de dez horas na internet, sendo metade disso em um telefone celular. Achei incrível isso. Gastamos mais de vinte horas por mês só no TikTok, e a coisa vem crescendo. Fui somando tudo com o que as pessoas presumivelmente fazem desconectadas (dormir, por exemplo, ou quem sabe ler alguma coisa) e a conta não fecha. Será que as pessoas transam checando o último bate-boca no Twitter? A última novidade parece ser o metaverso. Vejo um especialista animado dizendo "você poderá ser qualquer coisa por lá, um gato, um coelho, ou mesmo um Elvis Presley", e garante que será a rede dominante no futuro próximo.

Há quem diga que não vê nenhum problema nisso. A sobrecarga de informação é um fato do nosso tempo e é natural que percamos um pouco do dia separando o joio do trigo. Há quem vá mais longe e diga que a dispersão no mundo digital pode ser mesmo um modo de vida. Conheço uma senhora que passa o dia no YouTube, e parece que está tudo bem. De vez em quando ela faz um comentário do tipo: "Viram a última gafe do Faustão?". A psicanalista Élisabeth Roudinesco vai nessa direção. Ela diz que "estar o tempo todo conectado é melhor do que usar drogas". Achei fraco o argumento. Sou dos que desconfiam que há um problema bastante grave aí, que em geral costumamos empurrar para debaixo do tapete.

ISTOCK/GETTY IMAGES

MUNDO VIRTUAL O metaverso: seremos mesmo qualquer coisa dentro dele?

Talvez eu ache isso porque sou professor. Percebo o efeito destruidor sobre a atenção dos alunos pela simples presença de um celular em sala de aula. Um estudo feito na Universidade Carnegie Mellon mostrou que o desempenho de alunos com seus aparelhos ligados, em testes padronizados, é 20% menor do que o de alunos inteiramente focados. Outra pesquisa mostra que levamos até 23 minutos para retomar a atenção quando somos interrompidos. Se fossem dez ou quinze minutos, isso não faria lá grande diferença. Esse não é o ponto central.

O ponto é que andamos em meio a uma guerra. Quem faz o alerta é um ex-estrategista do Google, James Williams, que lança agora no Brasil seu livro *Liberdade e Resistência na Economia da Atenção*. Williams trabalhava no Google exatamente na área de "programação persuasiva". Era pago para criar estratégias de "captura" da atenção das pessoas. Em um dado momento, percebeu que ele mesmo havia perdido o controle. Não era a primeira vez que tinha acontecido isso. No ensino médio se meteu com games digitais e quase dançou. Depois fez uma carreira de sucesso, na indústria da tecnologia, focado em "fidelizar" usuários, até perceber que ele mesmo havia sido fisgado. A partir daí, deu um tempo. Foi estudar em Oxford e tentar decifrar o problema.

Ele diz que vivemos uma epidemia. Que há uma indústria inteira focada em capturar aquilo que cada um de nós tem de mais importante: nosso tempo e nossa atenção. Captura voluntária, feita com técnicas sofisticadas de inteligência artificial, uso de cookies, de clickbaits, aqueles conteúdos "caça-cliques" com títulos do tipo "Dez vídeos que vão fazer você chorar", e coisas do tipo. O tempo de atenção de cada indivíduo passou a ser milimetricamente monitorado. Se tornou, ele mesmo, o produto. Há um velho conceito de "liberdade como autodomínio" em jogo aí, e é precisamente isso, a retomada do controle sobre nossa própria atenção, que Williams enxerga como o "grande desafio da nossa época".

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

A informação foi, no passado, um bem escasso. Em *Relatos do Mundo,* Tom Hanks faz o papel de um veterano da Guerra Civil que ganha a vida lendo notícias de jornal em teatros e igrejas nas pequenas cidades do Velho Oeste. A atenção, à época, era abundante, diante da informação rarefeita. A coisa hoje se inverteu. A informação se tornou abundante e a atenção, um recurso escasso. Acessamos muito mais informação do que precisamos. Ela vem de maneira caótica, em boa parte mesquinha, feita de qualquer besteira capaz de capturar nossa atenção.

Sempre me surpreendo com o oceano de informação irrelevante que toma conta do debate público. O acidente de moto do general Pazuello, a "quentinha" do Wagner Moura com os sem-teto, a última treta do Zé de Abreu com não sei quem. A lista dos trend topics do Twitter é um bom mostruário do besteirol infinito, mas está longe de ser o único. O resultado está aí. A política transformada em um exercício permanente de incomunicabilidade, em que cada um tem a sensação de ganhar alguma coisa, no curtíssimo prazo, e todos perdem, coletivamente.

"Há uma epidemia: uma indústria inteira querendo capturar nosso tempo"

O primeiro resultado da dispersão crônica é a perda do sentido de potência e realização pessoal. Tenho um amigo escritor que a cada dois anos passa um tempo numa pousada, no interior, escrevendo seus livros. Ele guarda o celular em um cofre e desliga seu acesso à internet. Ele entra em flow. Um estado de completa imersão no que está fazendo. Isso lhe dá um sentido de autodomínio e a sensação de que realmente está fazendo o que havia decidido fazer. O modo dispersivo dos meios digitais poderia tirar tudo isso dele. Em troca, lhe daria uma sucessão de recompensas de curto prazo, em geral inúteis.

Outro resultado são as microafetações de humor. Há uma tonelada de estudos que mostram a conexão direta entre o uso intensivo de redes sociais e o aumento da ansiedade e do estresse. A permanente comparação de sua vida real com a vida "editada", dos outros; a raiva que dá, todas as manhãs, ao checar as opiniões do político que você odeia e dos queridos amigos que gostam dele. Um grupo de pesquisadores da Universidade de Pittsburgh conduziu um amplo estudo identificando "uma significativa associação entre o uso das mídias sociais e o aumento da depressão". Eu me lembrei da definição algo poética de Tim Wu sobre a liberdade: a possibilidade de "viver sem ansiedade". No fundo é isso que está em jogo.

Sou vivido demais para acreditar que produziremos uma "solução coletiva" para esse problema todo. Que iremos disciplinar as redes sociais, que as big techs ajustarão seus algoritmos, ou que algum cometa cairá sobre a Terra e desligará a internet por duas ou três gerações. O mercado e o avanço tecnológico tratarão de despejar mais e mais informação sobre a nossa cabeça.

De modo que me permito deixar um conselho neste ainda quase início de ano: larguem um pouco a internet. Em especial, as mídias sociais. Há quem ganhe dinheiro com isso, mas não são muitos. A maioria só perde seu bem mais precioso: o tempo. Esse bem fugidio, que apenas vai escorregando, sem que a gente perceba, e cujo preço, no final, vem na conta de uma tristeza morna por tudo aquilo que deixamos de viver. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBEDESCE

SOBE

ROBERT LEWANDOWSKI
O artilheiro da seleção da Polônia, que é também ídolo do clube alemão Bayern de Munique, foi eleito o melhor jogador de 2021 pela Fifa.

ÁUSTRIA
Foi o primeiro país europeu a tornar obrigatória a vacinação contra a Covid-19. A multa para adultos que recusarem a imunização chega a 3 600 euros.

ZENDAYA
Euphoria, a controversa série juvenil protagonizada pela atriz, que é muito popular entre adolescentes, tornou-se a maior estreia já vista na HBO Max na América Latina.

DESCE

ROBINHO
A última instância da Justiça italiana confirmou a pena de nove anos de prisão para o jogador pelo crime de estupro.

CASAMENTOS
Os cartórios brasileiros registraram no ano passado mais de 77 000 divórcios, número recorde desde que as casas notariais ganharam por lei, em 2007, o direito de formalizar os processos não litigiosos do tipo.

KUWAIT
Uma das nações mais ricas do mundo, o país do Oriente Médio está se tornando inabitável devido à repetição de temperaturas elevadas demais.

O sonho petista
Lula ensaia em sigilo um novo movimento ousado no ninho tucano. Aliados dizem que o ex-presidente trabalha para ter **Arthur Virgílio** no projeto lulista. "Daria um ótimo chanceler no futuro governo", diz um petista de proa.

Sou do ninho
O petismo pode até querer, mas Virgílio, que esteve com Lula no famoso jantar de advogados, já se definiu: lutará por João Doria na campanha e tentará voltar ao Senado pelo Amazonas.

Diálogos revelados
Jair Bolsonaro que se prepare. Aquelas mensagens de WhatsApp que Sergio Moro guarda há tanto tempo, com carinho, vão aparecer em breve.

Vai doer, mas vai passar
Além do presidente, dois ministros palacianos ficarão em péssima luz nos registros. Sorte de todos que a denúncia ao STF depende da PGR. Augusto Aras, como se sabe, odeia Moro.

O piloto sumiu
Janeiro está no fim e, até o momento, Bolsonaro não convocou uma reunião ministerial sequer para definir planos e metas de trabalho de ministros no ano. É um governo no piloto automático.

Criador e criatura
Eduardo e o pai, Bolsonaro, brigaram. Um acusa o outro de ter criado o "problema" Abraham Weintraub.

Não escreve, não liga...
Tucanos de alguns estados estão insatisfeitos com João Doria. Dizem que ele ligava todo dia na campanha das prévias. Agora candidato, sumiu.

KARLA VIEIRA

DESEJO Virgílio: Lula adoraria vê-lo ao lado de Geraldo Alckmin no palanque do PT

Dinheiro público
O PDT de Ciro Gomes torrou 90 000 reais numa estátua de bronze, em tamanho real, de Leonel Brizola.

Também quero brincar
Um famoso delator da Lava-Jato vai entrar no Twitter. Quer devolver ataques do petismo. "É muito fácil bater em mim, mas todo mundo sabe da real história. Agora vou começar a falar. Vamos ver quem ganha", diz ele.

O poder do perdão
Beto Richa e Roberto Requião fizeram as pazes num encontro recente em Curitiba. Ratinho Junior que se cuide.

Na casa do outro
Moro, aliás, escolheu São Paulo para montar seu principal comitê de campanha. Vai lutar no coração do bolsonarismo — e na casa de Doria.

Qual é o seu lado?
O petista José Guimarães está produzindo um desses milagres da política brasileira em tempos eleitorais. Vai unir o PT do Ceará ao projeto presidencial de Ciro Gomes — que malha Lula e Dilma Rousseff — no estado.

Briga na fronteira
O MDB do Rio Grande do Sul está em guerra. De olho no Palácio Piratini, o deputado Alceu Moreira quer levar o partido para uma aliança com Eduardo Leite. Já Osmar Terra, também deputado, quer apoiar José Ivo Sartori ou Onyx Lorenzoni.

Recomeço
De volta ao setor privado, Fabio Wajngarten, ex-Secom, se prepara para colocar no mercado um software de análise da cobertura jornalística em rádio e TV. Vai oferecer relatórios sobre tudo o que é dito nesses meios.

Vergonha nacional

O canal de denúncias da pasta de Damares Alves registrou 680 843 ocorrências de violações de direitos contra pretos, pardos e indígenas em 2021.

Na gaveta

O Ministério Público acionou a Justiça para fazer andar um processo contra o hacker Walter Delgatti Neto, aquele que roubou as conversas da Lava-Jato. Delgatti ainda usa tornozeleira, mas um inquérito contra ele, diz o MP, está parado desde o fim de 2020.

Eu voltei...

Empreiteiro da Engevix preso pela Lava-Jato, Gerson Almada está de volta ao mercado. Abriu uma consultoria.

Reforço internacional

Presidente do TSE, **Luís Roberto Barroso** vai aos Estados Unidos em fevereiro para receber o relatório da OEA sobre as eleições municipais de 2020. Vai encaminhar também o pedido da presença do órgão no pleito deste ano.

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

VAI COMEÇAR Barroso: reunião com a OEA para tratar das eleições

Esqueleto petista

Chegou no último dia 11 na Suprema Corte do Texas a minuta final do acordo entre a Petrobras e a Astra. É o fim da guerra pela refinaria de Pasadena.

Baita rombo

A Petrobras acionou o TCU para cobrar a restituição do dinheiro desviado pela Odebrecht em contratos de 2005, durante o primeiro governo Lula.

Novos campeões

As três empreiteiras que mais faturam hoje na Petrobras, aliás, são: Kerui Método Construção e Montagem, Toyo Setal e Engecampo Engenharia.

Caminho amargo

Com novos reajustes de combustíveis a caminho, a Petrobras alinhou o discurso. Um executivo diz que não há saída: ou sobe o preço ou faltará gasolina na bomba: "Ninguém vai importar combustível caro pra vender barato aqui".

Abandonar o navio!

Paulo Guedes vive nova crise na Economia. Nomes da equipe com os quais ele acreditava contar até o fim do ano já garimpam posições no mercado.

Boas oportunidades

O BNDES de Gustavo Montezano coloca na rua, em fevereiro, seis editais de projetos de infraestrutura. O banco também prepara o IPO da Corsan, a empresa de saneamento gaúcha.

Novos ventos

Uma das primeiras medidas de Josué Gomes no comando da Fiesp foi trocar o economista-chefe da instituição. Sai André Rebelo e entra Igor Rocha.

VICENTE DE MELLO

ATRAÇÃO Adriana: a artista terá exposição na Pinacoteca de São Paulo

Derrota por W.O.

A Advent International, fundo gringo que iria investir 1 bilhão de dólares na criação de uma nova liga de clubes de futebol por aqui, pulou do barco.

A arte imita a vida

Depois de ter 319 000 visitantes em 2021, a Pinacoteca de SP começa o ano com uma exposição de **Adriana Varejão.** O destaque é a obra *Ruína Brasilis*, doada por ela ao acervo da instituição. ■

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE RUY BARON (WALDIR FERRAZ); JOÃO GABRIEL ALVES/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS, LEO PINHEIRO/VALOR/FOLHAPRESS; INSTAGRAM @WFERRAZVOOLIVRE

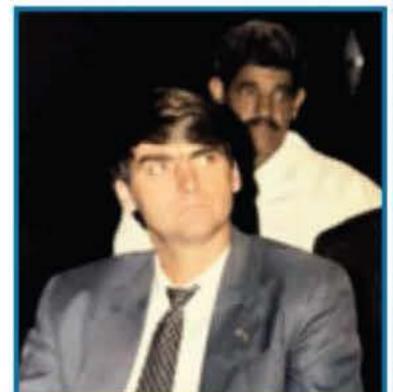
UMA LONGA HISTÓRIA DE RACHADINHAS

Amigo há mais de três décadas e ex-assessor de Bolsonaro, Waldir Ferraz admite a existência do esquema, culpa uma ex-mulher do mandatário pelo caso e diz que ela chantageia até hoje o presidente

LARYSSA BORGES

Em um sobrado simples em uma rua de terra batida no Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro, um ateliê de costura improvisado divide espaço com um amontoado de papéis, recortes de jornal e lembranças dos mais de trinta anos de trajetória política de Jair Bolsonaro (PL). Entre roupas para conserto e croquis para a confecção de equipamentos de voo livre, mora, sozinho, o aposentado da Marinha Mercante Waldir Ferraz, 1,88 metro, magérrimo e autointitulado o amigo "Zero Zero" do presidente da República. Jacaré, o apelido que ganhou desde os tempos em que acompanhava o ex-capitão na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, não é um bolsonarista qualquer. Ele é bolsonarista antes de Jair ter entrado para a política, antes de o bolsonarismo ter virado uma ideologia para pelo menos 20% dos brasileiros e antes de os filhos e ex-mulheres terem se tornado um motivo frequente de dor de cabeça para o presidente. A amizade entre os dois começou há mais de três décadas a partir da insatisfação que ambos compartilhavam com os baixos salários pagos aos oficiais. Desde então, só se fortaleceu.

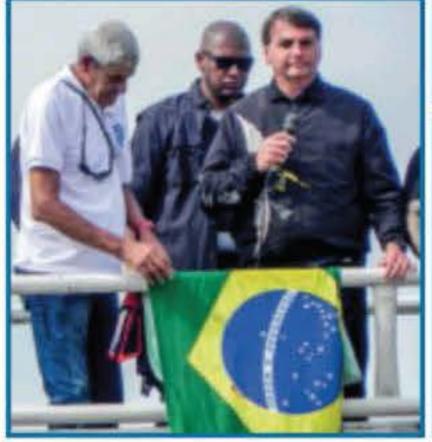
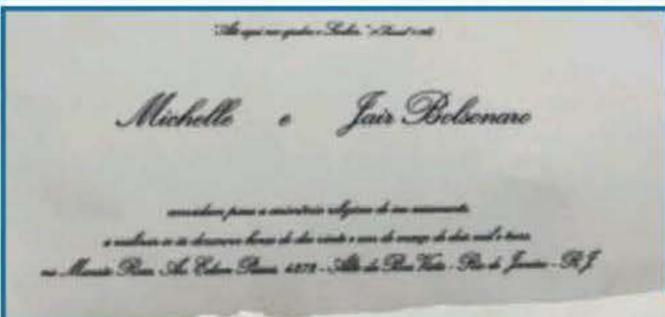
Jacaré guarda como relíquias os convites para a primeira posse de Bolsonaro como vereador e para o casamento dele com a primeira-dama, Michelle. Mais importante: mantém intactas a intimidade e a conversa franca com o amigo poderoso. "O tempo todo ele me chama de 71 *(corruptela do artigo que define o crime de estelionato)*, e eu respondo: 'Eu não sou político, você é que é'." Pelas mãos do ex-capitão, Jacaré foi contratado para trabalhar nos gabinetes de Bolsonaro na Câmara dos Deputados e de Carlos Bolsonaro na Câmara de Vereadores do Rio — e também recebeu duas condecorações do governo federal, uma delas das mãos do próprio presidente, por "serviços meritórios e virtudes cívicas". Sem cargo público, ele hoje brilha como expoente do grupo de inteligência particular de Bolsonaro. Diariamente, encaminha, quase sempre antes das 6 horas da manhã, toda sorte de denúncias e suspeitas ao número pessoal do presidente, salvo em sua lista de contatos como JB BR 4. Os dois têm até um código específico para tratar de conspirações e movimentações políticas. "Como tá o clima aí?"

RUY BARON

é a senha disparada por Bolsonaro, que em seguida recebe informes sobre possíveis apoios para a campanha.

As conversas também são presenciais. Desde a época da transição de governo, Jacaré é frequentador assíduo dos palácios. Na última terça-feira, 18, ele esteve no Planalto, onde se reuniu com o presidente e, segundo ele, colocou os assuntos em dia. É com essa autoridade de quem compartilha da intimidade e da história de vida de Bolsonaro que Jacaré contou a VEJA detalhes do notório esquema da rachadinha, um dos principais motivos de desgaste para Bolsonaro desde o início de seu mandato presidencial. Em encontros no Rio de Janeiro e em Brasília, nos quais as conversas foram gravadas, Jacaré declarou que houve rachadinha nos gabinetes de Jair, Flávio e Carlos Bolsonaro e afirmou que a advogada Ana Cristina Valle, ex-mulher do presidente, foi quem organizou e comandou a arrecadação irregular de parte dos salários dos servidores, prática que configura o crime de peculato. Jacaré disse ainda que o presidente foi traído e não sabia dos rolos da ex-esposa, que ainda hoje chantageia Bolsonaro, pedindo dinheiro para manter o seu silêncio. “Ela fez nos três gabinetes. Em Bra-

“Ela é muito perigosa. É uma mulher que quer dinheiro a todo custo. Às vezes, ela vai ao cercadinho, frequenta o cercadinho. É uma forma de chantagem. A gente nem toca nesse assunto pra não deixar o cara de cabeça quente.”
Waldir Ferraz

Michelle e Jair Bolsonaro

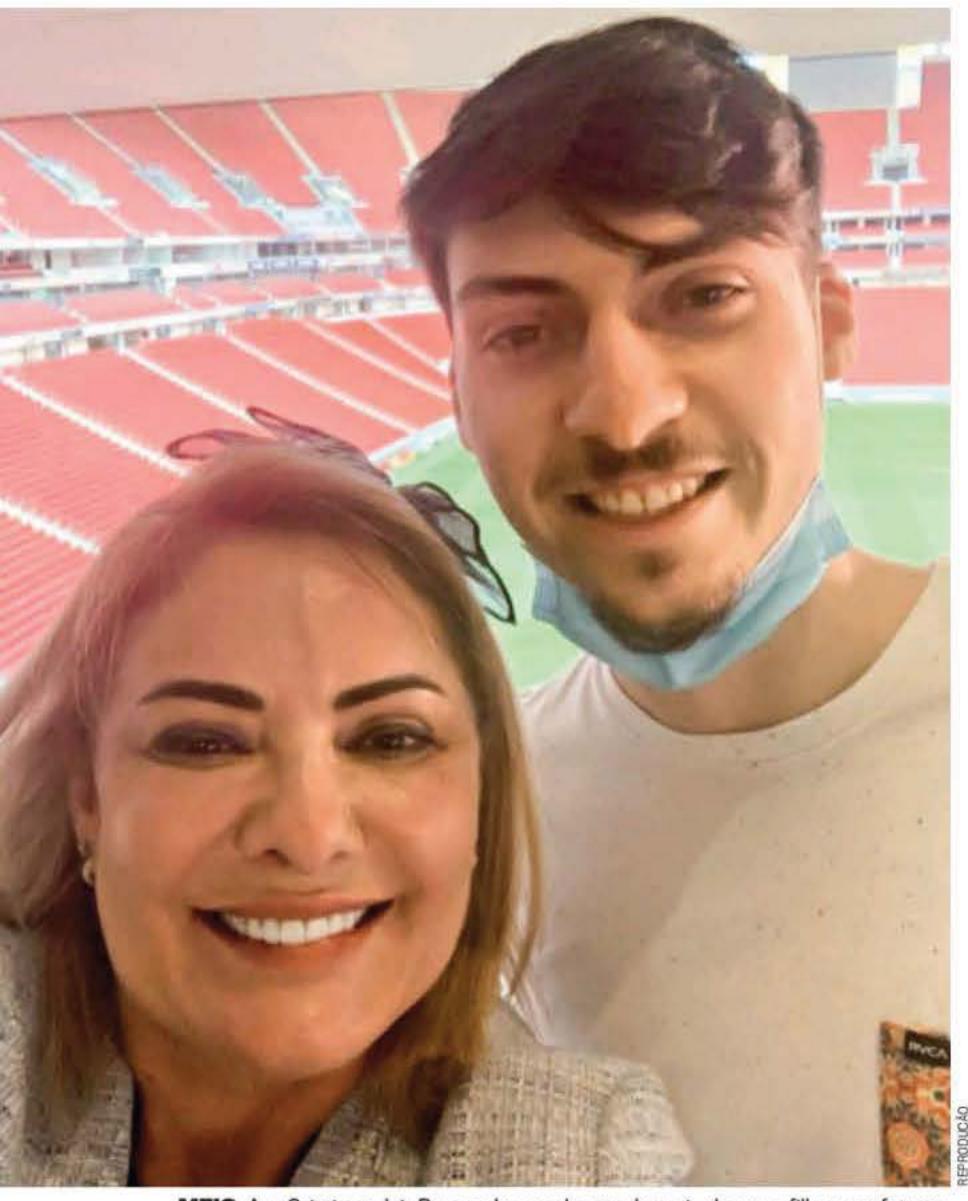
Ao Waldir Ferraz

PARCERIA ANTIGA Jacaré e Bolsonaro: a amizade iniciada em 1987, antes da entrada do ex-capitão na política, rendeu ao "Zero Zero" empregos públicos, condecorações oficiais, livre acesso a gabinetes do poder no Rio e em Brasília, convites para eventos variados e, mais importante, o direito de compartilhar da intimidade do clã presidencial

FOTOS INSTAGRAM @WFERRAZVOOLIVRE; LEKA WESOL/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS; LEKA WESOL/AG. ENQUADRAR/FOLHAPRESS; FACEBOOK @WALDIR.LUIZFERRAZ.7

sília, aqui no Flávio e no Carlos. O Bolsonaro deixou tudo na mão dela para ela resolver. Ela fez a festa. Infelizmente é isso. Ela que fazia, mas quem é que assinava?", pergunta Jacaré. "Quem assinava era ele. Ele vai dizer que não sabe? É batom na cueca. Como é que você vai explicar? Ele está administrando. Não tem muito o que fazer", acrescenta, referindo-se a Jair Bolsonaro.

De acordo com Jacaré, a rachadinha entrou nos gabinetes da família do presidente ainda na década de 90, quando ele exercia mandato de deputado federal. Naquela época, Ana Cristina, então casada com um sargento, começou a se aproximar de Bolsonaro, quando participava de um movimento de mulheres de militares que reivindicava aumento no soldo dos maridos. Jacaré conta que ela foi se "infiltrando" e rapidamente ganhou a confiança de Bolsonaro, com quem iniciou um relacionamento amoroso. Logo, Ana Cristina recebeu carta branca para administrar o gabinete de Bolsonaro na Câmara dos Deputados. Teria começado aí a história de décadas de rachadinha na família presidencial. Segundo Jacaré, o esquema funcionava da seguinte maneira: responsável por uma cota de contratações, Ana Cristina recolhia documentos de algumas pessoas, abria contas bancárias em nome delas e embolsava grande parte de seus salários. Muitas vezes, o funcionário era fantasma e nem sequer tinha conhecimento de que estava oficialmente empregado no gabinete de Bolsonaro. Jacaré alega que quem já trabalhava com o ex-capitão antes da chegada de Ana Cristina, como ele, não participava do esquema.

"A jogada dela era a seguinte: 'Quer ganhar um dinheiro? Te dou 1 000 reais por mês. Me empresta seu documento aí'. Pegava a carteira do cara que estava entrando na Câmara, recebia 8 000, 10 000, e dava 1 000 *(reais)* pro cara." Leal a Bolsonaro,

REPRODUÇÃO

MEIO Ana Cristina e Jair Renan: de acordo com Jacaré, ela usa o filho para faturar

“Não sou mentora da rachadinha. Ele *(Bolsonaro)* me chamava de sargentona, mas quem assina as nomeações e exonerações é o parlamentar. Não faz sentido assinar sem ler porque todos eles são bem instruídos.”

Ana Cristina Valle

Jacaré faz questão de ressaltar que o presidente nada sabia das traficâncias da ex-mulher. Nem ele nem seus filhos. Em sua tese de defesa, o Zero Zero argumenta que os parlamentares se preocupam apenas com a atividade política, deixando a rotina do gabinete para pessoas de confiança. “Ele, quando soube, ficou desesperado, era uma fria. O cara foi traído. Ela que começou tudo. Bolsonaro nunca esteve ligado em nada dessas coisas. O cara não tinha visão do que estava acontecendo por trás no gabinete”, diz Jacaré. “Às vezes o chefe de gabinete faz m…, e o próprio deputado não sabe. Mesmo o deputado vagabundo não sabe, só vem a saber depois.” Pelo relato do ex-assessor, Bolsonaro só veio a saber muito tempo depois. Na verdade, décadas depois — mais precisamente em novembro de 2018, após conquistar a Presidência da República.

Confrontado com a gravidade da história, o amigo diz que o ex-capitão teria entrado em contato com o esquema de rachadinhas nos gabinetes da família só depois da revelação pelo jornal *O Estado de S. Paulo* do relatório do Coaf que registrava movimentações milionárias do policial aposentado Fabrício Queiroz, acusado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro de ser o operador no gabinete de Flávio Bolsonaro na Alerj. Apenas ali ele teria puxado o fio de toda a meada. Como todo marido enganado, Bolsonaro teria sido o último a saber. De acordo com Jacaré, Queiroz, que também é amigo do presidente há mais de trinta anos, substituiu Ana Cristina como responsável pela arrecadação dos salários dos servidores, continuou o esquema sem o chefão saber. Detalhe: a ex-mulher de Bolsonaro nunca trabalhou oficialmente para o Zero Um, mas teve parentes empregados no gabinete dele na Alerj até 2018 e que hoje estão sob investigação do MP do Rio. Depois da passagem pela Câmara dos Deputados

CRISTIANO MARIZ

AFLIÇÃO Flávio: Bolsonaro foi alertado de que o Zero Um poderia pegar até vinte anos de cadeia em razão da rachadinha

com Jair, Ana Cristina foi chefe de gabinete do vereador Carlos Bolsonaro por sete anos. Ela e o Zero Dois, aliás, também são investigados pelo MP pela prática de rachadinha.

Antes de o Supremo Tribunal Federal (STF) praticamente devolver à estaca zero a apuração sobre o esquema no gabinete de Flávio, o filho mais velho do presidente foi denunciado por lavagem de dinheiro, formação de quadrilha e organização criminosa. Já Queiroz chegou a ser preso preventivamente enquanto se refugiava num imóvel de Frederick Wassef, advogado de Jair e Flávio Bolsonaro. Jacaré conta que, ainda no governo de transição, Bolsonaro ouviu de um auxiliar que o Zero Um poderia ser condenado a vinte anos de cadeia e ficou entre preocupado e emocionalmente fragilizado diante da previsão. Desde então, o caso paira como uma sombra ameaçadora sobre o presidente, seu governo e sua família. E, desde então, nas palavras do amigo, Bolsonaro vive "na corda bamba" e tem convicção de que ninguém acreditará que ele e os filhos não sabiam de nada do que ocorria dentro de seus respectivos gabinetes. "Não tem como reagir. Vai fazer o que para desmanchar isso aí? É como um beco sem saída. Ela fez uma m..., eles assinaram sem saber, e agora vão pagar caro por isso", afirma Jacaré, sempre responsabilizando Ana Cristina. "Acho que ele vai ter problema se não for reeleito. Vai tudo cair, vai perder o foro privilegiado e tal."

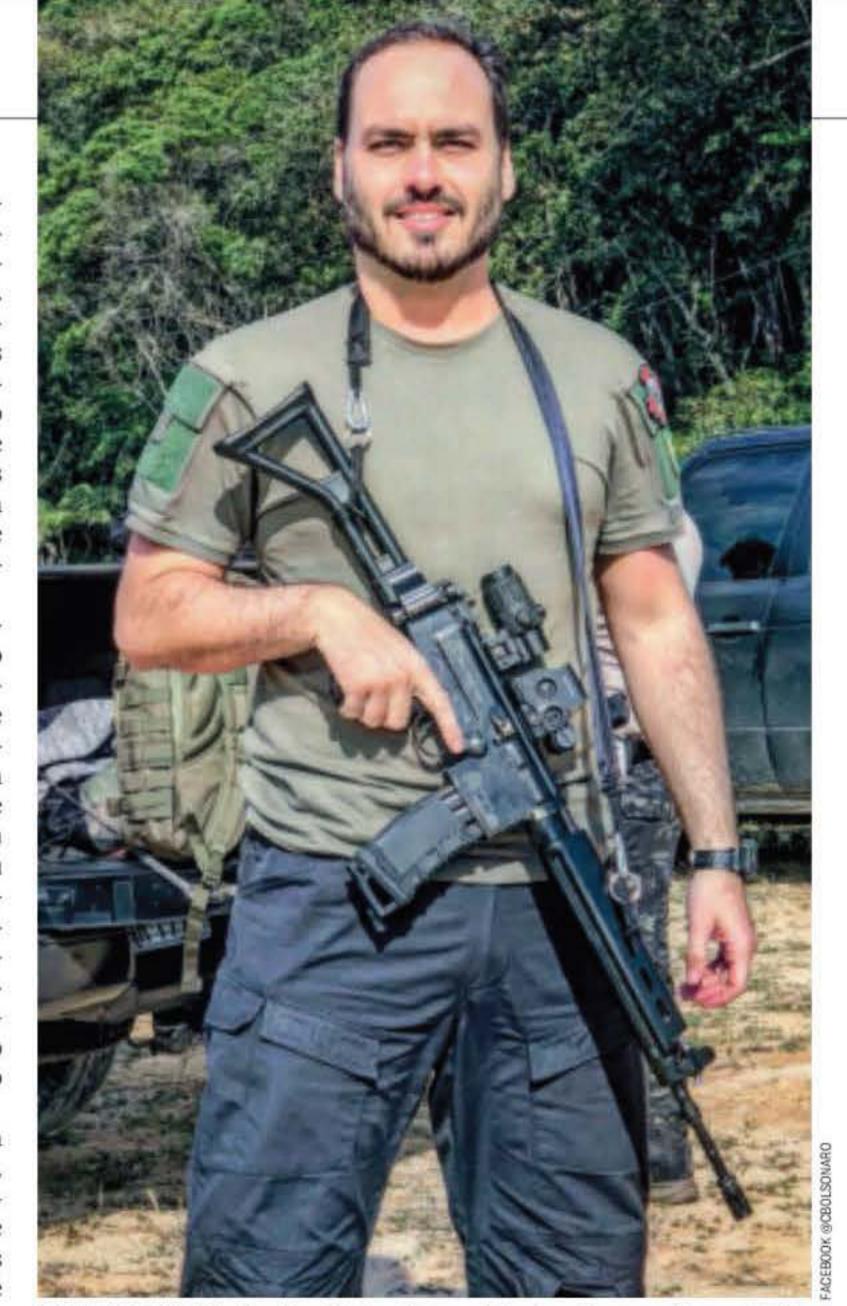
Íntimo do clã presidencial, Jacaré diz ainda que Ana Cristina chantageia o presidente. Exige dinheiro e outras vantagens para não contar o que sabe. Ela teria, inclusive, ido algumas vezes ao cercadinho do Palácio da Alvorada, onde Bolsonaro interage com apoiadores, para ser vista e percebida pelo mandatário. Só para lembrá-lo, de acordo com Jacaré, dos segredos que unem os dois até hoje e podem complicar a vida do ex-marido. "Ela é muito perigosa. É uma mulher que quer dinheiro a todo custo. Às vezes, ela vai ao cercadinho, frequenta o cercadinho. É uma forma de chantagem, lógico que é chantagem. A gente nem toca nesse assunto pra não deixar o cara de cabeça quente", acusa.

A relação de Bolsonaro com a ex-mulher, de fato, não é das mais tranquilas. Os dois se envolveram num divórcio litigioso em que, conforme revelado por VEJA em 2018, Ana Cristina o acusou de, entre joias e outras coisas, ter um patrimônio incompatível com a própria renda. No processo, ela anexou uma relação de bens e a declaração do imposto de renda do ex-marido, mostrando que o patrimônio do

casal incluía três casas, um apartamento, uma sala comercial e cinco lotes de terra que o deputado havia esquecido de relatar à Justiça Eleitoral. Sua remuneração mensal, por exemplo, seria de 100 000 reais, quase três vezes mais do que ele recebia, na época, como parlamentar e aposentado do Exército. Acusada agora por Jacaré de chefiar a rachadinha em três gabinetes da família, Ana Cristina não disse à Justiça de onde vinha a diferença de valores e recuou dessa história, dizendo que estava brava com o ex-marido.

Nos últimos tempos, embora distantes, Bolsonaro e Ana Cristina não se atacam. Após a separação, ela viveu um tempo no exterior, casou-se outra vez e em 2018, utilizando o sobrenome Bolsonaro, tentou uma vaga na Câmara dos Deputados. Obteve apenas 4 555 votos e fracassou. Em agosto do ano passado, VEJA revelou que Ana Cristina vive em uma confortável mansão no Lago Sul, bairro nobre de Brasília, com o filho Jair Renan, o Zero Quatro, também investigado por receber vantagens de empresários com interesses no governo federal. "Ela também usa o menino para fazer dinheiro", dispara Jacaré.

Na terça-feira 18, durante uma conversa por telefone com VEJA, Ana Cristina negou que tenha comandado esquemas de rachadinha, que chantageie Bolsonaro e disse que as acusações partem de inimigos que querem atingir os "meninos" Flávio e Carlos. "Se eu tiver que falar com o presidente, acha que eu vou para o cercadinho para todo mundo ficar vendo, para jornalista ficar vendo? Sou discreta", declarou. Apesar de alegar inocência e entoar um discurso em defesa do ex-marido e dos enteados, ela fez questão de arrematar sua defesa com a seguinte ponderação: "Não sou mentora da rachadinha. Ele *(Bolsonaro)* me chamava de sargentona, mas quem mandava no gabinete era ele. Quem assina as nomeações e exonerações é o parlamentar. Não faz sentido assinar sem ler porque todos eles são bem instruídos".

FACEBOOK @CBOLSONARO

INVESTIGADO Carlos: Ana Cristina foi sua chefe de gabinete na Câmara do Rio

Jacaré, que nada tem de inimigo do presidente, mantém-se vigilante. Municiar Bolsonaro com informações de coxia, que ele considera relevantes, sempre foi uma de suas missões. Não raro, o ex-capitão recebe os dados e as ideias de Jacaré e sai repetindo por aí. Numa tentativa de demonstrar quão zeloso ele é, o amigo do presidente diz ter sido decisivo para convencê-lo de que o ex-ministro Gustavo Bebianno, morto em março de 2020, estava por trás de um plano para assassinar Bolsonaro, que seria executado por Adélio Bispo, o autor da facada no ex-capitão às vésperas da eleição de 2018. Segundo a tese de Jacaré, Bebianno queria, com a morte do então candidato, ser ungido seu substituto na corrida presidencial. Ao descobrir o plano, ele teria contado detalhes da trama para o pre-

RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

CONSPIRAÇÃO Bebianno: Jacaré convenceu Bolsonaro de que o ex-ministro participou, de alguma forma, da facada

sidente e seu filho Carlos. Bolsonaro, de fato, ouviu essa história, tanto que mencionou a existência de uma conspirata para matá-lo em entrevista concedida a VEJA em 2019 — e falava explicitamente na participação de "quem estava do meu lado". Candidato à reeleição, o presidente espera explorar politicamente na próxima campanha o atentado a faca que sofreu. Ele quer usar o episódio para requentar a tese de que Adélio agiu a mando de alguém e vender a versão de que ele, Bolsonaro, enfrenta uma oposição sem limites de forças ocultas a serviço do sistema.

"É como um beco sem saída. Ela fez uma m..., eles assinaram sem saber, e agora vão pagar caro por isso. Acho que ele vai ter problema se não for reeleito. Vai tudo cair, vai perder o foro privilegiado e tal."

Waldir Ferraz

O problema dessa tese é que a própria Polícia Federal, durante o atual governo, concluiu que Adélio agiu sozinho e deu a questão da autoria por encerrada. Já o caso das rachadinhas continua em aberto e caiu no gosto popular, especialmente a informação de que Queiroz, o operador do esquema, depositou 89 000 reais para a primeira-dama Michelle. O presidente disse que esse dinheiro era parte do pagamento de uma dívida que Queiroz tinha com ele. Até aqui, a família Bolsonaro alega que as denúncias são infundadas, visam a desestabilizar o governo e partem de adversários. As declarações de Jacaré a VEJA põem em xeque essa versão. Não é um inimigo falando. O Zero Zero pode ser acusado de um monte de coisas, menos de não compartilhar da intimidade, da amizade e da história de vida de Bolsonaro. Procurado, o presidente não se manifestou até o fechamento desta edição. ■

AFP

SILÊNCIO O candidato Moro: nem ele nem a Alvarez & Marsal revelam quanto o presidenciável lucrou na iniciativa privada

AQUI SE FAZ, AQUI SE PAGA

Ganhos obtidos por Sergio Moro em empresa que lucrou com a recuperação judicial de companhias atingidas pela Lava-Jato viram munição política contra ele **LARYSSA BORGES**

QUANDO Sergio Moro aceitou ingressar na política (coisa que, aliás, jurou que jamais faria no auge da Operação Lava-Jato), aconteceu o previsível: ele passou de vitrine a vidraça. As primeiras pedradas em cima do pré-candidato do Podemos à Presidência vieram na forma de críticas pela falta de carisma e pelo excesso de propostas genéricas. Mas nada disso se compara ao ataque iniciado no fim do ano passado, época em que começaram a circular nos bastidores de Brasília boatos sobre uma espetacular remuneração que o ex-juiz teria recebido por sua rápida passagem pela iniciativa privada depois de abandonar o Ministério da Justiça. Durante dez meses, Moro prestou serviços em Washington, nos Estados Unidos, à consultoria americana Alvarez & Marsal. Desde o começo, a relação já havia provocado polêmica. Afinal, trata-se da mesma companhia responsável no Brasil pela recuperação judicial de várias empresas que foram à lona depois de processos conduzidos por Moro.

A possibilidade de o ex-juiz ter enriquecido com honorários recebidos justamente dessa empresa aumentaria em muitos decibéis o nível de um escândalo, que poderia ser fatal à pretensão dele de chegar ao Palácio do Planalto (Moro figura na terceira posição nas pesquisas). Logo no anúncio da contratação, de forma a tentar desanuviar qualquer suspeita, a Alvarez emitiu um comunicado garantindo que o trabalho a ser executado pelo novo funcionário não teria nenhuma relação com os processos de companhias como a Odebrecht, uma das principais clientes da consultoria por aqui. Mais recentemente, quando começaram a aparecer notas na impren-

sa especulando sobre a remuneração do ex-juiz nesse período, o próprio Moro veio a público rebater as insinuações. Em entrevista exclusiva publicada na última edição de VEJA, ele afirmou: "Não sou milionário e nem fiquei milionário na carreira privada".

No que se refere ao período dele como magistrado, a afirmação de Moro é respaldada por números que são públicos. Em 2018, seu último ano como juiz, ele embolsou um rendimento bruto de 646 000 reais. É um bom salário, mas insuficiente para transformar alguém em milionário. O mistério que permanece é quanto Moro recebeu de rendimentos em sua curta passagem pela Alvarez. Segundo uma nota publicada no jornal *O Globo* em dezembro de 2020, um executivo da consultoria ganhava por ano, na época, pelo menos 1,7 milhão de reais. Adversários de Moro estimam que ele tenha recebido uma valor muito maior e a discussão agora a respeito dessa cifra se encontra no Tribunal de Contas da União (TCU).

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

LIGAÇÃO A Odebrecht: cliente graúda do mesmo escritório do ex-magistrado

No fim do ano passado, o órgão notificou a Alvarez para que revelasse quanto pagou a Moro, no curso de uma investigação para esclarecer se o ex-juiz utilizou informações confidenciais da Operação Lava-Jato, como o acordo de leniência da Odebrecht, para lucrar na iniciativa privada e fechar contrato com a consultoria americana. Órgãos técnicos do TCU já se manifestaram, garantindo não haver irregularidades contra o ex-juiz e defenderam o arquivamento do caso. O relator, ministro Bruno Dantas, ainda não decidiu o que fazer com o parecer da assessoria. O impasse se explica: além do aspecto técnico, o caso carrega um importante ingrediente político. Integrantes da Corte que nunca esconderam críticas à Lava-Jato querem aprofundar a investigação, com base em uma nova leva de documentos sigilosos enviados ao tribunal. Esse material, a que VEJA teve acesso, mostra o crescimento da arrecadação do braço brasileiro da Alvarez, desde que ela se tornou responsável por processos de recuperação judicial de empresas pilhadas no petrolão — e é esse tipo de coincidência que ajuda a fomentar as suspeitas sobre Moro.

O material não comprova nenhuma irregularidade, mas tem potencial para manter o ex-magistrado sob ataque. Hoje, 75% de tudo o que a consultoria informou receber de honorários no Brasil vem de companhias enroladas na Lava-Jato. Ao todo, foram quase 42,5 milhões de reais ao longo de vários meses — 1 milhão de reais por mês da Odebrecht e da Atvos, antiga Odebrecht Agroindustrial, 150 000 da Galvão Engenharia, 115 000 reais do Estaleiro Enseada (que tem como sócias três construtoras investigadas em Curitiba, Odebrecht, OAS e UTC) e 97 000 reais da OAS.

As informações fornecidas até agora não tocam na questão dos pagamentos a Moro. Salvo alguma reviravolta, não serão dadas de forma espontânea pela empresa. Em ofício confidencial encaminhado ao tribunal, a Alvarez afirmou que não reconhece o TCU como órgão competen-

PRESTAÇÃO DE CONTAS

A consultoria Alvarez & Marsal, ex-empregadora de Moro, informou no processo, que corre sob sigilo no TCU, que recebeu mais de 40 milhões de reais nos últimos anos de empresas investigadas na Lava-Jato

CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

INVESTIGAÇÃO O ministro Bruno Dantas, do TCU: avanços na apuração sobre possível conflito de interesses no caso

te para investigar uma relação contratual privada entre ela e o ex-juiz e se recusou a divulgar a informação de quanto o ex-magistrado recebeu em honorários como seu empregado. A cifra é motivo de especulações entre desafetos do ex-ministro na Corte de Contas e até no STF. Nos bastidores, os adversários têm convicção de que Moro ficou milionário com a ajuda da consultoria que cuida da ruína das empreiteiras investigadas no petrolão.

Do lado de Moro, quem se insurgiu contra o movimento foi o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE). Ele entrou recentemente com uma representação por abuso de autoridade contra o ministro Dantas. O Grupo Prerrogativas, formado por juristas de alto escalão, muitos deles defensores de réus da Lava-Jato, e que recentemente fez um jantar em homenagem a Lula em São Paulo, publicou nota na última quarta, 19, defendendo o trabalho do TCU. "Trata-se de apuração absolutamente pertinente, uma vez que a referida empresa atuou como administradora da Odebrecht, em processo de recuperação judicial provocado diretamente pelos abusos decorrentes de medidas tomadas pelo ex-magistrado", diz o texto. "São realmente circunstâncias muito nebulosas e, ao participar da arena pública, Moro deve satisfações à sociedade", complementa o advogado Marco Aurélio Carvalho, do Prerrogativas.

MARCUS LEONI/FOLHAPRESS

ATAQUE Carvalho, do Prerrogativas: "Moro deve satisfações à sociedade"

A interlocutores, o ex-juiz disse que está sendo vítima de uma sórdida campanha de *fake news* movida por adversários. Pessoas próximas lhe informaram que tem circulado um relatório de inteligência financeira (RIF) que lhe

atribuía a movimentação de 5 milhões de dólares nos meses em que atuou na Alvarez. O documento reproduzia o laudo de um suposto monitoramento em suas contas bancárias feito pelo Coaf, órgão de inteligência financeira responsável por rastrear indícios de lavagem de dinheiro. Moro garante que nunca recebeu 5 milhões de dólares, mas se recusa a dizer qual é, afinal, o número verdadeiro.

É inegável que o episódio trouxe um tremendo desgaste de imagem para Moro. Ainda que o ex-juiz e a Alvarez tenham tentado separar as funções do novo executivo, o serviço prestado a empresas atingidas por suas decisões na Lava-Jato é, de fato, questionável. Outro problema tem sido a falta de transparência de ambos sobre o assunto. Procurada, a Alvarez & Marsal disse que Moro trabalhou em uma "unidade que não teve resultado alavancado por conta de projetos de reestruturação" e que prestou já todos os esclarecimentos solicitados pelo TCU. Na entrevista publicada por VEJA na última edição, o pré-candidato à Presidência também fugiu do tema, mas prometeu trazer a público essas informações no "momento oportuno".

Evidentemente, não há nenhum crime se o ex-juiz encontrou uma empresa privada disposta a lhe pagar uma polpuda remuneração por um período tão curto de trabalho. Para um candidato que se coloca como paladino do resgate da ética da política no país, no entanto, seria bom esclarecer o caso. É verdade que há inimigos poderosos interessados em atingi-lo a todo custo, mesmo à base de golpes abaixo da cintura. Mas é verdade também que o implacável juiz Moro certamente teria motivos para desconfiar de um silêncio que só alimenta suspeitas. ■

MURILLO DE ARAGÃO

O FALSO *DÉJÀ-VU*

A disputa presidencial deste ano não será igual a nenhuma outra

A PRESENÇA de Lula em uma disputa presidencial pela sexta vez pode nos dar a sensação de estarmos vivenciando algo já vivenciado. Essa sensação baseia-se em duas perspectivas antagônicas. Enquanto uns acreditam que ele vai adequar as suas narrativas para conquistar o centro e acalmar o mercado, na linha do que fez ao lançar a "Carta aos Brasileiros", em 2002, outros apostam que vai radicalizar o discurso esquerdista, como fez contra Fernando Collor, em 1989.

Foi a versão light de Lula que lhe permitiu vencer em 2002, se reeleger e eleger Dilma Rousseff duas vezes. Mas os seus aliados mais programáticos agora tentam forçar outra direção, trazendo para a pauta temas como privatização, reforma trabalhista e elogios ao títere da Nicarágua, Daniel Ortega.

Lula, contudo, não será nem um nem outro. Não será nem o "Lulinha Paz e Amor", que buscava a conciliação em 2002, nem tampouco o radical dos anos 1980. Simplesmente porque as eleições presidenciais deste ano não serão iguais a nenhuma outra.

O cenário está bem diferente do de 2018, quando questões da Lava-Jato demoliram o mundo político e abriram espaço para um outsider ganhar a disputa. O Brasil deste ano terá na pandemia de Covid-19 — que insiste em permanecer na cena — e em suas sequelas econômicas os temas preferenciais.

Além da existência dessa nova temática nas eleições, há questões de fundo que afetam a própria campanha de Lula. As campanhas anteriores do PT tinham na engrenagem sindical um poderoso apoio. Azeitados pela contribuição sindical obrigatória, os sindicatos funcionavam como verdadeiras máquinas eleitorais. Assim, as esquerdas lideradas por Lula tiveram, por um bom tempo, o monopólio das ruas. Não é mais o caso.

Outro ponto central refere-se às doações empresariais. A cada campanha, Lula angariava mais apoio de empresários. Boa parte do establishment acreditava que sua eleição seria inevitável e, temerosa de perder acesso e espaço, doava recursos ao PT. Atualmente, o principal doador é o partido político.

As legendas usam os recursos tanto para a disputa presidencial quanto — mais importante — para as eleições de deputados federais. Como se sabe, o tamanho da bancada no Congresso é que determina as verbas partidária e eleitoral. Ainda que o PT tenha um fundo eleitoral de mais de 500 milhões de reais, apostar fortemente na eleição presidencial é temerário, além de existirem limites de gastos.

> "Lula terá de se reinventar, mais uma vez, para ganhar uma eleição que, agora, parece fácil para ele"

Fato é que o ex-presidente terá de se adaptar a um sistema político bem diferente daquele em vigor em 1º de janeiro de 2011, quando ele deixou o Palácio do Planalto. Seja pelas sequelas da Lava-Jato, seja pela judicialização da política, as novas circunstâncias contribuem para que, embora ostente hoje uma intenção de voto maior que a soma de todos os seus adversários, Lula tenha de enfrentar uma rejeição significativa, tornando improvável uma vitória sua no primeiro turno.

De 1989 a 2018, período em que oito eleições presidenciais foram realizadas, apenas em 1994 e 1998 a disputa foi resolvida no primeiro turno — em ambas, FHC venceu Lula. Assim, apesar do seu atual favoritismo, Lula terá de se reinventar, mais uma vez, para ganhar uma eleição que, agora, parece fácil para ele. ■

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

A VACINA NO PALANQUE

O início da imunização infantil contra a Covid-19 no país é mais uma mostra do triunfo da ciência. Agora, resta saber como ela vai mexer as peças do xadrez eleitoral **PAULA FELIX**

NO FIM da década de 70, oito meninos indígenas receberam do avô, o cacique Ahopoen Xavante, o Apoena, a missão de deixar Mato Grosso e ir para Ribeirão Preto, no interior paulista, de modo a conhecer a cultura dos brancos. Era a chamada Estratégia Xavante. Jurandir Siridiwê Xavante, um dos netos de Ahopoen, lembra que tudo era novo: a língua, os hábitos, a rotina. "Era como mandar a gente para a Lua e falar para se virar", diz. Agora cacique, Siridiwê, de 54 anos, acompanha de longe a saga do filho, Davi Seremramiwe Xavante, na busca pelo diagnóstico de uma rara deficiência motora nas pernas. Em tratamento no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o garoto acabou de encarar uma enorme e bonita responsabilidade, aos 8 anos. Na sexta-feira

DO LADO CERTO Doria, com a enfermeira e o xavante Davi, de 8 anos: mérito inquestionável

14, em São Paulo, Davi se tornou a primeira criança do Brasil a ser vacinada contra a Covid-19, doença que não poupa povo algum. "Senti alegria", resume. "Fiz pela minha aldeia."

A carinha meio apreensiva de Davi ao levar a injeção naquele momento histórico se transformou no símbolo de uma vitória inquestionável e de uma derrota memorável. O triunfo é o da ciência sobre o negacionismo. Depois de derrubarem as taxas de óbitos e de hospitalizações na pandemia, as vacinas começam a proteger os pequenos com igual eficiência e segurança, acabando com espaço para teorias malucas criadas pela ignorância. É cedo ainda para avaliar a real extensão dos benefícios a essa população, mas, a contar pelos números extraídos de estudos clínicos realizados para a aprovação da dose pediátrica do imunizante da Pfizer-BioNTech — aprovado para uso em crianças —, os resultados são de encher os olhos. Na quinta-feira 20, a área técnica da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) recomendou a CoronaVac para crianças e adolescentes de 6 a 17 anos. Além de evitar a evolução da doença para estágios graves, as vacinas podem ser aplicadas com total tranquilidade. Nos Estados Unidos, em um mês foram protegidos 8,7 milhões de crianças entre 5 e 11 anos de idade com a vacina da Pfizer. Um levantamento feito pelo Centro de Controle de Doenças mostrou que entre o contingente de imunizados houve o registro de somente 100 relatos de eventos adversos sérios. Apenas onze foram casos de inflamação do músculo cardíaco (miocardite), um dos mais graves, porém raros, eventos. Mesmo assim, sete crianças haviam se recuperado e quatro melhoravam. Houve duas mortes notificadas, porém sem associação com a vacina.

No Brasil, devem ser imunizados cerca de 20 milhões de crianças com idade entre 5 e 11 anos. Se a campanha é festejada pela parcela sensata dos brasileiros, para o presidente Jair Bolsonaro é sinônimo de derrota. Ele faz o que pode para atrapalhar o combate à pandemia. Um de seus alvos recentes é a vacinação de crianças, contra a qual diz ter estudos que apontariam a ineficiência. Não apresentou nenhum, até porque não existem. O contrário, sim. A pesquisa que sustentou a aprovação da dose pediátrica da vacina da Pfizer demonstrou eficácia de 90,7%. Os ensaios contaram com a participação de 2 268 crianças nos Estados Unidos, Finlândia, Polônia e Espanha. Os dados foram submetidos à análise das principais agências regulatórias do mundo. Por aqui, passaram pelo crivo dos técnicos da Anvisa. Aliás, repetindo um comportamento conhecido, na ocasião da aprovação da vacina para crianças pelo órgão brasileiro, Bolsonaro atacou os profissionais da agência, insinuando que eles teriam interesses não republi-

A MAIORIA QUER PROTEÇÃO

Estudo da Fiocruz aponta aceitação majoritária dos pais em relação às vacinas para seus filhos

Participantes: **15 297**
Período de pesquisa: **17/11 a 14/12 de 2021**

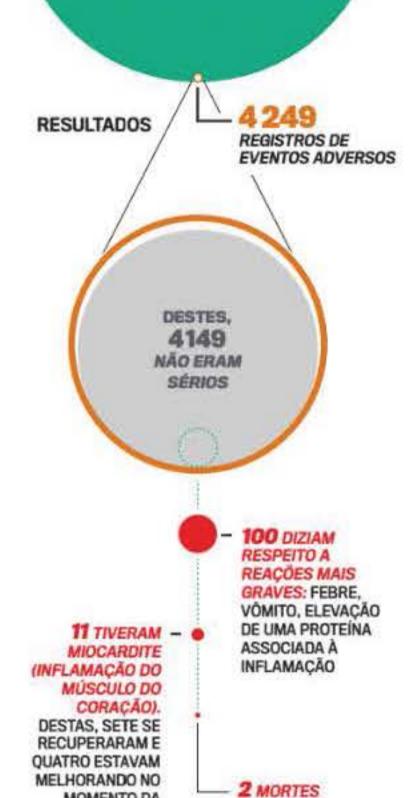
Mais de **80%** *dos pais querem vacinar os filhos contra a Covid-19*

Entre a reduzida parcela preocupada, a hesitação varia de acordo com a faixa etária das crianças

Fonte: *Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)*

SEGURANÇA COMPROVADA

Levantamento do CDC, dos Estados Unidos, feito após o início da vacinação, comprova o baixo risco de eventos adversos do imunizante infantil

Período analisado
3 de novembro a 19 de dezembro

canos na liberação do produto. Balela. O episódio rendeu o conflito mais severo com o contra-almirante Antonio Barra Torres, diretor da agência. Indicado pelo presidente ao cargo, Barra Torres vem se destacando pela consistente oposição à obtusidade oficial que emana do Planalto. Sua resposta à fala de Bolsonaro foi exemplar. "Se o senhor dispõe de informações que levantem o menor indício de corrupção sobre este brasileiro, não perca tempo nem prevarique, senhor Presidente. Determine imediata investigação policial sobre a minha pessoa (...)", escreveu em longa nota. "Agora, se o senhor não possui tais informações ou indícios, exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate".

Ao politizar a pandemia, Bolsonaro cria uma armadilha para si. Isolado, fala aos convertidos, e só. Nem seu antigo aliado, o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, sai mais a público para criticar as vacinas. Ao contrário, agora as defende. O presidente, portanto, prega no deserto. A sociedade apoia as vacinas: quase 70% da população está completamente imunizada e mais de 80% dos pais pretendem levar os filhos aos postos de imunização. "Há uma cultura vacinal histórica no Brasil e nenhuma liderança é capaz de abalá-la", afirma Mauro Paulino, diretor do Datafolha Instituto de Pesquisa. Bolsonaro, no entanto, faz uma aposta arriscada. Ele acredita que até agosto, quando começa a campanha eleitoral, o tema pandemia estará esgotado e a economia é o que mais vai interessar ao brasileiro. "Mas a crise sanitária não será esquecida", diz o cientista político Bruno Silva, do Laboratório de Política e Governo da Universidade Estadual Paulista.

De fato, nas eleições municipais de 2020 foram punidos com a falta de votos candidatos que relativizaram o impacto que o novo coronavírus traria ao Brasil. Com a vacina no palanque, quem ganha pontos com o eleitorado é o governador de São Paulo, João Doria. Foi ele o responsável pelas primeiras aplicações em adulto, há um ano, e, agora, em criança. Postado ao lado do menino xavante Davi, Doria repetiu a cena do ano passado, quando acompanhou a imunização da enfermeira Mônica Calazans. Até aqui, seu mérito ainda não se reflete em intenções de votos nas pesquisas. Mas não há a menor dúvida de que ele

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

CONSTRANGEDOR Queiroga *(no centro)* com doses de imunizantes: pouco empenho

tem uma história para contar. Se não fosse o seu pioneirismo em São Paulo, em janeiro do ano passado, o Brasil teria começado a imunização de dois a três meses depois.

Ainda que tenham sido movimentos políticos calculados, o governador fez o que todo homem público deveria fazer, promovendo a vacinação. Já o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, homem de Bolsonaro, age vergonhosamente ao avesso. Como o chefe, protagoniza momentos constrangedores, como os registrados durante o ato de lançamento da campanha vacinal para as crianças. Em nenhum ato ele conclamou a população a participar de um momento fundamental, sinônimo de zelo com a saúde dos brasileiros — e fez questão de dizer que não é obrigatória. Vindo de um médico, é lamentável. Vindo do responsável pelo combate à pandemia, que na semana passada registrou mais de 200 000 novos casos por dia no país, é chocante. ■

RICARDO RANGEL

O ATAQUE À MELHOR DAS IDEIAS

A demonização do liberalismo é prejudicial para o Brasil

O LIBERALISMO, filosofia política criada na Inglaterra do século XVII, tem por base uma ideia simples: todos os seres humanos são livres e iguais. É uma ideia tão repetida que chega a ser banal. Mas não era nada banal naquela época, quando se acreditava que nobres eram melhores do que plebeus, ricos eram melhores do que pobres e homens eram melhores do que mulheres. Quando havia servidão na Europa e escravidão no resto do mundo.

A tese liberal implicava que qualquer um, até um servo da gleba, tinha o mesmo valor que o rei ou o papa — e, portanto, os mesmos direitos e deveres. Era uma tese subversiva, que fomentaria dezenas de revoluções — incluindo a independência americana, a Revolução Francesa (que criou a palavra "esquerda" para identificar a posição liberal) e a Inconfidência Mineira — e mudaria a face do mundo. Todos os países desenvolvidos hoje, sem exceção, são democracias liberais; a Constituição brasileira é liberal.

A ideia de que todos somos livres e iguais fundamenta quase todos os valores de nossa sociedade. Dela derivam liberdade de religião e separação entre Estado e Igreja; liberdade de pensamento e de expressão, de imprensa. Igualdade entre sexos e raças, direitos civis, direitos humanos e das minorias, livre associação, liberdade econômica, livre-iniciativa, direito à propriedade.

Foram ou são bandeiras liberais a abolição da escravatura, a campanha dos direitos civis nos Estados Unidos, o sufrágio universal, a independência das colônias, o feminismo (pelo menos o não radical), a luta contra o racismo e o nazifascismo e muito mais. Até o identitarismo, sumamente iliberal em seu esforço de cancelar e calar quem não reza pela cartilha, tem por base um valor liberal: o respeito e a valorização da diversidade.

Apesar disso, no léxico político brasileiro não há palavra mais enxovalhada do que liberalismo. A esquerda diz que liberais são racistas e escravocratas, fascistas e misóginos, e dá a entender que só pensam em dinheiro e não estão nem aí para o sofrimento do povo. É estapafúrdio, porque ninguém tem currículo semelhante ao dos liberais no combate ao preconceito e a opressão, e, até meados do século passado, quase todas as iniciativas sociais no mundo, como legislação trabalhista e educação pública e gratuita, foram liberais. No Brasil, nos catorze anos em que a esquerda ficou no poder, segurança, saúde, educação e saneamento em nada melhoraram, e a política social que mais deu certo foi o Bolsa Família, criado por liberais.

"A esquerda é auxiliada no esforço de desconstrução por reacionários envergonhados"

A esquerda é auxiliada no esforço de desconstrução por conservadores e reacionários envergonhados, que se afirmam liberais ou "liberais em economia" — sugerindo que "todos somos livres e iguais, mas só em economia". Ou como se fosse possível apoiar o governo Bolsonaro e ao mesmo tempo ser liberal.

A demonização do liberalismo é muito prejudicial para o Brasil. Ela atrapalha o debate, gera preconceito contra ideias que dão certo e dificulta o entendimento necessário para derrotar Bolsonaro e reconstruir a democracia. Infelizmente, não há motivo para crer que ela vai acabar tão cedo. ■

FOTOS DE REPRODUÇÃO

SUPEREXPOSIÇÃO O capitão no ar: entradas ao vivo tornaram-se comuns no ano passado e custaram mais que campanhas

TRAÇO OFICIAL

Depois de muito criticar a "TV do Lula" e prometer privatizá-la, o presidente transformou a EBC na "TV do Bolsonaro". A audiência, claro, continua zero **REYNALDO TUROLLO JR.**

DURANTE a campanha de 2018, o então candidato a presidente Jair Bolsonaro prometeu privatizar ou extinguir a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), estatal criada em 2007 no governo Lula para ser a "BBC brasileira", alusão ao grupo britânico que é referência em comunicação pública no mundo. A empresa, no entanto, virou alvo de críticas de aparelhamento político, o que a afastava do propósito de manter distância do governo de turno e, com isso, conquistar credibilidade. Face mais visível do conglomerado (que inclui rádios e uma agência de notícias), a TV Brasil, chamada pejorativamente por Bolsonaro na campanha de "TV do Lula", não só continuou a dragar milhões de reais do contribuinte, como alcançou patamares inéditos de personalismo.

Motivos não faltam para chamá-la agora de "TV do Bolsonaro". De janeiro a outubro de 2021, a programação de São Paulo, Rio e Brasília foi interrompida 177 vezes para veicular eventos ao vivo com o presidente, que totalizaram 7 292 minutos no ar (121 horas). Entre as aparições estão a famigerada *live* de julho, na qual, durante duas horas, Bolsonaro fez ataques infundados ao sistema eleitoral, além de inaugurações de obras e eventos militares ou religiosos *(veja o quadro na pág. ao lado)*. Homenagens a atletas, cerimônias de promoção de oficiais e de entrega de espadim a cadetes responderam por 26 aparições. Com evangélicos foram sete, como os aniversários da Assembleia de Deus em

de interesse público

Belém e Roraima e a consagração de pastores do Amazonas — foram quase quatro horas de eventos religiosos. Além do tom oficialesco, a programação com Bolsonaro na TV é reveladora das prioridades do presidente. Houve somente três aparições para tratar de Covid-19. Mais: o governo gastou com essas entradas 14,6 milhões de reais de janeiro a outubro, ante 1,8 milhão repassado durante todo o ano para campanhas públicas, como a de vacinação. As interrupções da programação são pedidas pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Presidência da República por meio de ordens de serviço que determinam horário e local da cobertura, com base em um contrato firmado entre o governo e a EBC em 2019.

TELA GOVERNISTA

As entradas ao vivo de Bolsonaro na TV Brasil em 2021*

177 interrupções da programação para exibir eventos com o presidente

26 cerimônias militares

8 participações de Bolsonaro em cerimônias religiosas

3 transmissões de eventos relacionados à Covid-19

14,6 MILHÕES DE REAIS foi o valor pago pela Secom à EBC para transmissões institucionais (a maioria, com Bolsonaro) de janeiro a outubro

1,8 MILHÃO DE REAIS foi o valor pago pela Secom à EBC para a veiculação de campanhas publicitárias em todo o ano de 2021

* De janeiro a outubro, nas cidades de São Paulo, Rio, Brasília e São Luís (MA)

Fontes: *EBC, Câmara dos Deputados e Secom*

A "TV do Bolsonaro" só se tornou possível por uma decisão da atual gestão. Uma portaria da EBC, de abril de 2019, unificou a NBR, que fazia a cobertura oficial do governo, e a TV Brasil. Sob a justificativa de otimizar gastos, misturou-se o canal estatal com o público. Assim, a ideia de criar uma emissora nos moldes da BBC — que tem linha editorial independente do governo que a sustenta — perdeu de vez o sentido, já que o que caracteriza a comunicação pública é o foco no cidadão, e não no governante. "Transmitir eventos como sessões da Câmara é um fator de transparência quando há uma matéria sendo discutida. Tem uma diferença muito clara para uma solenidade de entrega de medalha", afirma a pesquisadora Cláudia Lemos, presidente da Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública).

A emissora ainda tem ganhado notoriedade pelas polêmicas em que se envolve, como a compra da novela *Os Dez Mandamentos*, da TV Record, por 3,2 milhões de reais, e o "abraço especial" que o narrador de uma partida entre Brasil e Peru mandou para Bolsonaro em 2020. Naquele ano, funcionários da EBC fizeram um dossiê com 138 episódios que classificaram como "denúncias de censura e governismo" na cobertura da estatal, envolvendo temas como violência policial, direitos LGBT e problemas com o auxílio emergencial.

Enquanto isso, a privatização prometida por Bolsonaro segue distante. A EBC custa 88,5 milhões de reais por ano para o governo e recebe 222 milhões de reais da Contribuição para o Fomento da Radiodifusão Pública. Ainda assim, dá um prejuízo anual de 550 milhões de reais — o que dificulta a sua venda. Em novembro, finalmente o BNDES finalizou um mapeamento de empresas para elaborar os estudos para a desestatização, um modesto primeiro passo. Nada mudou também nos últimos anos em termos de audiência, que continua a mesma da grade colocada no ar pela "TV do Lula": zero. ■

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

PENITÊNCIA Alcolumbre: conquista de novo mandato no Senado ameaçada pela sede de vingança dos evangélicos

UM PECADO SEM PERDÃO

Líderes evangélicos prometem lançar um candidato para impedir a reeleição de Davi Alcolumbre, o desafeto número 1 do grupo religioso **LETÍCIA CASADO** E **RAFAEL MORAES MOURA**

ANTES DE VESTIR a toga de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), o pastor presbiteriano André Mendonça enfrentou a mais longa via-crúcis de um indicado para o cargo na história do país: desde a escolha de seu nome pelo presidente Jair Bolsonaro até a aprovação pelo Senado, transcorreram 141 dias. Durante esse período, Mendonça, ex-advogado-geral da União e ex-ministro da Justiça, enfrentou a resistência obstinada do presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), o senador Davi Alcolumbre (DEM-AP), que postergou quanto pôde a sabatina do novo calouro do STF. Em público, Alcolumbre sempre negou ter algum tipo de restrição ao indicado. Em conversas privadas, no entanto, ele prometeu "derrotar o governo" e garantiu em diversas ocasiões ter o número de votos necessários para impedir a aprovação de Mendonça, mesmo com o histórico da Casa apontando no sentido contrário — a última vez que o Senado barrou um nome para o STF foi em 1894, no governo do marechal Floriano Peixoto. Na época, o estado do Amapá nem sequer existia.

O desfecho da história é conhecido. Em dezembro, 47 dos 81 senadores avalizaram a indicação de Mendonça, seis a mais do que o mínimo necessário. Alcolumbre saiu derrotado e, se depender dos evangélicos, colherá um novo revés nas eleições de 2022. O grupo religioso quer a desforra e articula o lançamento de uma candidatura para impedir a reeleição do senador. "Vamos fechar um bloco para peitar o Alcolumbre. A gente precisa dar o troco para ele sentir que a política tem disto: a gente colhe o que semeia", diz o deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), cotado para ser o próximo presidente da Frente Parlamentar Evangélica. Um dos nomes cogitados para disputar o Senado é o do deputado federal Jorielson, que é pastor da Assembleia de Deus e filiado ao PL, o mesmo partido de Jair Bolsonaro. Outra possibilidade é o pastor Guaracy, uma liderança local filiada ao PTB. Até a ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, disse recentemente, meio que em tom de

ISAC NÓBREGA/PR

UNGIDO Mendonça: meses de constrangimento até ser aprovado pelo Senado

brincadeira, que pode concorrer ao Senado pelo Amapá. "O Alcolumbre traiu os evangélicos e acredita que o nosso segmento é alienado e vai esquecer o que ele fez contra o André Mendonça, mas não temos memória curta", afirma Jorielson.

De acordo com o Datafolha, os evangélicos representam 31% do eleitorado brasileiro. No Amapá, a proporção é ainda maior, na faixa de 40%. O ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, chegou a lançar mão desses dados para convencer Alcolumbre a destravar a indicação de Mendonça, lembrando que a oposição dele ao escolhido poderia lhe trazer prejuízos eleitorais. O senador não recuou. Agora, terá de lidar com a ameaça de vingança. A chance de não ser reeleito, conforme o cientista político Ivan Silva, da Universidade Federal do Amapá, é real. "O capital político de Alcolumbre está em queda, e a situação dele se complicou no estado. Considerando que o voto evangélico foi fundamental para a sua eleição em 2014, o senador, de fato, subestimou a sua base. Foi um erro estratégico não levar em consideração o peso do voto cristão", diz Silva. O governo até tentou impedir esse "erro estratégico". Enquanto a sabatina de Mendonça

MAURO PIMENTEL/AFP

PREGADOR Malafaia: ministros tentaram sabotar a indicação do nome terrivelmente evangélico para o STF

não era marcada, assessores do Palácio do Planalto procuraram Alcolumbre para saber o que ele queria para destravar a indicação na CCJ, mas não receberam uma resposta clara e cristalina.

Também nunca foi esclarecido o que levou o senador a finalmente marcar a sabatina e permitir a votação de Mendonça pelo Senado. Sabe-se apenas que, numa dessas coincidências típicas de Brasília, o caso andou depois de vazar uma planilha dando conta de que Alcolumbre teve o direito de direcionar, desde 2019, 1 bilhão de reais em emendas de relator para o Amapá. Em resposta, o senador afirmou que os números não eram verdadeiros. Na busca por revanche, os evangélicos também cogitam fustigar outros alvos, sobretudo os ministros Ciro Nogueira (Casa Civil), Flávia Arruda (Secretaria de Governo) e Fábio Faria (Comunicações). Um dos principais conselheiros do presidente Bolsonaro, o pastor Silas Malafaia diz que o trio articulou para impedir a nomeação de Mendonça e emplacar o procurador-geral da República, Augusto Aras, no Supremo. Os três ministros negam. De forma reservada, alguns evangélicos também demonstram insatisfação com o senador Flávio Bolsonaro, que, segundo versão que circulou entre os religiosos, não estava empenhado de corpo e alma pela aprovação de Mendonça.

De fato, Flávio de início preferia outro nome, mas por determinação do pai passou a trabalhar pelo indicado "terrivelmente evangélico" e a fazer referências frequentes a Deus em suas declarações públicas. Para o Zero Um, a posse de Mendonça no Supremo foi a maior vitória do governo no ano passado. "A rejeição do nome poderia iniciar um processo de desgaste do governo em diversas outras pautas. Aconteceu o contrário, uma grande demonstração de força por parte do governo, porque ele cumpriu a promessa de campanha de colocar um evangélico na mais alta Corte do Judiciário brasileiro. Diversas igrejas colocaram os seus membros de joelhos pedindo a Deus pela aprovação", afirma Flávio. Nos bastidores, o filho do presidente tenta reconstruir as pontes com Alcolumbre. Há até a promessa de ajudá-lo a conquistar a reeleição ao Senado com o que for necessário. Resta saber se essa promessa será mantida quando os evangélicos souberem das conversas entre os dois. Na política, raramente há espaço para o perdão. ■

O SUL É O MEU PAÍS

Depois do desastre econômico patrocinado por Nicolás Maduro, quase metade dos venezuelanos que entraram no Brasil está recomeçando a vida em estados como Paraná e Santa Catarina **TULIO KRUSE**

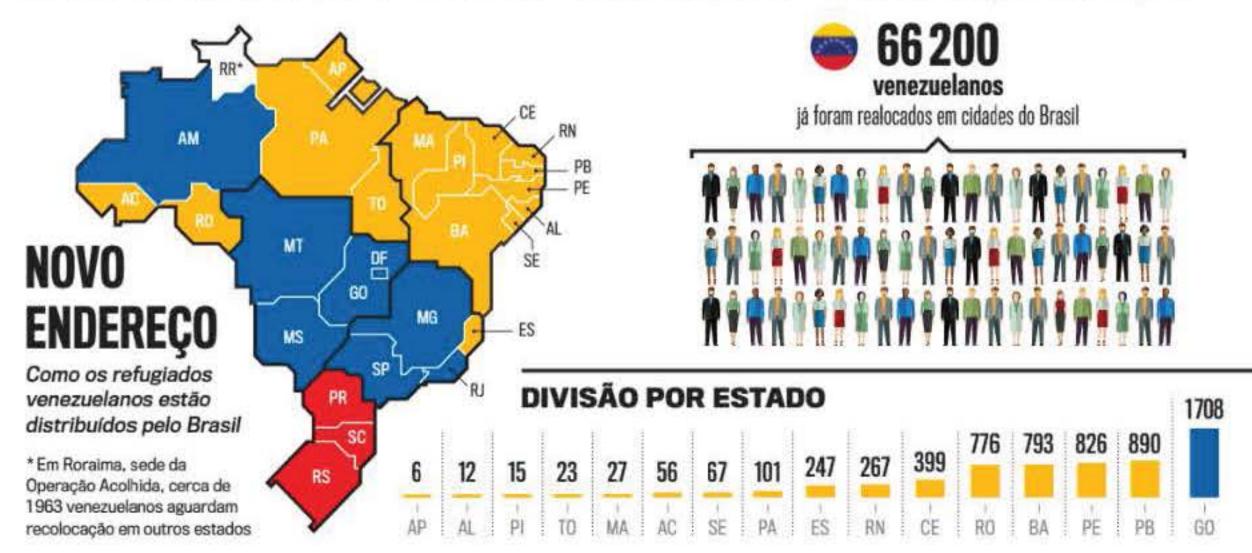
A PRIMEIRA noite da enfermeira Reynnis Amaya Ugas, de 33 anos, em sua nova cidade foi incômoda e, por mais contraditório que pareça, feliz. Dormiu no chão da sala, sem colchão, atacada pelos mosquitos e, mesmo assim, sentiu alívio e gratidão após uma longa jornada. Há dois anos, ela estava em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, para começar uma nova vida a 4 400 quilômetros de Ciudad Guayana, às margens do Rio Orinoco, na Venezuela, onde nasceu. Durante anos, ela relutou em deixar a carreira em um hospital, até que percebeu que trabalhava apenas por paixão. Seu salário só dava para comprar uma cartela de ovos no mercado formal, na dura crise econômica patrocinada pelo regime do ditador Nicolás Maduro. Em 2019, seu filho adoeceu com grave infecção intestinal— com remédios em falta, pensou que ia perdê-lo. Foi a gota de água.

Em pouco tempo, Reynnis estava trabalhando em Canoas como padeira em um supermercado, ao lado do marido, Neuman (açougueiro), e da filha de 16 anos, Angelina (aprendiz). O casal também tem um filho, Alejandro. No Rio Grande do Sul, já viviam a mãe, um irmão, uma irmã, o cunhado e sobrinhos. Todos migraram nos últimos três anos, período em que esse fluxo se intensificou. São operários, pedreiros, cozinheiras, motoristas, babás, copeiros e outros que levaram um novo sotaque às cidades do Sul. E não são poucos. A região concentra quase metade dos mais de 66 200 venezuelanos realocados pelo governo desde 2018, quando estourou a pior crise migratória da América Latina *(veja o quadro)*.

As razões para estarem tão longe da fronteira estão na dinâmica da economia local e na tradição sulista de receber imigrantes. A construção civil foi responsável pela maior parte dos empregos, e o Sul é onde esse setor mais vem crescendo, segundo o IBGE. Das montadoras no Paraná aos frigoríficos no oeste catarinense, várias empresas foram até as ONGs que acolhem venezuelanos para preencher vagas nas linhas de produção. Enquanto no resto do país os imigrantes se concentraram nas capitais, no Sul eles se espalharam pelo interior. Mesmo nas pequenas cidades, há oportunidades na indústria e no setor de serviços. "Essas empresas

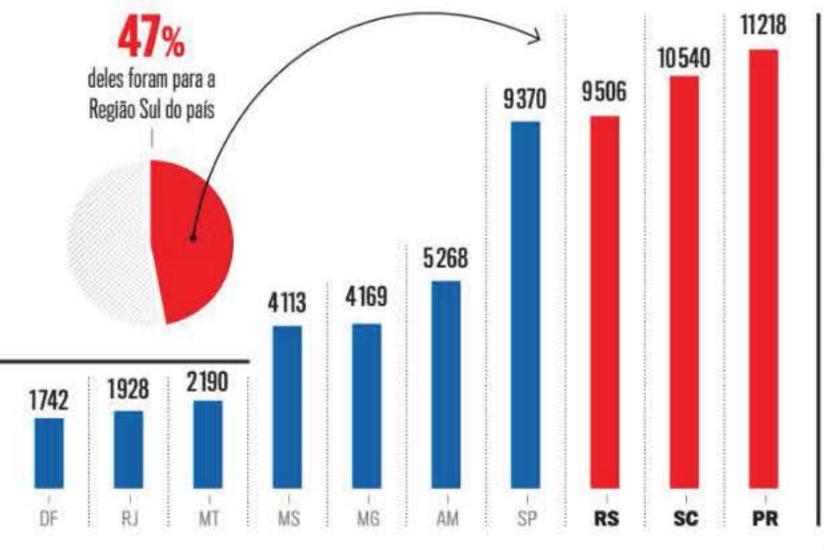
GUSTAVO GARBINO/PREFEITURA DE CANOAS

TODOS JUNTOS A enfermeira Reynnis Amaya Ugas *(a segunda a partir da esq.)*: com familiares, ela recomeçou a vida em Canoas

AVSI/DIVULGAÇÃO

RECOMEÇO Mário Gutierrez: ele foi contratado em 2020 para trabalhar numa fábrica de móveis em Concórdia

não conseguem fechar seus quadros de funcionários só com moradores locais", diz a gerente de projeto Thais Braga, da AVSI Brasil, ONG que apoia os venezuelanos pagando os primeiros três meses de aluguel e doando itens como geladeira, fogão e cama.

A realidade do Sul contrasta com a de Roraima. Desde que a fronteira reabriu, em junho de 2021, episódios de xenofobia e violência voltaram às ruas de Pacaraima, porta de entrada para o Brasil. No fim de novembro, moradores lançaram fogos de artifício contra imigrantes durante protesto pela onda de assaltos e morte do dono de um bar — a polícia não divulgou a nacionalidade dos suspeitos. Uma pesquisa da ONU mostra que quem ficou em Roraima ganha, em média, metade do salário mínimo e tem menos acesso a escolas e creches. Quem foi realocado tem média de salário ligeiramente acima do mínimo.

Nos casos bem-sucedidos de integração, as pequenas Venezuelas já provocam mudanças na paisagem cultural. Em Chapecó, no extremo oeste catarinense, há bares e clubes com músicas e comidas típicas nos bairros que concentram a nova comunidade. Com a falta dos temperos típicos e das verduras encontradas na Venezuela, os migrantes improvisam cozinhando com os similares nacionais. "Aceitamos a cultura daqui, adaptamos a nossa, e um pouco das duas coisas misturadas faz algo melhor", diz a babá Marlene Lezama, de 73 anos. Em tempos de acirramento político e ataques de ódio, a forma como a Região Sul acolhe os vizinhos não deixa de ser uma esperança. ■

Fonte: *Subcomitê Federal para Interiorização/ONU Imigração*

BRUNO COSTALONGA FERRETE/ZIMEL PRESS/FOLHAPRESS

ALERTA Nova Lima (MG): estrutura da Vallourec deslizou com as chuvas no início deste ano e causou transbordamento de lama

UMA LIÇÃO ESQUECIDA

Quase três anos após a tragédia, a grande maioria das barragens como a de Brumadinho não foi desativada como determina a lei e algumas delas estão sob risco de rompimento **TULIO KRUSE**

NO DIA 25 de janeiro de 2019, o país assistiu chocado ao cenário de devastação e morte provocado pelo rompimento de uma barragem da mineradora Vale em Brumadinho (MG). No rastro de toneladas de lama, ao menos 270 pessoas foram mortas e um gigantesco alerta foi dado: era preciso a adoção urgente de medidas para que aquilo nunca mais se repetisse — até porque, três anos antes, uma estrutura em Mariana, no mesmo estado, também havia se rompido, provocando dezenove mortes e uma das maiores tragédias ambientais do país. “Brumadinho será a última. Aqui, em Minas, não irá ocorrer a repetição deste fato tão lastimável”, afirmou o recém-empossado governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), em abril de 2019. Mas, quase três anos depois, o

RISCO ESTENDIDO

A maioria das barragens não será desativada no prazo

BARRAGENS A MONTANTE EM TODO O PAÍS	73
DESATIVADAS	8
DESATIVADAS, MAS AINDA AGUARDAM CHANCELA DO GOVERNO	7
EM DESATIVAÇÃO	41
SEM PLANO DE DESATIVAÇÃO	17

2025 é o prazo mínimo fixado pela Vale para **desativar ao menos onze de suas barragens**

3 barragens de Minas Gerais que deveriam ter sido desativadas entraram em nível máximo de alerta, com risco iminente de rompimento: **Nova Lima, Ouro Preto e Barão de Cocais**

GLEDSTON TAVARES/FRAMEPHOTO

MEMÓRIA Brumadinho: ato pede que a vida seja colocada em primeiro lugar

temor voltou com força em meio aos temporais que atingiram Minas. Em Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte, casas e estradas ficaram alagadas na vizinhança de uma barragem que está sob risco iminente de rompimento. A perplexidade foi maior por um motivo: aquela estrutura nem deveria estar mais ali.

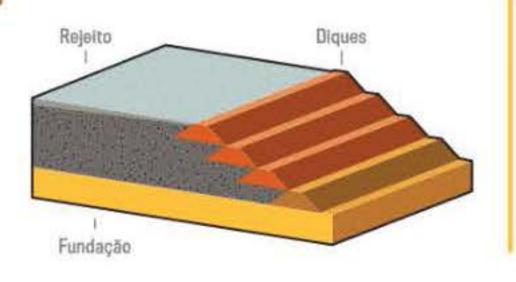
Enquanto ainda era respeitado o luto por Brumadinho, um mês depois da tragédia de 2019, os deputados estaduais aprovaram um prazo de três anos para que todas as barragens com alteamento a montante, como as que haviam rompido, fossem esvaziadas ou aterradas — o ultimato foi confirmado por uma lei federal. Isso, no entanto, não vai ocorrer. Das 73 estruturas desse tipo no país, apenas oito foram descaracterizadas, termo técnico usado para a ação — dezessete não têm sequer um plano para isso, segundo a Agência Nacional de Mineração *(veja o quadro abaixo)*. Em Minas, das 54 existentes, sete foram desativadas. As empresas garantem que até 25 de fevereiro, quando termina o prazo, outras doze terão o mesmo destino.

Há motivos de sobra para preocupação. Entre as barragens que não foram descaracterizadas estão três com nível máximo de alerta, ou seja, podem romper a qualquer momento. Elas estão nas cidades de Nova Lima, Ouro Preto e Barão de Cocais, onde moradores já foram obrigados a sair de suas casas. O caso mais preocupante é o da barragem Forquilha III, em Ouro Preto: segundo a ANM, a Vale nem sequer concluiu o plano de descaracterização da barragem, que agora corre o risco de romper.

Até hoje não se sabe ao certo quais punições serão aplicadas. O governo estadual diz que estuda se abrirá processos judiciais, mas as medidas "só serão tomadas após o vencimento do prazo". As empresas pedem mais tempo. Alegam que há depósitos que concentram centenas de milhões de toneladas de minério, argila e sílica e que o período de três anos concedido pela lei é irreal. O presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais, Flávio Roscoe, afirma que a prorrogação é necessária para que tudo seja feito com os cuidados necessários para não desestabilizar as estruturas. "Se pudéssemos fazer amanhã, faríamos", diz. A única certeza é que a população no entorno vai conviver por anos com o risco associado a essas estruturas, pois a descaracterização de muitas será a perder de vista. A última barragem a montante de Minas só será totalmente eliminada em 2035.

A história recente ensina que é um erro grave fazer vistas grossas a alertas. Em 2019, as investigações deixaram claro que a Vale ignorou relatórios produzidos dentro da própria companhia que apontavam o risco de rompimento em Brumadinho. A negligência custou a queda de quase todo o comando da companhia, uma das maiores do país. Três anos depois, os bombeiros ainda procuram sete corpos nos escombros. Mas a série de erros que levaram àquela tragédia e a comoção causada pelo episódio, ao que parece, não foram suficientes. ■

O QUE SÃO BARRAGENS A MONTANTE?

São a alternativa mais barata e perigosa para lidar com a lama formada pelo rejeito da mineração: **os diques de contenção se apoiam sobre o próprio rejeito ou sedimento depositado**

O QUE PRECISARIA SER FEITO?

Após Brumadinho, ficou definido que haveria a descaracterização de estruturas desse tipo. A barragem pode ser esvaziada e desmontada, com os sedimentos levados para outro local; ou pode ser apenas aterrada e reflorestada, a depender do caso

Fontes: *Agência Nacional de Mineração e Vale S.A.*

OPERAÇÃO COORDENADA

Dissipadas as piores preocupações com a pandemia, a atuação dos bancos centrais será decisiva para a economia global em 2022, em um movimento que afeta particularmente o Brasil

LUISA PURCHIO

À primeira vista, os sinais de uma tão desejada volta à normalidade começaram a aparecer nas economias dos países. E eles são mais significativos quando se observa o comportamento dos investimentos mais seguros do mundo, os títulos públicos das nações mais desenvolvidas. Na semana passada, o rendimento dos títulos americanos e europeus com vencimento de dez anos atingiu marcas inéditas desde 2019. Nos Estados Unidos, os do Tesouro, os mais confiáveis contra calotes do planeta, subiram para 1,89%, enquanto os juros dos títulos do Reino Unido atingiram 1,28%. Na Alemanha, eles deixaram o patamar negativo pela primeira vez em quase três anos.

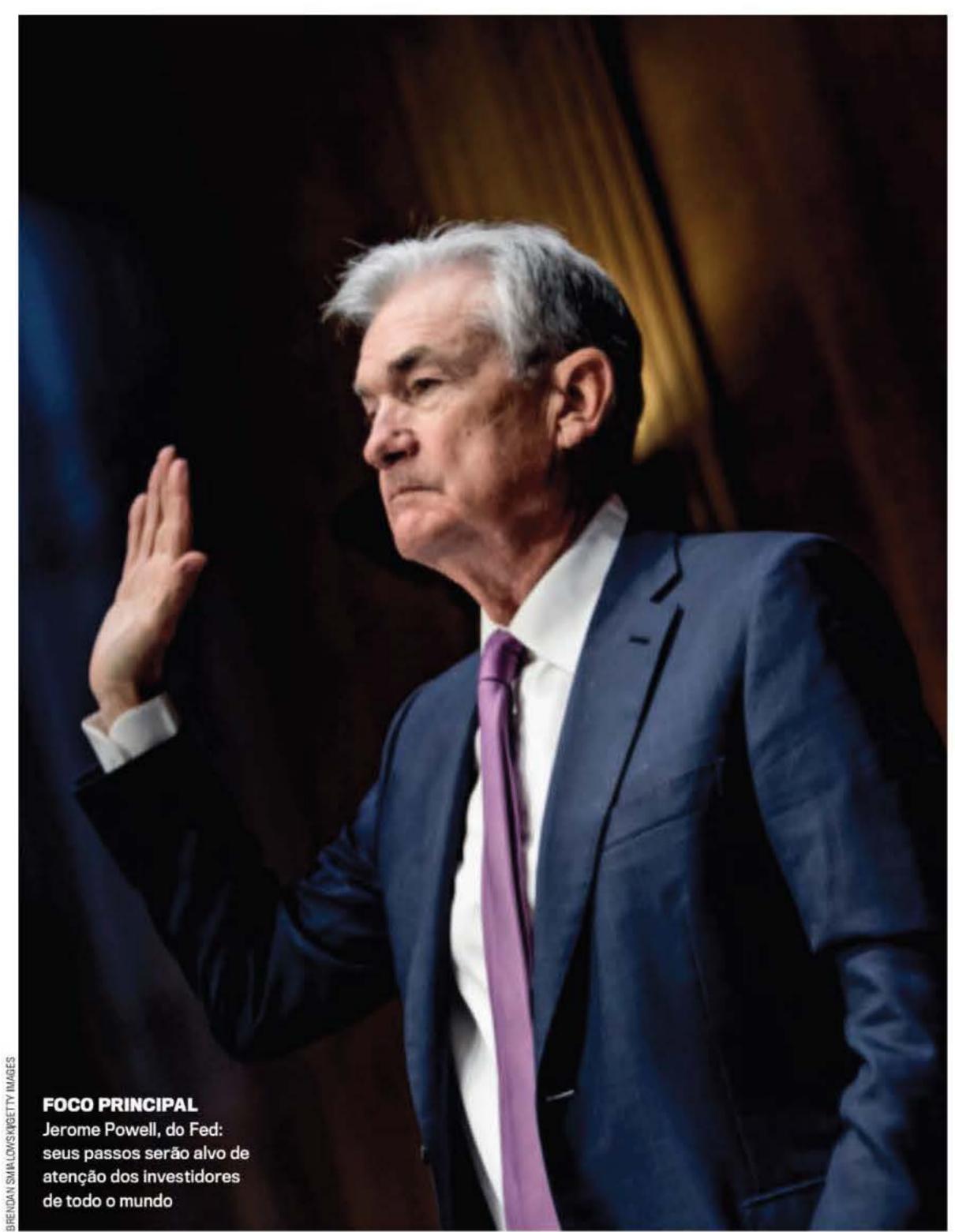
Definidos pelas expectativas do mercado, esses números mostram que os investidores, agora, têm outros indicadores em foco. Interessam menos as taxas de contaminação por Covid-19, que definiram muitas das decisões econômicas dos últimos anos. Mesmo que, no curto prazo, a escalada dos casos da variante ômicron seja acompanhada com certa atenção e possa causar ainda alguns sobressaltos, há grande expectativa de controle sobre a pandemia. Outro tema que preocupava no passado, a guerra de tarifas entre Estados Unidos e China — personificada nas figuras dos presidentes Donald Trump e Xi Jinping, que por vezes arrastavam a Europa para o meio da confusão —, também está fora do radar.

Agora, em substituição a esses fatores, está no centro de tudo a ação coordenada dos principais bancos centrais do mundo. O que eles vão decidir — e quando — será fundamental para o crescimento dos países em

RONALD WITTEK/GETTY IMAGES

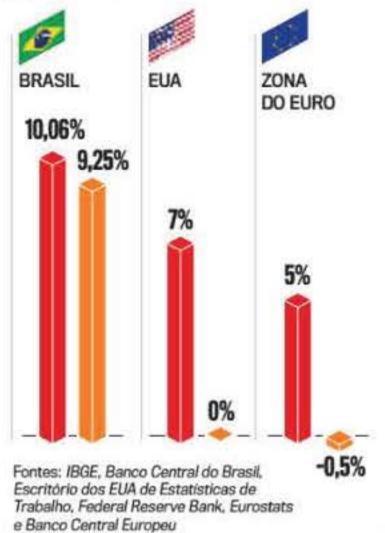
CAUTELA Christine Lagarde, do Banco Central Europeu: redução dos estímulos

BRENDAN SMIALOWSKI/GETTY IMAGES

FOCO PRINCIPAL
Jerome Powell, do Fed: seus passos serão alvo de atenção dos investidores de todo o mundo

2022. Dessa forma, todos os olhos estão voltados aos anúncios feitos por Jerome Powell, presidente do Federal Reserve, Christine Lagarde, do Banco Central Europeu, e, no Brasil, Roberto Campos Neto, do Banco Central. Parece algo muito mais banal e menos explosivo do que as questões que nortearam as economias dos últimos anos, mas isso tem relação com um efeito colateral inesperado e de grande impacto que a Covid legou ao planeta: uma inflação alta por quase toda parte, algo que lembra mais os anos 1980 do que as últimas décadas. "Apesar do aumento de casos e hospitalizações, a Covid-19 está agora mais próxima de uma endemia. Parece ser uma questão de tempo para vermos caírem os casos. Já a inflação não, ela é bem mais profunda e duradoura", diz Adriano Cantreva, sócio da gestora de investimentos Portofino Multi Family Office.

Nos Estados Unidos, a alta de preços ao consumidor encerrou 2021 com um acumulado de 7%, a maior taxa em quase quatro décadas, e a expectativa é de que continuará forte com a recuperação da economia. Os investidores já esperam até quatro altas de juros para 2022, o que os levaria do patamar atual de 0% para 1% no fim do ano. Vale lembrar que o Fed deve encerrar em março o programa que injetou trilhões de dólares na economia. Na Europa, o quadro é similar. No ano passado, a Alemanha teve uma inflação média de 3,1%, a maior desde 1993, enquanto o índice de preços ao consumidor no Reino Unido foi de 5,4%, um recorde em quase trinta anos. Apesar da expectativa de que os juros sejam mantidos em -0,5% neste ano, o Banco Central Europeu deve encerrar os programas que injetam de 70 bilhões

RAPHAEL RIBEIRO/BCB

EFEITO DA RETOMADA
Consumidores nas ruas em Nova York: a volta à atividade trouxe inflação

AÇÃO RADICAL Campos Neto, do BC: a previsão é de que a taxa de juros chegue a 11,75% ao ano em dezembro

SPENCER PLATT/GETTY IMAGES

a 80 bilhões de euros por mês na economia por meio de compra de títulos públicos.

Todas essas mudanças impactam especialmente os países emergentes como o Brasil, que apresentam muito mais riscos aos investidores do que as economias desenvolvidas. A tendência é que juros mais altos no Hemisfério Norte atraiam para lá os recursos financeiros e causem exigências de mais prêmios para investir em empresas e governos de mercados menos estáveis. No segundo semestre de 2021, o descontrole com a inflação no Brasil levou o Banco Central a uma ação radical com elevação brusca da Selic. A expectativa é que a taxa, que estava em 2%, chegue a 11,75% ao fim de 2022, o que está longe de ser um cenário favorável.

Um estudo recente da Organização das Nações Unidas (ONU) estima que o Brasil terá neste ano o terceiro pior crescimento do PIB do mundo, de 0,5%, atrás apenas de Mianmar e da Guiné Equatorial. Tal situação se deve às lições de casa não aprendidas. "O mal desempenho da economia brasileira em 2022 está muito mais relacionado a questões domésticas", diz o economista Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central. "O processo inflacionário é mais grave porque tivemos uma desvalorização do real devido a equívocos fiscais", conclui. O dólar alto tem impacto particularmente severo nas commodities com preços elevados no mercado internacional. Na semana passada, o barril do petróleo do tipo Brent se aproximou dos 90 dólares, em uma alta anualizada de 13,3%. Em 2021, o aumento da cotação internacional incentivou a inflação de 47,49% da gasolina e de 62,23% do etanol no Brasil.

Em meio a tantas previsões negativas, pelo menos uma alivia a situação do país. Enfrentando uma crise imobiliária e restrições rígidas para conter a ômicron, a China, principal parceiro comercial do Brasil, baixou os juros para estimular o crescimento da economia, que de acordo com o relatório da ONU será de 5,2% em 2022. A decisão do Banco Central Chinês pode incentivar o consumo no país asiático. Pelo menos, um banco central pode ajudar a incentivar a atividade econômica no Brasil, no momento em que as coisas voltam ao normal, mas nem tanto assim. ■

SALVE-SE QUEM PUDER

O primeiro-ministro Boris Johnson sempre se safou das crises com notável habilidade, mas o escândalo do *Partygate* põe seu governo pela primeira vez em risco

ERNESTO NEVES

Conhecido por tomar tombos, se reerguer e manter a ordem sob a cabeleira despenteada, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson nunca cambaleou como agora. Nos últimos dias, mesmo com o Reino Unido repleto de assuntos espinhosos a tratar, sua agenda foi quase que inteiramente tomada por atos de contrição. Ele vem fazendo o que pode para frear o *Partygate*, o escândalo da série de festinhas (dezessete, até onde se sabe) que teve como palco, em maio de 2020, durante rigoroso *lockdown*, o sobrado de número 10 da Downing Street, a residência oficial londrina desde 1735. O agito social em meio a um período de altas restrições à população — àquela época não se podia estar com mais de uma pessoa que não morasse sob o mesmo teto e mesmo assim com distanciamento — coroou o declínio de sua aprovação no reino, deu gás à oposição e desencadeou em uma ala dos próprios conservadores manifestações públicas de desagrado em relação ao líder que chegou ao posto máximo do poder britânico empunhando a difícil bandeira do Brexit, que ele fez acontecer. "É uma situação muito grave, já que a credibilidade do primeiro-ministro está sendo questionada no coração do partido", diz o cientista político Matthew Flinders, da Universidade de Sheffield.

TOLGA AKMEN/WPA/GETTY IMAGES

Quanto mais tenta se livrar de um cenário sombrio, mais Johnson se afunda. Sua primeira reação quando os rega-bofes vieram à tona, um após o outro, foi negar sua existência para depois, sem alternativa, afirmar que eram encontros de trabalho *(leia na coluna de Vilma Gryzinski, na pág. 53)*. É roteiro que lhe tirou a credibilidade e atiçou a ira popular. No sábado 15, um grupo de manifestantes plantou-se em frente à janela de Johnson munido de faixas com frases irônicas: "Meu nome é Boris e esse é um evento de trabalho". O enredo dos pedidos de desculpas não convenceu, especialmente porque no início da crise ele disse desconhecer as acusações. A reação tardia serviu para cutucar o vespeiro e obrigá-lo a se curvar diante

ALERTA MÁXIMO Johnson na mira: até integrantes de seu partido foram para o ataque contra ele

RASID ASLIM/ANADOLU/GETTY IMAGES

de seus pares quando a situação se tornou inescapável, depois do vazamento pela imprensa de um convite enviado por seu secretário particular recomendando que "todos levassem suas bebidas". Ao menos quarenta pessoas compareceram, incluindo Johnson e a primeira-dama Carrie.

IMPOPULARIDADE Manifestação: 60% da população quer Boris fora

Mal havia escapado desse enrosco e o primeiro-ministro se viu atropelado por outro de alta delicadeza: mais duas celebrações nas dependências oficiais foram reveladas e seu gabinete se viu obrigado a enviar uma carta ao Palácio de Buckingham, endereçada à rainha Elizabeth. Ambas as festas haviam sido realizadas na véspera do funeral do príncipe Philip, em abril de 2021, ocasião em que a monarca velou o marido solitária, cumprindo regiamente os protocolos pandêmicos. Johnson lançou nova estratégia na terça-feira 18, desta vez culpando os subordinados. "Não fui avisado que as reuniões eram contra as regras", disse, e saiu de cena. Ao falar isso, imediatamente despertou seu ex-conselheiro e braço direito Dominic Cummings, que disparou nas redes sociais que ele próprio avisara o premiê de que o que estava por vir era mesmo uma festa. "Boris mentiu ao Parlamento", registrou Cummings no Twitter.

Enquanto Johnson encolhe em popularidade, cravando desaprovação recorde de 73%, aguarda o resultado de uma investigação interna com o objetivo de pôr em pratos limpos o que se desenrolou na residência oficial, devassa liderada por Sue Gray, uma servidora com fama de implacável. Sue tem inclusive à disposição a Scotland Yard, que aliás já anda no encalço de Johnson por outra encrenca, o *Wallpapergate*, a polêmica reforma da ala residencial de Downing Street bancada por um simpatizante de Johnson. "A falta de transparência de Boris Johnson, que impôs sacrifícios ao britânicos mas fez tudo diferente, ajuda a sedimentar a desconfiança em relação aos governantes", avalia Monica Schoch-Spana, especialista em gestão de saúde pública da Universidade Johns Hopkins.

De problema em problema, o xadrez do poder só complica. A oposição pede a cabeça de Johnson e sugere

MARK CUTHBERT/UK PRESS/GETTY IMAGES

O SEM-TÍTULO Elizabeth, seguida do filho Andrew: até das redes ele sumiu

EYEPRESS/AFP

SERÁ QUE É? Christine Lee: acusada de ter sido plantada por Pequim no Parlamento

a renúncia, o que 60% da população deseja. O caldo de descontentes é engrossado por conservadores que já haviam exposto insatisfação com a era de Boris, tanto em relação à condução da pandemia quanto em relação à administração pós-Brexit. Circula nos corredores de Westminster que pelo menos vinte parlamentares conservadores já teriam enviado cartas ao Comitê Executivo Conservador pedindo que se leve a votação uma moção de não confiança — 54 são necessários para deslanchar o processo que quase custou a cabeça da antecessora de Johnson, Theresa May, e a da dama de ferro Margareth Thatcher. Ambas escaparam, porém, enfraquecidas, acabaram renunciando ao cargo.

O que se tinha como certo até outro dia — a reeleição no pleito de 2024 — virou um imenso ponto de interrogação. O reino chacoalha. Atolado no escândalo sexual do financista Jeffrey Epstein, o príncipe Andrew não conseguiu se ver livre de um processo movido por uma mulher que diz ter sido forçada a manter relações com ele quando tinha 17 anos. E a rainha não viu outro jeito senão deixar o nobre filho à deriva. Andrew perdeu títulos militares, não pode mais usar o "vossa alteza real" e apagou suas redes sociais para fazer o que lhe resta: submergir. Pois, para quem achava que estes dias já estavam suficientemente cheios, veio mais uma. O MI5, serviço secreto inglês, garante que o governo de Xi Jinping plantou uma espiã, Christine Lee, em pleno Parlamento. Pequim rebateu com maldade: "Estão vendo muito *007*". Há vastas incertezas no ar e uma constatação: a novela britânica seguirá eletrizante como nos melhores filmes da franquia de Bond, James Bond. ■

VILMA GRYZINSKI

DÉFICIT DE VERGONHA NA CARA

Boris, Andrew e Novak deram maus exemplos de desonra

"TIRE-ME A HONRA e minha vida terá acabado", escreveu o supremo mestre dos dramas em que se entrechocam ambição, sede de poder e sentimento de honra. Os personagens de dias recentes que perderam a dignidade e a reputação no teatro moderno da opinião pública seriam no máximo coadjuvantes num drama de Shakespeare. Estariam mais à vontade numa comédia em que espertalhões se enroscam em suas artimanhas. Boris Johnson foi tripudiado, com justiça, pelo pedido arrevesado de desculpas por uma happy hour em Downing Street quando o resto da Inglaterra penava sob regras do confinamento. "Eu acreditei implicitamente que era um evento de trabalho", disse ele sobre a festinha no jardim do conglomerado onde os primeiros-ministros britânicos moram e trabalham. A frase foi uma cuidadosa construção para que, mesmo encaixada num pedido de desculpas, deixasse uma saída legal a Boris no caso de uma investigação policial. Em outras palavras, uma mentira deslavada. Outro mentiroso simultaneamente coberto de desonra foi o príncipe Andrew, o filho a quem a rainha Elizabeth cortou de vez de qualquer função pública. Andrew foi segregado e degradado depois de definido que ele será objeto de uma ação indenizatória na Justiça americana por fazer sexo com uma menor de idade propiciada pelo bilionário pervertido Jeffrey Epstein. O trio de desonrados se completou com Novak Djokovic, cuja falta de classe nas quadras foi vergonhosamente transposta para fora delas com a exposição da sequência constrangedora de mentiras em que se enrolou para participar do campeonato Aberto da Austrália sem a vacinação contra a Covid.

"Honra é uma virtude que parece ter ficado fora de moda, associada à sociedade patriarcal"

Honra é uma virtude que parece ter ficado fora de moda, superada por sua associação à sociedade patriarcal (aquela em que, em nome dela, um marido podia — e devia — matar a mulher adúltera) e a extremos como os da "era dos duelos", o período entre os séculos XVIII e XIX em que a mais mínima ofensa, ou suspeita dela, era levada à disputa a tiros de pistola. Um dos duelos mais famosos, ou infames, foi aquele em que Aaron Burr, então vice-presidente, matou um dos gênios da Revolução Americana, Alexander Hamilton, em 1804. Motivo: comentários insultantes que Hamilton teria feito num jantar sobre o adversário político. Mesmo tendo errado o tiro e morrido 31 horas depois de alvejado por Burr, quem entrou para a história, deixou uma frase antológica ("Se os homens fossem anjos, não seria preciso governo algum. Se os anjos governassem os homens, não seriam necessários quaisquer controles internos ou externos sobre os governos") e virou musical da Broadway foi Hamilton. O senso exacerbado de honra na vida pública foi gradativamente substituído pela ideia de que "políticos são mesmo assim" e a elite é uma esbórnia só. Uma senhora de 95 anos demonstrou que ainda há quem não aceite a derrocada dos padrões. Agindo como rainha, e não como mãe — dá para imaginar o conflito —, Elizabeth II tirou do filho predileto até o tratamento de Sua Alteza Real, ao qual tinha direito desde o nascimento. Como Bill Clinton em seus contorcionismos verbais na época de Monica Lewinsky, Andrew diz que "não tem lembrança" de ter conhecido a mulher que hoje o acusa. É outra construção feita por advogados. No popular, falta de vergonha na cara. ■

O ETERNO CANDIDATO

Preterido na mais recente eleição para ingressar no panteão dos imortais da Academia Brasileira de Letras (o escolhido foi o economista Eduardo Gianetti), **SERGIO BERMUDES,** 74 anos, segue acalentando o sonho de trajar o fardão e trabalha firme por isso. Ainda não há cadeira à vista, mas o advogado não cessa as costuras de bastidor. "Não me considero derrotado e vou me candidatar de novo", anuncia ele, que vem agendando encontros com figurões da casa fundada por Machado de Assis. Entre um chá e outro, o que se diz é que sua saúde fragilizada, sequela da Covid-19, que o levou a passar seis meses no hospital e afetou sua audição, pode ser uma barreira. Bermudes dá de ombros. "Estou ótimo", garante.

RICARDO BORGES

CENAS DO PRÓXIMO CAPÍTULO

BRUNA CASTANHEIRA

O chão não tremeu para a atriz **CAMILA PITANGA** ao deixar a Globo depois de 25 anos de casa. Como tantos colegas, ela desaguou no streaming e agradou ao elevado escalão da HBO Max com um leque de quatro projetos que percorre do drama histórico à comédia dramática. "Camila tem uma boa visão", diz um executivo que a tudo ouviu. "Pensei num portfólio diversificado, para públicos distintos", conta ela. Se suas ideias prosperarem, ganhará o status de curadora artística e estrelará as próprias séries, segundo reza o contrato. "É como a Reese Witherspoon faz", compara a atriz, aos 44 anos e sem medo de ser feliz, referindo-se à protagonista e produtora executiva de sucessos como *Big Little Lies* e *The Morning Show*.

FARPAS PARA QUE TE QUERO

Ao saber que o ex-marido, o surfista Pedro Scooby, iria embarcar em um reality show, **LUANA PIOVANI,** 45 anos, surgiu nas redes cutucando. "Quem vai ficar com as crianças enquanto o papai passa até três meses trabalhando fora?", provocou. Aí veio a resposta: a madrasta. Como eles têm a guarda compartilhada de Dom, de 9 anos, e dos gêmeos Bem e Liz, de 5, coube à modelo Cintia Dicker se encarregar do mês sob a responsabilidade de Scooby. Mas Cintia lembra que, apesar de estar "amando" a missão, anda cheia de compromissos e por isso já acionou uma prima dele. "Também viajo a trabalho", avisa. Luana, que vive no sistema de morde e assopra com o surfista, fala que vez ou outra ele comete "pequenos vacilos", como o de devolver à mãe a prole infestada de piolhos. "Mas não é tão irresponsável assim, não", contemporiza ela. Vamos aguardar o próximo vacilo.

INSTAGRAM @LUAPIO

VIVIEN KILLILEA/GETTY IMAGES

QUANDO O SILÊNCIO DIZ TUDO

Na pele da ex-primeira-ministra de Israel Golda Meir, **HELEN MIRREN,** 76 anos, virou alvo de uma daquelas polêmicas que ocupam todos os recantos das redes. Membros da comunidade judaica e uma ala de atores britânicos defendem que o filme sobre a "dama de ferro" israelense deveria ser protagonizado por alguém de ascendência judaica. Do outro lado do ringue, há a turma que enaltece o talento da atriz e lembra que ela, filha de imigrantes russos e batizada Illiana Lydia Petrovna Mironova, viveu com maestria, por exemplo, a rainha Elizabeth. O próprio neto de Meir disse que a avó adoraria se ver interpretada por Mirren, que se manteve silenciosa e estoica em meio à ridícula gritaria. ■

BEM-VINDE A UM NOVO MUNDO

A linguagem neutra, aquela que deleta as diferenças de gênero, fura a bolha e já ingressa em dicionários, como aceno à tolerância que move uma acalorada polêmica que foi parar no STF

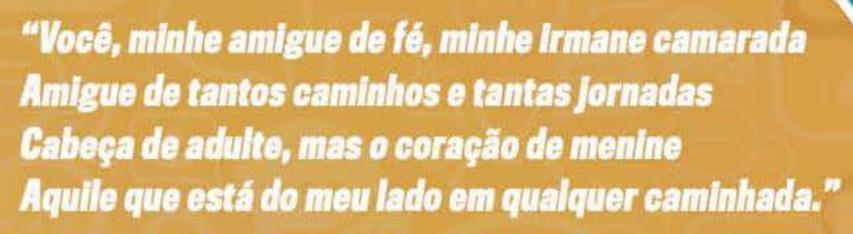
JANA SAMPAIO E SOFIA CERQUEIRA

Imagine uma pessoa falar português com seu/sua *amigue* sem usar pronome que distinga homem (ele) de mulher (ela) e dando preferência ao indefinido *ile*. Na conversa *diles* também caem fora os adjetivos e flexões verbais que sejam indicativos de sexo. As frases que abrem este texto, assim como as conhecidas canções que ilustram estas páginas, foram modificadas para traduzir uma nova forma de se comunicar, até pouco tempo atrás limitada a nichos e bolhas identitárias, mas que tem avançado por diálogos e textos nunca antes alcançados: a chamada linguagem neutra, que deleta diferenças de gênero, suprimindo os artigos A e O e pondo em seu lugar um X, uma arroba ou um E.

Esse jeito de falar, que tem origem nos não binários — pessoas que não se reconhecem nem como homem, nem como mulher, um grupo recém-saído das sombras —, é mais um produto da aceitação com que sobretudo os jovens de agora encaram a diversidade em seu sentido mais amplo. Sob o argumento da não discriminação e do respeito a quem não se reconhece nos tradicionais escaninhos de gênero, a linguagem não binária vem sendo aos poucos incorporada à vida em sociedade e já comparece em anúncios, ambientes acadêmicos, produções artísticas, discursos de políticos e no mundo corporativo — uma sacudida que, como não poderia ser diferente nestes dias, agita as labaredas de uma discussão de acentuado matiz ideológico. "Em pelo menos um século, essa é a mais intensa mudança no campo da sintaxe já proposta à língua portuguesa e a de maior visibilidade", afirma Raquel Freitag, vice-presidente da Associação Brasileira de Linguística.

O advento da linguagem neutra, um interessante debate que transcorre mundo afora, ganha especial efervescência em países polarizados, encaixando-se sob o guarda-chuva das divergências entre conservadores (que são contra) e progressistas (a favor) — ainda que haja gente considerada de mente aberta se opondo ao *ile* e companhia por enxergar aí um exagero no leque do politicamente correto. No Brasil, a contenda foi parar no Supremo Tribunal Federal, onde o ministro Edson Fachin suspendeu por liminar uma lei aprovada em Rondônia que proíbe a linguagem sem gênero nas escolas e nos editais de concursos públicos. "A chamada linguagem neutra ou inclusiva visa a combater preconceitos linguísticos retirando vieses que usualmente subordinam um gênero ao outro", sustentou Fachin. O ministro Nunes Marques, indicado pelo governo Bolsonaro, pediu que a ação fosse analisada pela Corte presencialmente e ela irá a plenário em votação que poderá fincar um precedente para todo o país, onde o tema pega fogo.

Um decreto na mesma linha, este em vigor em Santa Catarina, também chegou ao STF. No apagar das luzes de 2021, foi a vez de o governo de Mato Grosso do Sul sancionar uma lei que bane os vocábulos não binários. Adicionando sua bolsonaríssima colher de pau ao tacho, o secretário da Cultura, Mario Frias, baixou portaria vetando a presença de termos neutros em projetos da Lei Rouanet. Bolsonaro, o próprio, já reclamou que "a linguagem neutra dos gays vai estragando a garotada". Recentemente, o presidente disparou contra Fachin: "Que país é esse? Que ministro é esse? O que ele tem na cabeça?".

Transformações no modo de se exprimir são comuns e espelham comportamentos e anseios da sociedade. No começo do século passado, quando o Brasil sonhava ser a França, palavras afrancesadas inundaram a linguagem brasileira, fenômeno que se repetiria com expressões em inglês

Amigo (Roberto Carlos)

"Minhe filhe vai ter nome de sante
Quero o nome mais bonite
É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã."

Pais e Filhos (Legião Urbana)

"De manhã cedo já tá pintade
Só vive suspirando, sonhando acordade
O pai leva ao doutor a filhe adoentade
Não come e nem estuda, não dorme e nem quer nada
Ile só quer, só pensa em namorar."

Xote das Meninas (Luiz Gonzaga)

décadas mais tarde. No embalo do politicamente correto, especialmente vigoroso nestes tempos, riscou-se do cotidiano verbos como o antissemita "judiar" e o racista "denegrir", bem como expressões pejorativas como "mulata", que tem a mula como origem, e "aleijado", derivado de aleijão, deformidade. Agora, o bastão está nas mãos dos movimentos pró-diversidade, que historicamente se levantam antes dos outros pela mudança — como ocorreu quando grupos de libertação da mulher ocuparam as ruas nos anos 1960, ainda que sob uma nuvem de desconfiança e desdém, que foi se dissipando. Se a neutralidade na fala, mais um produto com a marca registrada da cartilha PC, conseguir de fato tornar mais inclusiva a língua portuguesa, estará prestando um serviço em matéria de tolerância — desde que, nessa empreitada, o pleito não ganhe contornos dogmáticos e passe a funcionar como uma indesejável ferramenta de exclusão. "A linguagem neutra deve incluir sem jamais segregar", enfatiza a linguista Raquel Freitag, que arremata: "Como mulher, quero seguir sendo chamada no feminino."

DAS RUAS PARA A TV

A linguagem neutra começa a ser tema de séries de alta visibilidade, inclusive direcionadas para a faixa etária infantil

O canal mais formal de remodelamento de um idioma é o das reformas ortográficas — no caso do português, houve duas no século passado e mais uma em 2016, implantadas na forma de leis, com o objetivo de adequar a grafia à pronúncia e padronizá-la nos países de língua portuguesa. Mas a maior parte das mudanças brota mesmo espontaneamente, de maneira coletiva, como o *vossa mercê,* que virou *vosmicê,* até se transformar em você, e a expressão "a gente" como sinônimo de "nós". Transformações, digamos, ideológicas, como a linguagem neutra, são mais raras e abrem uma fresta para a polêmica. "Não acho que essa variação possa enriquecer o nosso idioma, a linguagem culta, mas, na medida em que um conjunto de palavras é exaustivamente repetido por um certo grupo, ele passa, sim, a fazer parte do seu vocabulário", pontua Evanildo Bechara, imortal da Academia Brasileira de Letras e um dos maiores gramáticos do país. Da língua falada, o salto para a linguagem chamada oficial se concretiza quando um termo, enfim, ingressa no calhamaço do dicionário. "Uma vez convertido em verbete, ele ganha legitimidade e passa a ser usado em textos formais, mesmo que isso não garanta que haja consenso a seu respeito entre os estudiosos", explica a linguista Vivian Cintra, da USP.

De fato, a linguagem neutra gradativamente começa a ser dicionarizada. O americano *Merriam-Webster* define *they* e *them* como opção de tratamento a *he/him* (masculino) e *she/her* (feminino). Na Suécia, foi formalizado o pronome *hen*, criado pela comunidade transgênero para designar pessoas não binárias. Já o francês *Petit Robert* foi mais longe na audácia: incluiu o neutro *iel*, sem tirar nem

AND JUST LIKE THAT...
A sequência de *Sex and the City* traz a personagem não binária Che Diaz, que cutuca as questões de gênero enquanto faz comédia no palco

CRAIG BLANKENHORN/HBO MAX

TODXS NÓS
O seriado brasileiro mergulha sem medo no tema da identidade de gênero e responde com bom humor e didatismo a dúvidas linguísticas daqueles que estão fora da bolha não binária

SEMED/PREFEITURA DE PORTO VELHO

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

SOB ATAQUE Escola em Rondônia, onde uma lei veta a linguagem neutra na sala de aula: Fachin *(acima)*, o relator do caso, que vai a plenário, diz que a mudança visa a "combater preconceito"

o *il* (ele), nem o *elle* (ela). Os aliados do presidente Emmanuel Macron, que empreende uma cruzada contra excessos de novidades vindas de fora que estariam minando a cultura francesa, chiaram, pondo mais lenha nessa ideológica fogueira que ferve em toda parte. "Esse tipo de iniciativa prejudica a língua e desune os que a falam", criticou o deputado François Jolivet, lançando à mesa um raciocínio comum aos que são contra. "Definir palavras que descrevem o mundo nos ajuda a compreendê-lo melhor", defendeu o diretor do dicionário, Charles Bimbenet.

Nas redes sociais, que ajudam a medir o alcance das coisas, o assunto se encontra em ebulição: só no Twitter, foram contabilizados no ano passado 2,1 milhões de postagens com termos modificados para abolir o gênero. Um levantamento inédito obtido por VEJA mostra que, em 2021, o interesse dos brasileiros pela expressão "linguagem neutra" no Google cresceu 3 230%, comparado com 2019. Celebridades, como sempre, têm sua parcela de responsabilidade na divulgação, ao informar em seus perfis nas redes a preferência para que se refiram a elas pelo pronome *they* (eles, em inglês), em vez de *he* (ele) ou *she* (ela) — uma opção que, por sinal, independe da sexualidade. Já manifestaram esse desejo, entre outros, as atrizes Emma Corrin, a jovem Diana de *The Crown*, Amandla Stenberg, de *Jogos Vorazes*, e

HBO

RIDLEY JONES
Alvo da ira conservadora, o desenho conta a saga de uma menina e seus amigos, entre eles um dinossauro que fala *"todes"* e um búfalo não binário que tentam proteger um museu

NETFLIX

"Infelizmente, a sociedade funciona de forma binária. Por isso é tão importante chamarmos as pessoas pelos pronomes nos quais elas se reconhecem."

Emma Corrin, 26 anos, atriz

INSTAGRAM @EMMACORRIN

o cantor Sam Smith. Elliott Page, ator transexual que se chamava Ellen e fez a transição para o sexo masculino, atende por *he/they*. Miley Cyrus, que se declara não binária, ainda faz suspense sobre seus pronomes.

Açoitada por conservadores e puristas, a fala neutra tem como ponto a favor o reconhecido "machismo" da língua portuguesa, onde o genérico masculino é obrigatório, mesmo que a palavra terminada em "o" seja uma única entre várias — distorção presente, por exemplo, em "a mesa, a cadeira, a poltrona, as gravuras e o sofá foram recolhidos e vendidos". "Mesmo que a intenção não seja a de privilegiar um determinado gênero, estudos comprovam que, cognitivamente, quando falamos dessa forma, a imagem que sobressai é a masculina", observa Vivian Cintra. Esse fator foi determinante para a carioca Liz Andrade, 19 anos, estudante de letras da UFRJ e em paz com seu gênero feminino, decidir abraçar os novos pronomes e a não binariedade do idioma — não sem dificuldades, aliás. "Antes de começar uma conversa, vejo como a pessoa se refere a si mesma ou pergunto como quer ser chamada", diz ela. "O maior desafio não é pôr em prática a linguagem neutra, mas me aceitarem por usá-la", reclama, mesmo circulando em um ambiente onde a neutralidade ganha espaço na sala de aula e em trabalhos acadêmicos.

Enquanto a bandeira da mudança linguística é empunhada por uns e depreciada por outros, seu uso, ainda que não amplamente disseminado, vai conquistando terreno. No Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a gerente de ações educativas, Renata Sampaio, 33 anos, e sua equipe recebem grupos de visitantes com um sonoro "Boa tarde a todas, todos e *todes*". Muitos se espantam, o que Renata acha bom. "Quando acontece, aproveitamos a brecha para falar sobre diversidade e salientar a importância de sermos inclusivos", conta. A fala neutra também está adentrando o universo da literatura, sobretudo a voltada à comunidade LGBTQIA+ e, como não poderia deixar de ser, o das séries, que ocuparam o lugar das novelas como espelhos da sociedade. Termos de linguagem neutra ou debates sobre a questão aparecem, entre outras, em *Todxs Nós* e *And Just Like That* (sequência de *Sex and the City*), da HBO, e *Ridley Jones*, da Netflix *(veja o quadro na págs. 58 e 59)*.

Mostrando fluência no vocabulário inclusivo e atento a um discurso que soa bem a cada vez mais nichos, o presidente da Argentina, Alberto Fernández, já se dirigiu a seus conterrâneos como *"argentines"*. O britânico Boris Johnson, em plena reunião do

TONI BARSON/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

"Os pronomes com os quais me identifico são *they/them* (ile/dile). Entendo que haverá muitos erros e desentendimentos, mas tudo o que peço é que, por favor, tentem."

Sam Smith, 29 anos, cantor

G7, declarou que o mundo precisa ser reconstruído a partir do princípio da neutralidade de gênero. No mundo corporativo, a Japan Airlines agora dispensa o *"Ladies and gentlemen"* e cumprimenta os passageiros com o inclusivo *"Welcome, everyone"*. O gigante de seguros Lloyds e o fundo de investimento Virgin Management adotam os pronomes de preferência de seus funcionários, assim como o banco Goldman Sachs, que foi além e montou um manual de orientação para o uso de termos não binários. "Trata-se de uma questão de respeito. Em cinco anos, a estimativa é que 65% da força de trabalho seja formada por profissionais LGBTQIA+", ressalta Pri Bertucci, CEO da Diversity BBox, que presta consultoria nessa área a empresas como Uber e Facebook.

Reformar um idioma de fora para dentro, remexendo hábitos, depende acima de tudo de os termos caírem no gosto popular. "É ingenuidade achar que os gramáticos e os dicionaristas dão a palavra final", afirma o jornalista e escritor Sérgio Rodrigues, autor de *Viva a Língua Brasileira!*. "O idioma sempre foi um campo de batalha, no qual quem define vencedores é o povo". Se *todes* vão falar a linguagem neutra, só o tempo dirá, mas as labaredas do debate já põem a humanidade a refletir sobre um mundo mais diverso, e essa postura é civilizatória, excelente e justa. ■

NICOLAS DATICHE/ANADOLU/GETTY IMAGES

NO AR Japan Airlines: sai *"Ladies and gentlemen"*, entra *"Welcome, everyone"*

QUASE MORRI POR SER NEGRO

O recepcionista Gabriel Nascimento, 23 anos, fala do dia em que foi espancado sob a acusação de roubar o próprio carro

TINHA MARCADO uma viagem com amigos a uma cidade distante. Era um sábado e, tão logo amanheceu, fui verificar meu carro, para ver se estava tudo certo para pegar a estrada. Enquanto dava uma olhada no motor, na gasolina, no painel, um casal branco se aproximou, questionando o que eu estava fazendo ali. Desconfiaram abertamente de mim, sugerindo que eu ia roubar o veículo. Tentei argumentar, mostrar os documentos, mas de nada adiantou. Não me ouviram. O mais estranho é que eu conhecia a mulher. Ela tem casa no meu condomínio e nos esbarrávamos de vez em quando, sempre trocando cumprimentos cordiais. Naquela hora, parece que ela não me reconheceu e pensou o que muita gente pensa. Viu um homem negro mexendo em um carro e concluiu: "É ladrão!". O absurdo não parou por aí, e a violência foi escalando de forma assustadora. O casal começou a gritar, a disparar acusações de roubo e a me empurrar com força. Fui jogado no chão, levei chutes por todo o corpo, até que o homem tentou me estrangular, me sufocando com o joelho.

Fiquei sem ar e achei que não fosse aguentar. Entrei em desespero. Aos poucos, fui perdendo a consciência e quase apaguei. Por um milagre, um vizinho apareceu bem na hora e chamou a atenção da dupla, que parou com a selvageria. A mulher ainda tentou inventar desculpas para se defender, depois de perceber o inaceitável do que havia feito. O homem desapareceu. Felizmente, tudo foi captado pelas câmeras de segurança do condomínio. No mesmo sábado, fui à delegacia fazer um boletim de ocorrência. Tentei três vezes, mas, como o sistema estava fora do ar, parti para o hospital para tratar os ferimentos. Estava dolorido, sangrando, com muitas marcas no corpo. O médico prescreveu anti-inflamatórios e me deu uma série de orientações para cuidar das feridas dali em diante, que sigo até hoje. Uns dias depois, consegui registrar o caso na polícia.

O Brasil é um país racista. Como negro, ao longo da vida fui alvo de um preconceito aqui, outro ali, ainda que velado, expresso em olhares e gestos. Mas a gente nunca imagina que vai sofrer uma violência dessa magnitude, muito menos na porta de casa. Desde o ataque, minha vida está completamente revirada. E eu, a própria vítima, estou sofrendo as consequências e pagando um preço bastante alto. Decidi me mudar de prédio para me proteger de possíveis represálias de pessoas incomodadas com toda a história, que podem ainda sair em defesa do casal. Não sei o que os agressores são capazes de fazer. Açailândia, no Maranhão, onde moro, é cidade pequena. Não vou mais a qualquer lugar com a tranquilidade de antes. Preciso zelar pela minha segurança. Denunciar é um desgaste, mas resolvi ir em frente para mostrar que o racismo não pode ser tolerado.

Esse caso fez nascer em mim a vontade de ingressar em uma faculdade de direito. Eu me revolto com a injustiça, a falta de punição para determinados crimes em nosso país. Espero que este seja tratado com a devida firmeza. Além das marcas físicas, a violência embutida no racismo deixa traumas psicológicos difíceis de serem reparados. Tento não pensar muito sobre a brutalidade da qual fui alvo. É duro demais. Fiquei tão anestesiado com o surreal da situação que apaguei os detalhes da cabeça. Sei que algumas passagens aconteceram só porque vi no vídeo, não porque as guardei na memória. Recebi apoio de todos os lados, muitas mensagens nas redes sociais, o que vejo como um sinal de avanço. Passadas algumas semanas, ainda sinto dores na perna, nos dedos das mãos, mas valorizo todos os dias ter sobrevivido à explosiva mistura de insanidade e preconceito. ■

Depoimento dado a Duda Monteiro de Barros

ISTOCK/GETTY IMAGES

ADULTOS TAMBÉM TÊM

Associado a crianças, o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade pode se estender à maturidade, com prejuízos devastadores para a vida **SABRINA BRITO** E **SIMONE BLANES**

É RELATIVAMENTE NORMAL conhecer, ou ao menos ter ouvido falar, crianças e adolescentes diagnosticados com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). Mas há um contingente enorme de adultos que manifestam a condição, sofrem consequências severas na vida afetiva, profissional e social e, pior, nem sequer sabem por que têm a vida tão atribulada. Segundo dados da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), há no Brasil cerca de 2 milhões de indivíduos nessa situação.

O TDAH é um transtorno de desenvolvimento caracterizado por impulsividade, desatenção e agitação. Está associado a alterações cerebrais registradas em pesquisas de imagem. Estruturas como a amígdala, o núcleo accumbens e o hipocampo, todas relacionadas ao processamento das emoções e ao sistema de recompensa, apresentam volume menor quando

DIFÍCIL MATURIDADE

As complicações que chegam à vida adulta — especialmente masculina

2,8%
dos adultos do mundo têm o transtorno, contra 2,2% das crianças

2/3
das crianças com TDAH manifestam os sintomas na vida adulta

A depender do país, a quantidade de homens com o transtorno **é de 3 a 16 vezes maior** do que a de mulheres

Fontes: *ADHD Institute e Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA)*

SEM FOCO Agitação: a incapacidade de organização e cumprimento de tarefas corrói a trajetória profissional

comparadas às de pessoas sem a condição. Isso significa uma quantidade mais reduzida de neurônios na região, fenômeno com repercussão negativa no funcionamento desses mecanismos. Recentemente, ganharam impulso as pesquisas sobre sua apresentação em adultos, aspecto até então pouco elucidado. Trata-se de um fascinante e atualíssimo movimento da ciência.

É preciso evoluir muito ainda no conhecimento do incômodo, mas passos relevantes estão sendo dados pela medicina. E o que se sabe até o momento é suficiente para oferecer aos pacientes assistência para que conduzam a vida reduzindo riscos de prejuízos. O grande problema, insista-se, é identificá-los. O TDAH em adultos é uma extensão do problema em crianças, mas há um nó: a maior parte dos pacientes não é diagnosticada na infância — portanto, não recebe tratamento. É de se esperar, como resultado natural, que esses indivíduos continuem carregando a condição ao longo da vida. Estima-se que dois terços das crianças com TDAH sigam com os sintomas do transtorno na vida adulta porque não receberam diagnóstico.

O desafio na detecção do transtorno está em compreendê-lo. É comum ver isso acontecer com as condições psiquiátricas, sem diagnóstico definido por testes laboratoriais, associadas ao câncer ou à diabetes, e marcadas por manifestações comportamentais que confundem leigos e inclusive profissionais da saúde. A identificação se baseia na avaliação clínica, o que exige uma expertise infelizmente não muito abundante no país. Além disso, também a exemplo de outras enfermidades mentais, o TDAH é estigmatizado. O paciente, seja ele criança, adolescente ou adulto, é visto como preguiçoso, bagunceiro ou simplesmente alguém desagradável.

Em qualquer fase da vida, as apresentações do transtorno têm a mesma raiz, ou seja, a impulsividade, a agitação e a falta de atenção. Na maturidade, no entanto, a abrangência das consequências é mais ampla. O caos provocado em todas as esferas da vida é arrasador. A área profissional é marcada por instabilidade e maior índice de desemprego. Procrastinação, rendimento abaixo da capacidade intelectual, ausência de foco e atenção, dificuldade para seguir rotinas, incapacidade de planejamento e execução das tarefas propostas estão entre os motivos dos costumeiros fracassos. "Além disso, há questões como os frequentes esquecimentos, perdas e descuidos com datas e reuniões importantes", explica a psicóloga Iane Kestelman, presidente voluntária da Associação Brasileira do Déficit de Atenção.

As relações afetivas e sociais são igualmente prejudicadas. Não se sabe com precisão, por não haver estatística confiável, mas o índice de divórcios e separações é maior entre os pacientes. As queixas de desorganização e falta de aptidão para ajudar no gerenciamento da casa são frequentes. Com os amigos, as reclamações mais comuns estão em torno da

SINTOMAS DISTINTOS

Os sinais do transtorno se diferenciam ao longo dos anos

Em crianças e em adultos, o diagnóstico é baseado no tripé:

- *desatenção*
- *impulsividade*
- *hiperatividade*

Com a idade, os sintomas podem variar em gravidade e preponderância entre um e outro

Além disso, **75% dos adultos** apresentam mais de uma comorbidade

Entre as mais comuns, estão:

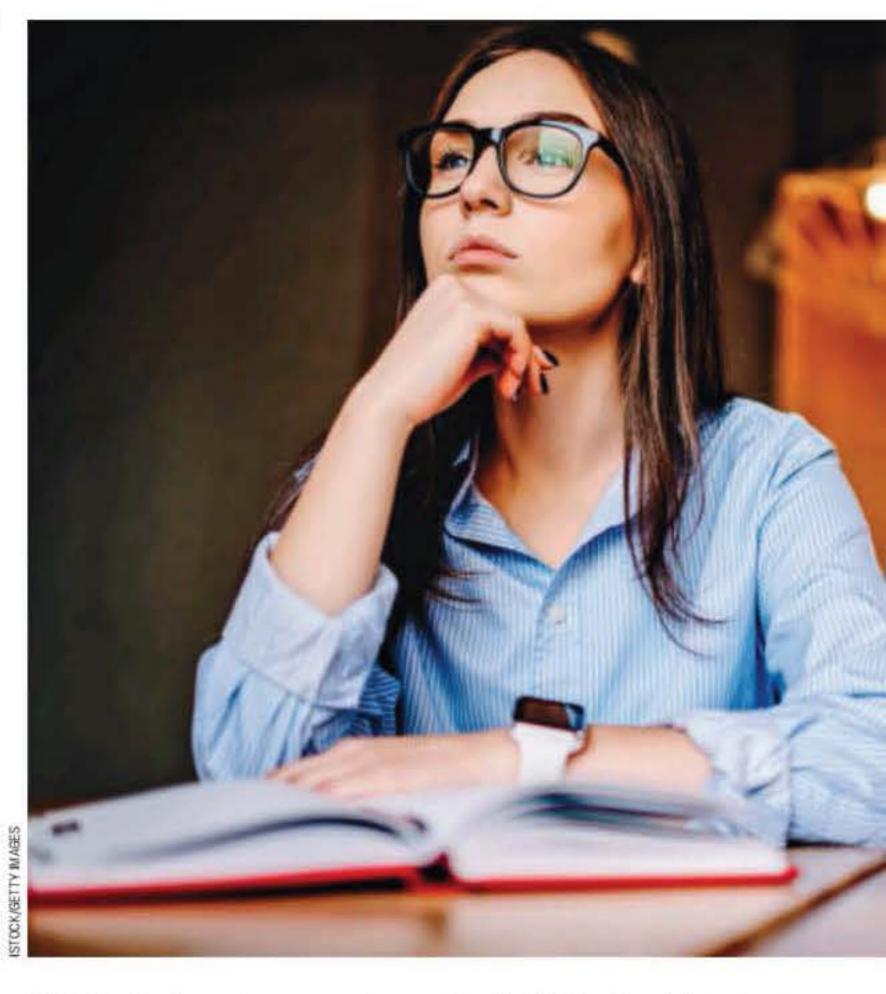
- *compulsão alimentar**
- *distúrbio do sono**
- *depressão*
- *ansiedade*
- *dependência química*
- *alcoolismo*

*Crianças também têm

AMPLO TRATAMENTO

Em geral, associa-se ***terapia comportamental com medicação***

Fonte: *Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA)*

ISTOCK/GETTY IMAGES

falta de atenção em conversas, mudanças súbitas de humor, inabilidade para escutar e esperar a vez de falar, além da incapacidade para expressar ideias e colocá-las em prática. O desenrolar de meses e anos assim solidifica na trajetória do paciente um ciclo negativo marcado por baixa autoestima e sentimento de fracasso. Por isso, em cerca de 75% dos adultos os sintomas aumentam ou contribuem para o surgimento de quadros de depressão, ansiedade, bipolaridade, dislexia, distúrbio de sono, dependência química e alcoolismo. “É um sofrimento enorme”, diz a psicóloga Iane. “O paciente fica exausto.”

O primeiro passo para mudar a direção dessa espiral é procurar ajuda caso a história de vida e sintomas se assemelhem aos descritos. Há fontes credenciadas onde buscar informação, como o site da ABDA. Somente a avaliação de um especialista indica a presença do transtorno. Há no Brasil alguns centros especializados. Em São Paulo, funciona o Ambulatório de TDAH em adultos do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Na Bahia, há o serviço da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, localizada em Salvador, e no Rio Grande do Sul existe atendimento no Centro de Pesquisa Clínica do Hospital das Clínicas de Porto Alegre. Uma vez identificado, o TDAH pode ser tratado com remédio

ATENÇÃO Tédio: pacientes se desinteressam rapidamente por atividades rotineiras

— a famosa ritalina — associado a terapia e treinamentos que auxiliam na organização de tarefas cotidianas (como não perder compromissos). Ninguém deve sofrer prejuízos tão profundos por falta de assistência. "Os tratamentos existem e devemos trabalhar para que o transtorno não acompanhe o indivíduo até a vida adulta", afirma o médico Mario Louzã, coordenador do Ambulatório de TDAH em adultos do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP. Todos ganham quando o mal é cortado pela raiz. ■

LUCILIA DINIZ

MAGIA DO RELÓGIO

Duas horas bem aproveitadas podem mudar tudo

CERTO DIA uma senhora foi ao estúdio de Picasso encomendar-lhe um quadro retratando uma pomba. Acertado o valor — uma fortuna — o artista empunhou o pincel e, na presença da cliente, produziu a encomenda, um traço oblíquo descendente ligado a outro, ascendente, um pouco mais curvo e longo, no melhor estilo cubista que ajudara a inventar. Duas linhas, dois palitos. Ela se espantou: "Poxa, mas você levou só uns minutos para pintar". A resposta entraria para a história: "Na verdade, minha senhora, eu levei uma vida inteira". O diálogo, registrado com variações no anedotário das artes plásticas, costuma ser citado como exemplo de que a genialidade, fácil na aparência, em geral é fruto de muito esforço. Mas ilustra também o tanto que pode ser feito num lapso de tempo.

"Um cuidado para não pôr tudo a perder: a rapidez, por si própria, não é garantia de resultado"

Transportado para o nosso cotidiano, esse conceito pode ser transformador. É comum a atitude de desprezo em relação aos minutos, e até às poucas horas, que sobram entre um compromisso e outro. "Em duas horas não dá para fazer absolutamente nada." "Não tenho como aproveitar os quinze minutinhos antes de começar a reunião." Reações assim geram o desperdício do nosso bem mais precioso: o tempo. Mas é tudo uma questão de adaptarmos nossa expectativa. Com duas horas não dá para maratonar uma série, mas é possível assistir a um filme maravilhoso. Seria inviável produzir um banquete, mas não um prato delicioso. E se você tem só uns minutos, não vai atravessar um romance caudaloso, mas poderá ler dois ou três poemas, e até esticar a experiência, quem sabe garimpando um pensamento entre versos.

Cada um desenvolverá sua própria estratégia. Admiro, por exemplo, a maneira como o meu marido, Luiz, aproveita qualquer pequena janela entre compromissos. Ele fecha os olhos, entra em alfa e lá fica, imerso em suas ideias. Quando volta, está renovado, emocional e intelectualmente pronto para o que vier. A verdade é que insights, por natureza, não consomem mais do que um breve instante. Não levou mais do que uma fração de segundo para que o ovo de Colombo fosse colocado em pé ou para que Alexandre, o Grande cortasse o nó górdio, resolvendo com invejável pragmatismo o problema que encafifava seus contemporâneos.

Da mesma maneira, decisões importantes, aprendizados duradouros e relaxamentos necessários não precisam demorar mais do que duas horas. Nesse pequeno intervalo temporal é possível fechar um negócio que será fundamental para a empresa ou para sua vida profissional. Um par de horas é também suficiente para um jantar tranquilo com uma pessoa querida. Um esportista amador não faria uma sessão de atividade física mais longa do que isso, incluída aí uma revigorante ducha final. Cabe ainda nessas dezenas de minutos: aprender uma receita nova, mudar o visual numa visita ao salão, comparecer àquela consulta sempre adiada ou se desincumbir da correspondência atrasada. São atividades relativamente rápidas e com potencial para dar uma guinada no nosso dia e melhorar nossa autoestima.

Só é preciso cuidado para não colocarmos tudo a perder com a mesma velocidade. Sim, porque a rapidez, por si própria, não é garantia de resultado. ■

FOTOS DIVULGAÇÃO

OPULÊNCIA Casa completa: projeto da biblioteca *(à esq.)* e um dos quartos do MV Narrative *(acima)* desenhados para atrair quem busca sofisticação longe da terra firme

MAR, DOCE LAR

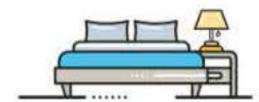
Cresce no mundo a oferta de mansões em navios de cruzeiro, os chamados condomínios flutuantes, mas agora com preços mais acessíveis **LUIZ FELIPE CASTRO**

O MERCADO imobiliário de luxo foi um dos poucos a passar ileso pela pandemia de Covid-19. O isolamento social impulsionou a busca por maior qualidade de vida e consagrou o modelo de trabalho remoto, segundo o qual as pessoas podem ser úteis e ativas em qualquer endereço. Acompanhando os novos ventos, uma modalidade vem ganhando terreno — em alto-mar. São os navios de cruzeiro residenciais, uma proposta que parece absurda à primeira vista, mas que tem seduzido um número crescente de proprietários interessados em singrar os oceanos com suas famílias, e parar de tempos e tempos em portos mundo afora para desfrutar paisagens estonteantes. Pensando bem, a ideia não é tão extravagante assim.

O navio MV Narrative, da empresa Storylines, em construção no Porto de Split, na Croácia, e com viagem inaugural programada para 2024, é a nova sensação desse mercado. Com unidades valendo, no mínimo, o equivalente a 400 000 dólares, mais uma taxa anual que varia de 65 000 a 200 000 dólares para cobrir os serviços de manutenção e alimentação, o condomínio certamente não está ao alcance de todos, mas aparece como alternativa para quem deseja viver em alto-mar.

Seus concorrentes são mais caros. Uma vaga no The World, pioneiro no setor, não sai por menos de 2 milhões de dólares. Em atividade desde 2002, a maior embarcação residencial privada (tem 196 metros de comprimento)

NO MESMO BARCO

O que o navio MV Narrative, programado para ser lançado em 2024, oferece:

547 residências de 72 a 600 metros quadrados, que custam entre 400 000 e 8 milhões de dólares

20 restaurantes e bares, 3 piscinas, biblioteca com 10 000 livros, cinema, academia, quadras esportivas, pista de boliche e jardim hidropônico

Farmácia, banco, agência de correios, atendimento médico e sistema de ensino, com professores particulares para os filhos de moradores

Volta completa ao mundo em **3 anos e meio**

PIONEIRO The World: a embarcação passou por 1200 portos em diversos países

NAS ALTURAS Navio Utopia: mansões custam até 36 milhões de dólares

ostenta a primeira quadra de tênis flutuante e uma adega com capacidade para 12 000 garrafas. No navio Utopia, a mais barata das 190 casas sai por 3,9 milhões de dólares, enquanto no Somnio, também previsto para estrear em 2024, descrito como "o endereço mais exclusivo do mundo", as unidades custam a partir de 11 milhões de dólares. Em todos os casos, as negociações são abertas apenas mediante convite.

O senso comum leva a crer que os muito ricos, donos de jatinhos e mansões pelo mundo, preferem viajar em iate particular com um batalhão de funcionários, mas um dos diferenciais dos condomínios flutuantes são as experiências em grupo. "Um morador da MV Narrative é alguém que procura aventura, mas dentro de um senso de comunidade", diz o CEO da Storylines, Alister Punton. Ao contrário dos cruzeiros tradicionais, em que a passagem por pontos turísticos pode durar apenas algumas horas, as paradas feitas pelos condomínios flutuantes são mais longas e, portanto, mais proveitosas. Não é exagero dizer que a iniciativa tem dado certo: a maior parte das 547 residências já foi vendida.

Curiosamente, logo nas primeiras páginas do folheto promocional da Storylines, há uma breve referência ao Brasil, com uma frase motivacional do escritor Paulo Coelho: "Quando você quer uma coisa, todo o universo conspira para que possa realizar o seu desejo". A companhia, no entanto, segue normas de confidencialidade e não revela se há brasileiros entre os residentes, que chama de "comunidade global".

Até aqui, os atuais moradores desses navios e a maior parte dos compradores têm sido de empresários com flexibilidade de agenda ou aposentados com recursos financeiros. Mas há um aumento da procura por jovens, incluindo famílias com filhos pequenos e os chamados nômades digitais, pessoas que trabalham de forma remota. Supostamente, a cobertura completa de internet e a presença de professores, lojas de conveniência, correios e enfermarias prometem atender a todas as necessidades dos proprietários. É o mínimo. Afinal, quem gasta uma grana dessas não quer viver à deriva. ■

HEI JIANJUN/BEIJING YOUTH DAILY/VCG/GETTY IMAGES

MUTIRÃO SANITÁRIO Limpeza em ginásio chinês: os organizadores da Olimpíada decidiram barrar a presença de público

UM BALDE DE ÁGUA FRIA

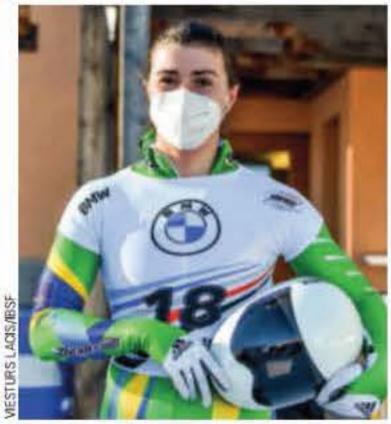
A China queria fazer dos Jogos Olímpicos de Inverno em Pequim um espetáculo de liderança geopolítica. Será, mas agora embaçado pelo recente surto da variante ômicron **FÁBIO ALTMAN**

O MUNDO vivia uma pandemia. A I Guerra terminara. As fronteiras entre os países tinham sido abertas muito recentemente. Para chegar a Antuérpia, cidade portuária da Bélgica, palco da sétima Olimpíada da Era Moderna, em 1920, a trupe do atirador esportivo Guilherme Paraense — primeiro medalhista de ouro da história brasileira — viveu uma saga de cinema. O embarque foi em 2 de julho. O navio chegaria ao destino em 5 de agosto — em viagem na terceira classe, mais ao fundo do que Leonardo DiCaprio no *Titanic*. Dormiam todos no chão do bar imundo ou no convés. Ao saber que desembarcariam depois do início da competição, pegaram um trem em Lisboa, com vagões abertos, à mercê do sol, do vento e da chuva. Pior: na alfândega tiveram as armas e munições confiscadas. Ludibriaram os guardas, esconderam o que deu, mas depois foram roubados.

Corte para 2022. O mundo vive uma pandemia. As fronteiras entre os países começam agora a ser abertas. E a aventura a caminho de Pequim, sede dos Jogos de Inverno a partir de 4 de fevereiro, parece ter sido extraída de um documentário do início do século XX. A China queria, e quer ainda, fazer do torneio um símbolo de seu poderio, a primeira grande festa mundial depois do maldito novo coronavírus. Mas veio o balde de água fria.

A variante ômicron — associada ao zelo chinês para manter o número de casos no país próximo de zero, acredite quem quiser — forçou imensa mudança de planos. Nas próximas semanas, Pequim será palco de uma experiência inédita, uma bolha muito mais rigorosa que a da NBA na Disney, em 2020, ou de Tóquio, na Olimpíada do ano passado. Multiplique-se as restrições por 1 000, e bem-vindo ao que os organizadores alcunharam de *closed loop*, em inglês, o circuito fechado seguido de perto por tropas severas. Quem sair da linha será imediatamente posto no avião de volta para casa.

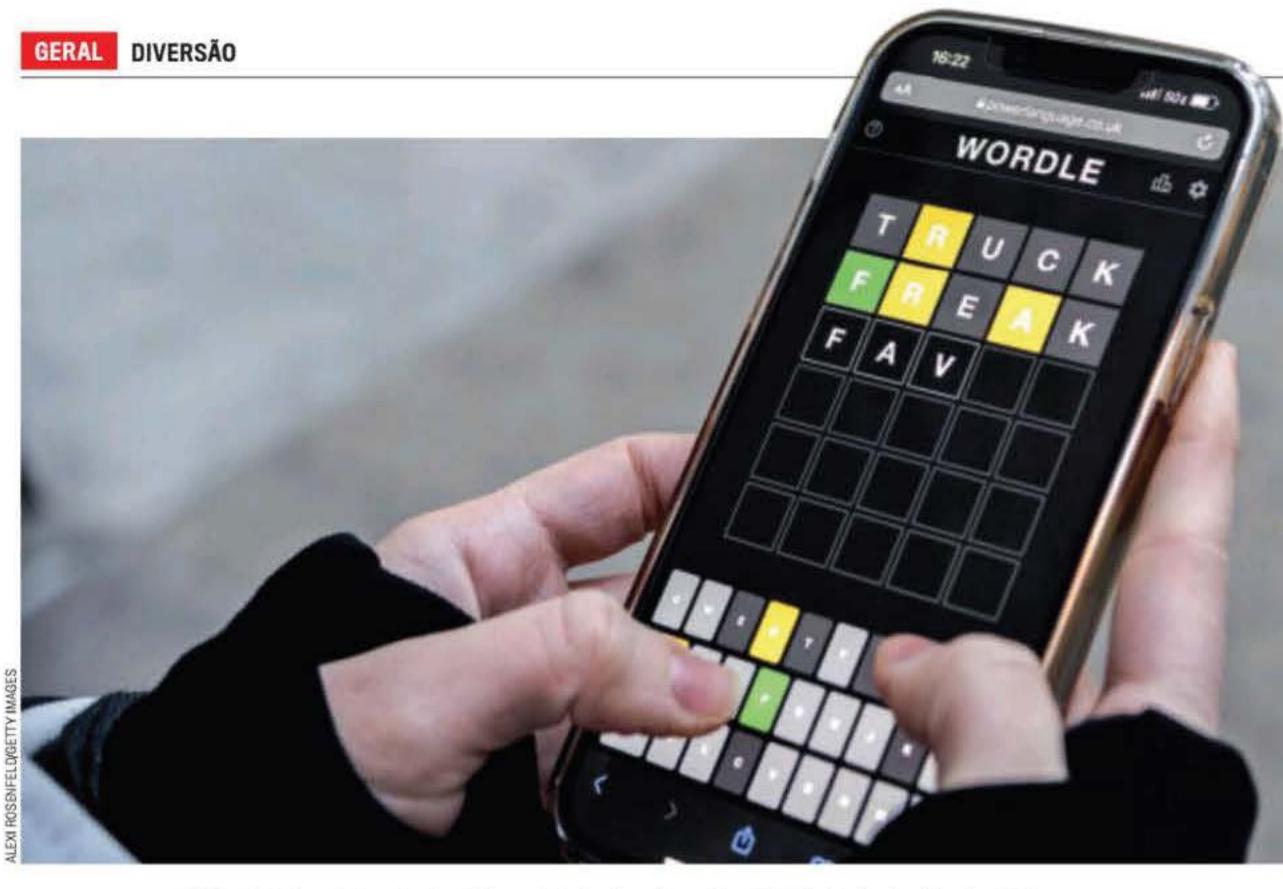
Para começo de conversa, os mais de 2 000 atletas esperados na cidade, além de 25 000 profissionais de apoio, só poderão embarcar em voos diretos a partir de Paris, Singapura, Hong Kong e Tóquio. Todos duplamente vacinados — quem não conseguir comprovar a imunização terá de se submeter a 21 dias de quarentena em hotéis fechados como prisões, ou seja, já precisam estar lá. Testes com resultado negativo são compulsórios 96 horas e 72 horas antes do último trecho direto de avião. Do aeroporto, seguirão em vagão exclusivo para a hospedagem. Dali só sairão para as competições, ida e volta, rastreados eletronicamente em programas baixados nos smartphones. Terminada a participação, terão 72 horas para deixar o país. Nada de turismo, nada de perambular pelas ruas, nada de nada. Em Tóquio, depois de catorze dias olímpicos, os visitantes foram liberados para fazer o que bem quisessem, de máscaras, por óbvio. Em Pequim, não. As arquibancadas também estarão vazias, silenciosas.

No Japão, houve 400 episódios de contaminações dentro da chamada família olímpica. Na China, a ideia é evitar um único caso. "Se atravessarmos a disputa sem surto, seria uma medalha de ouro a ser reivindicada", diz Yanzhong Huang, diretor do Centro de Estudos de Saúde Global da Universidade Seton Hall. A ver. O Brasil levará onze atletas, numa delegação total de 31 pessoas. O COB, por via das dúvidas, tratou de ser mais realista do que o rei, em postura positiva e aplaudida, e impôs à turma outro par de testes, além dos dois obrigatórios. "O maior desafio logístico é o tempo curto entre a definição oficial dos classificados, com o ranking olímpico fechando no dia 17 de janeiro, e o primeiro atleta do Brasil, competindo já no dia 3 de fevereiro, antes até da Cerimônia de Abertura", disse a VEJA Anders Pettersson, chefe da missão. "Apesar de já estarmos acostumados com esse tipo de prazo, Pequim tem a peculiaridade de ser realizado em um contexto pandêmico, com muitas restrições para a entrada na bolha."

VIESTURS LACIS/IBSF

VIESTURS LACIS/IBSF

DE TIRAR O FÔLEGO A brasileira Nicole Silveira: destaque na mais veloz das modalidades em disputa, o skeleton

Furá-la, só mesmo pela televisão (para o Brasil a transmissão será pelo SporTV). Será, como sempre, um espetáculo plasticamente inigualável, em meio ao gelo e ao branco da neve. Vale a pena ficar de olho na brasileira Nicole Silveira, da modalidade skeleton, aquela em que o competidor se lança em um trenó e desce de cabeça a pista. Vence quem tiver o menor tempo na soma das descidas. É de tirar o fôlego, como boa parte das disputas olímpicas. Apesar da pandemia, apesar da ômicron, os Jogos de Pequim entregarão um fascinante espetáculo de esporte e geopolítica global. ■

ALEXI ROSENFELD/GETTY IMAGES

SOPA DE LETRINHAS

Lançado há apenas três meses, o *Wordle* se tornou fenômeno da internet ao desafiar jogadores para que decifrem vocábulos. A versão em português também virou febre **ALESSANDRO GIANNINI**

FORCA, STOP, Palavras Cruzadas, Soletrando... Em meio à pandemia de Covid-19, os jogos de vocábulos, analógicos e digitais, ressurgiram no auge do confinamento e ganharam espaço na rotina das pessoas, ocupando os longos tempos mortos e tornando-se novamente muito populares. Uma das razões apontadas por especialistas foram os benefícios desse tipo de entretenimento para a higiene mental, embora seus reais efeitos ainda sejam tema de debate entre os cientistas. Na esteira dessa tendência, um novo passatempo envolvendo a adivinhação de palavras começou a fazer sucesso na internet no fim do ano passado. Criado por um programador britânico que vive em Nova York, o *Wordle* se espalhou como um rastilho de pólvora entre os internautas que dominam ou que são nativos em inglês. Em questão de semanas, foi traduzido para outras línguas, inclusive o português, e mostrou-se igualmente viciante.

LINKEDIN @JOSHWARDLE

ACASO Josh Wardle: o engenheiro criou a brincadeira apenas para se divertir com a namorada

O joguinho é simples e fácil. O objetivo é adivinhar uma palavra de cinco letras em até seis tentativas. A cada uma delas, o programa mostra, por meio de um sistema de cores, quais letras fazem parte da expressão e estão na posição certa, quais fazem parte, mas na posição errada, e aquelas que devem ser descartadas, como o clássico jogo Senha, de pecinhas coloridas. Ao fim, o jogador tem a possibilidade de compartilhar sua performance nas

NOVA MANIA
O jogo no smartphone: o passatempo atraiu 300 000 usuários no mundo com apenas um enigma por dia

redes sociais e saber quanto tempo vai levar para o sistema apresentar um novo enigma, que surge a cada 24 horas. Não é necessário cadastro, não há publicidade envolvida e nem um sistema de notificações para atormentar. Um sonho em um ambiente pródigo em recursos para atrair os usuários de volta aos sites e aplicativos.

Há uma história de amor por trás do fenômeno. Josh Wardle, que já trabalhou no agregador Reddit, criou o *Wordle* — uma brincadeira com o seu sobrenome — para a namorada, Palak Shah, durante um dos picos da pandemia nova-iorquina. O que era uma pequena diversão a dois acabou no grupo de mensagens da família e, em 1º de novembro do ano passado, ganhou um site (www.powerlanguage.co.uk/wordle). A adesão dos internautas foi imediata, partindo de noventa jogadores nos primeiros dias para mais de 300 000 logo após a virada do ano. Nesse processo, Wardle notou que um usuário da Nova Zelândia usava emojis para mostrar a evolução de suas tentativas nas redes sociais. No fim de 2021, o engenheiro lançou uma alternativa para permitir que os jogadores compartilhassem suas conquistas sem dar spoiler da palavra do dia. Foi quando o jogo explodiu.

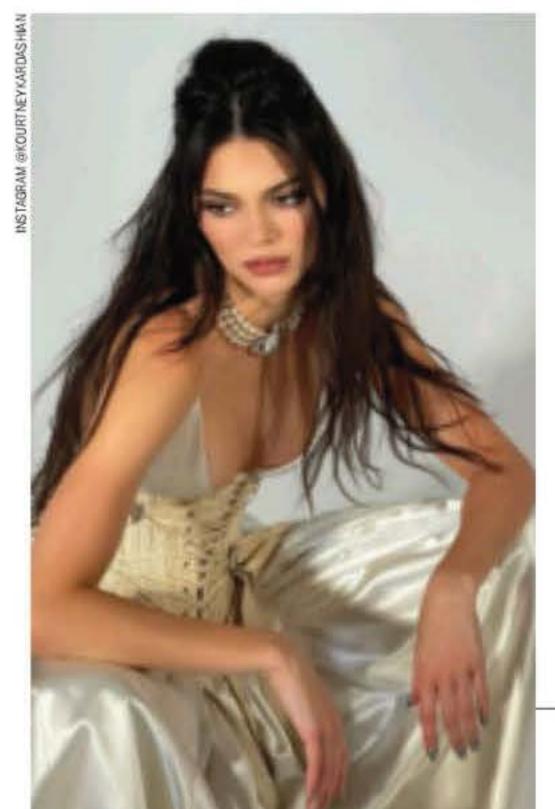
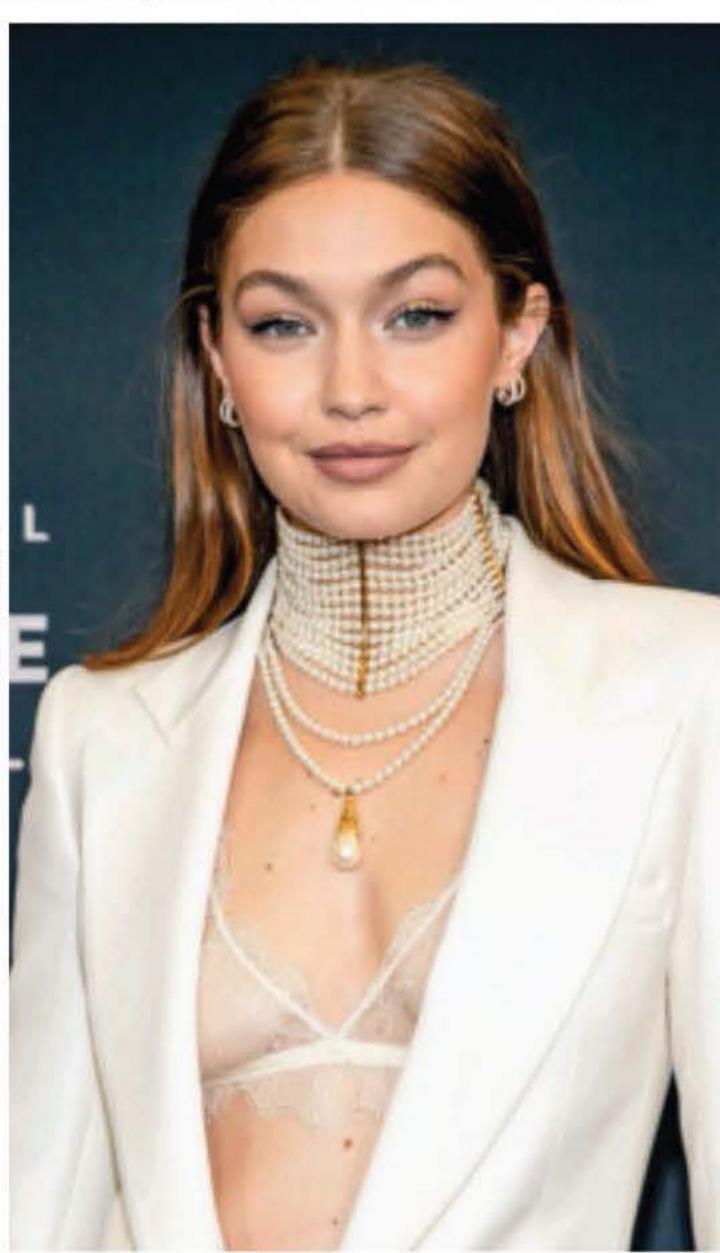
No começo, os brasileiros tiveram que se contentar com o *Wordle* em inglês. Na primeira semana de janeiro, porém, o paulistano Fernando Serboncini, gerente de engenharia do Google que mora no Canadá há cinco anos, lançou o *Termo* (https://term.ooo). Serboncini diz que jogos de palavras desenvolvidos por programadores independentes nunca são lançados em português porque nos falta um dicionário de qualidade em código aberto para compilar as palavras. "Achei que essa poderia ser a oportunidade de resolver esse problema", disse a VEJA. "Daí, construí um dicionário e desenvolvi o jogo." Atualmente, 175 000 pessoas jogam todos os dias a versão em português, a maior parte no Brasil. Ao todo, mais de 2 milhões de jogos foram completados.

O brasileiro Rodrigo Calloni faz parte dessa estatística. Morando nos Estados Unidos há treze anos, o bibliotecário e especialista em visualização de dados começou a jogar *Wordle* antes de descobrir o *Termo*. Ele conta que conheceu o passatempo quando a filha de 7 anos, que tem necessidades especiais em razão de um traumatismo craniano, pegou Covid-19 e ambos ficaram isolados na casa onde moram, em Silver Spring. "Entre um cochilo e outro dela, que fica muito cansada quando tem uma convulsão, acabo brincando com o joguinho", diz ele. "Tenho uma sensação de gratificação num momento, por cinco minutos que seja, de fuga da realidade." A cultura das redes sociais de que é preciso absorver o maior tempo possível das pessoas não cabe nesses jogos. Talvez o fato de não exigirem tanto de quem joga explique o seu sucesso. ■

ELAS SÃO ETERNAS

As pérolas, sempre clássicas, serão onipresentes neste ano. E o melhor é que a liberdade contemporânea permite que elas sejam usadas de um jeito bem mais divertido **SIMONE BLANES**

INSTAGRAM @ADDISONRAEE

INSTAGRAM @KOURTNEYKARDASHIAN

PURA BELEZA Elegância: a atriz Addison Rae *(acima, à esq.)* e as modelos Kendall Jenner *(ao lado)* e Gigi Hadid *(acima)* estão conectadas à tendência também no tom perolado das roupas

PEARLCORE é o nome em inglês de uma das principais tendências de estilo de 2022. Em tradução livre, significa que as pérolas estarão no centro dos olhares ao longo do ano. Colares, brincos e roupas na cor ou adornadas com a joia serão onipresentes nas passarelas, festas, de gala ou não, na moda masculina e nas ruas. A primazia consolida o movimento iniciado no ano passado da estética craftcore (artesanal), marcada por acessórios contemporâneos que flertam com a nostalgia. E, convenhamos, poucos ornamentos evocam tanto o passado quanto as pérolas.

Contudo, o mais interessante e divertido é que, agora, elas aparecem usadas de outros jeitos por pessoas insuspeitas, compondo surpresas deliciosas. O cantor e ator inglês Harry Styles, ícone de comportamento desses tempos nos quais beleza não tem gênero, adora usar um colar curto por cima de suéteres. A cantora inglesa Billie Eilish, de 20 anos, mistura modelos sobre camisetas ou vestidos finos. "As pérolas estão sendo ostentadas de maneiras modernas por pessoas de diferentes estilos", diz Maurício Okubo, diretor de marketing da joalheria Julio Okubo. A turma da moda também aderiu. As irmãs Bella e Gigi Hadid e Kendall Jenner, por exemplo, desfilam por aí com cordões e vestidos em tons perolados.

Pérolas são gemas esféricas orgânicas produzidas por ostras em reação a corpos estranhos, como grãos de areia ou parasitas. Os moluscos passam a fabricar a madrepérola, substância que, solta em camadas, endurece em torno do invasor e ganha uma forma arredondada e cristalina. É um processo que pode levar de seis meses a cinco anos. Por isso, são tão preciosas. Estima-se que apenas uma em cada 10 000 ostras produza uma pérola naturalmente. Aquelas cujas esferas são simétricas, com formas e tamanhos definidos, são cultivadas.

EMMA MCINTYRE/GETTY IMAGES

JEFF KRAVITZ/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

INSTAGRAM @BELLAHADID

APENAS UM TOQUE Informal: Billie Eilish *(acima)* e a modelo Bella Hadid adoram sobrepor colares para compor um visual despojado, mas nem tanto

É curioso acompanhar a evolução histórica da admiração humana por essas criações. De tão raras, eram objetos para poucos e por muito tempo faziam parte apenas do acervo de joias da realeza. Eram símbolo de força. "Se você queria mostrar que tinha poder, era necessário possuir pérolas", conta Costanza Pascolato, uma das maiores referências de moda do país. Como tudo o que é verdadeiramente belo, é difícil atribuir valores a elas. Daí decorrem episódios como aquele no qual as peças serviram como moeda de troca em uma das mais fantásticas transações comerciais envolvendo uma grife. Em 1917, Pierre Cartier — neto de Louis-François Cartier, fundador da Cartier — trocou um colar de pérolas avaliado em 1 milhão de dólares pela mansão na Quinta Avenida, em Nova York, sede da marca até hoje. O lugar pertencia a Morton Plant, um executivo que quis realizar o desejo da esposa, Maisie, encantada pela joia.

No século XX, boa parte dessa mítica se deve à estilista Coco Chanel, que deixou o acessório mais perto das pessoas, e à princesa Diana. Pérolas eram suas preferidas. A retrospectiva ajuda a entender por que hoje elas brilham ao mesmo tempo de formas criativas e tradicionais. Em uma das fotos que tirou recentemente em celebração de seus 40 anos, a duquesa de Cambridge, Kate Middleton, aparece com um vestido de tule combinado a um par de brincos em forma de gota que pertenceu à ex-sogra, Diana. É bem possível que na mesma Londres onde o retrato foi feito estivesse Billie Eilish e seu colar de pérolas sobre a camiseta. ■

TANIA KOLINKO/SHUTTERSTOCK

ESPONJA O cérebro infantil em ação: a janela está aberta para o cultivo de um menu que valorize as boas opções

OLHAR, COPIAR, COMER

A onda global de acompanhar nas redes o dia a dia alimentar de celebridades e anônimos tem o poder de mudar os hábitos à mesa — e pesa a favor da comida saudável **JULIA BRAUN**

OS PROGRAMAS capitaneados por chefs venerados que produzem alquimias na cozinha já vêm há tempos arrastando multidões para a frente da TV. Aí a internet chegou com tudo e deu nova envergadura ao hábito de assistir ao preparo de receitas — um território que rapidamente se multifacetou: caiu no gosto das pessoas ver as outras, muitas delas anônimas, comendo e discorrendo sobre suas rotinas alimentares na rede. Só a hashtag #WhatIEatinaDay (o que eu como em um dia) registra mais de 10 bilhões de visualizações, fenômeno que exibe a uma plateia global do mais espartano sujeito e seu saudável cotidiano de refeições à moça que preenche os dias à base de fast food.

O que se sabe agora é que o sistemático consumo desses vídeos vem influenciando em escala planetária a relação das pessoas com a comida. E não se trata apenas do que comemos, mas também das porções que colocamos no prato e até da cadência com que levamos o alimento à boca. "Alimentação é um comportamento fortemente social e detectamos nesse campo uma enorme tendência de a espécie humana imitar o que observa à sua volta", afirma Jane Ogden, professora de psicologia da saúde na Universidade de Surrey, no Reino Unido.

Uma nova frente de estudos tem investigado o cérebro para decifrar como se dá esse mecanismo que acaba nos fazendo ansiar o prato do vizinho. A resposta da ciência está nos chamados neurônios-espelho, responsáveis por observar, processar e replicar padrões sociais, que se tor-

nam modelos para regular emoções e tecer interações sociais. As refeições se inserem nesse contexto — copiar o colega ao lado é um gesto social, de aproximação, que se desenrola como resultado de uma frenética atividade da mente. As mais recentes descobertas sobre o tema apontam que o que ocorre ao vivo e em cores se passa em elevadíssima potência quando alguém está assistindo à comilança alheia no mundo virtual.

A boa notícia vem de um vasto levantamento conduzido pela Universidade Aston, no Reino Unido. Ao captar a influência das redes nas escolhas à mesa, a pesquisa constatou que existe uma tendência de as pessoas abraçarem mais os bons do que os maus exemplos — o lado iluminado dos legumes, verduras e frutas vence com uma margem de 15% o dos hambúrgueres e coxinhas, ainda que eles exerçam inequívoco magnetismo. "Eu me inspirei no cardápio de gente que acompanhava na internet para mudar totalmente minha relação com a comida, e foi para melhor", conta a hoje saudável estudante Gabriela Sahade, 17 anos, que não aguentou: passou ela também a compartilhar seu dia a dia alimentar nas redes, acumulando inacreditáveis 230 000 seguidores.

Mas que ninguém se engane: há muito, muito mesmo, o que se deletar nesse nicho que só faz crescer e aparecer. No rol do que é descartável se encontram os *mukbangs*, vídeos de ingestão excessiva, veloz e até grotesca de comida que se popularizaram no YouTube e em canais de streaming na Ásia. Fazem tamanho barulho que o governo chinês, liderado por Xi Jinping, decidiu bani-los da internet, justificando que podem conduzir os jovens a comer além da conta e incentivar o desperdício. A iniciativa foi ancorada em uma lei que determinou a varredura de sites e apps que disseminam a prática — os desobedientes pagam multa de mais de 1 000 dólares.

MEU BEM, MEU MAL Em lados opostos da rede: Gabriela Sahade *(à esq.)* dá o bom exemplo, enquanto o *mukbang (acima)* prega a comilança

Pesquisadores da faculdade de medicina da Universidade Nacional de Seul rastrearam pessoas que fielmente assistem aos vídeos *mukbang* e concluiu que 98% tiveram seus hábitos alimentares alterados: uns, com os olhos vidrados na tela, sentiam-se estimulados a comer fora de hora; outros tratavam de copiar pratos desprovidos de nutrientes na refeição seguinte. Houve inclusive registro de ganho de peso na amostra analisada. "Imagens muito apelativas de comida podem ser irresistíveis, provocando no cérebro efeito semelhante ao experimentado pela pornografia", compara o neurocientista Paul Smeets, da Universidade de Wageningen, na Holanda.

A maior parte dos hábitos humanos é adquirida na infância, especialmente até os 5 anos de vida, mas o processo de aprendizado por meio de exemplos nunca cessa e contém um claro componente cultural. Isso vale para a alimentação. "É o que explica as diferenças de paladar entre japoneses e brasileiros e o fato de casais engordarem ou emagrecerem juntos", explica a britânica Jane Ogden. A profusão de programas e vídeos voltados para culinária deságua em estímulos visuais que põem o cérebro para trabalhar, desencadeando uma ativa produção de hormônios que abrem o apetite. Em setembro, quem deu gás ao fenômeno mundo afora foi a americana Emily Mariko, que cativou milhões de seguidores com uma receita simples de arroz com salmão desfiado cujo vídeo viria a ser reproduzido milhares de vezes, um daqueles sucessos instantâneos difíceis de decodificar. Só de olhar, deu fome a muita gente. "Assim que vemos a comida, ativamos mecanismos fisiológicos para iniciar o processo de digestão", diz Maria Luiza Petty, especialista em nutrição e comportamento alimentar. Que tantos e variados estímulos conspirem a favor de um bom prato. ■

ADN-BILDARCHIV/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

DESTINO TRÁGICO Anne: a adolescente escreveu seu famoso diário enquanto estava confinada, dos 13 aos 15 anos

TRAIÇÃO HISTÓRICA

Liderada por um ex-agente do FBI e com ajuda da inteligência artificial, uma nova investigação revela quem foi o delator que entregou Anne Frank e sua família aos nazistas **RAQUEL CARNEIRO**

AOS 15 ANOS, Anne Frank travava uma luta entre seus dois lados: a Anne "jovial" e a "quieta". Seria uma crise típica da adolescência, não fosse uma agravante: a garota estava trancada havia 25 meses com seus pais, Otto e Edith, a irmã Margot e mais quatro pessoas no fundo de um prédio em Amsterdã — escondidos na tentativa de escapar das atrocidades nazistas na II Guerra. O isolamento já lhe dava nos nervos, e seu lado melancólico vinha vencendo o jovial. Esse foi o tema do último texto da garota, datado de 1º de agosto de 1944, no incontornável best-seller *O Diário de Anne Frank*. Três dias depois, em 4 de agosto, por volta de 10 horas, um carro da SS, a polícia nazista, parou diante da empresa de temperos de Otto, fachada do Anexo — como o esconderijo era chamado. A invasão foi movida por um telefonema recebido pelo Alto Comando alemão. Os presos foram enviados a campos de concentração. Só Otto sobreviveu. Ao fim da guerra, ele tinha um objetivo: descobrir a identidade do delator do Anexo. O mistério, que passou por duas investigações oficiais na Holanda, em 1947 e em 1963, nunca fora resolvido. Até agora.

Em 2016, o cineasta holandês Thijs Bayens deu início a um projeto investigativo sobre o caso com o intuito de produzir um documentário, resultando antes no livro ***Quem Traiu Anne Frank?***, que chega ao Brasil em fevereiro pela HarperCollins. O plano era usar o caso famoso como um alerta para os perigos do aumento da xenofo-

bia e de movimentos nacionalistas na Europa hoje. A pesquisa foi além: histórias de outras famílias se cruzaram na emaranhada trama da investigação, revelando desde antepassados que ajudaram os nazistas até respostas para filhos de sobreviventes sobre os delatores de seus parentes. Isso graças à descoberta de quase 1 000 recibos de pagamentos feitos a colaboradores, que ganhavam cerca de 50 dólares (em valores atuais) por judeu entregue aos nazistas — uma velha teoria até então sem evidência cabal.

A reabertura do caso foi uma tarefa hercúlea, que contou com especialistas de qualidades e nacionalidades distintas, e ganhou forma sob a liderança do americano Vince Pankoke, 64 anos, um ex-agente do FBI. As sete décadas que os separavam do ocorrido foi um complicador e tanto. As testemunhas haviam morrido e a cena do crime, a Casa Anne Frank, virou um ponto turístico com 1,2 milhão de visitantes ao ano. Foi essencial, então, a ajuda da empresa holandesa Xomnia, que desenvolveu uma plataforma de inteligência artificial e catalogou 7 500 documentos, criando uma monumental rede de dados. "Teríamos demorado mais alguns anos sem esse programa", contou Pankoke a VEJA.

PAUL FLEMING

TEIA O mural de suspeitos *(acima)* e o agente americano Vince Pankoke *(no centro)* com membros da equipe do projeto: colaboração internacional em missão complexa

PAUL FLEMING

Uma teoria bem conhecida sustentava que algum dos vizinhos do Anexo teria entregue o grupo ao notar a movimentação dos confinados. Ao mapear a região, catalogando simpatizantes dos nazistas, delatores e oficiais da Gestapo, a equipe teve um choque. "A tela do computador se encheu de inimigos ao redor do Anexo", diz o agente. Para analisar essa e outras teorias, estabeleceu-se um axioma policial em três tópicos: conhecimento, motivo e oportunidade. O principal suspeito das duas investigações oficiais, Willem van Maaren, funcionário do armazém que não estava envolvido com os cuidados do esconderijo, foi descartado por Pankoke ao não se encaixar em dois quesitos. Mesmo tendo o conhecimento (ou a desconfiança) de que havia pessoas no fundo do prédio, ele não teria motivo para delatá-las, já que a empresa fecharia e ele perderia o emprego, e não teve a oportunidade, pois estava com os demais funcionários quando o telefonema da delação foi feito. Também não há indícios de que teria acesso a um contato de respeito entre os alemães. Tal detalhe, aliás, é uma pista notável. Ao contrário da maioria das prisões de judeus, comandadas por holandeses, o Anexo foi invadido por um militar alemão a mando de um comandante de alta patente. O delator, portanto, era alguém influente.

Ficou sob a responsabilidade da canadense Rosemary Sullivan, autora do livro, organizar e dar sentido ao robusto material. O lançamento do título fora do Brasil nesta semana foi bombástico, espalhando o resultado da investigação. Como em muitas outras situações que envolvem violência e traição, o perigo veio de dentro. Ao que tudo indica, um membro do conselho judaico holandês, o tabelião Arnold van den Bergh, entregou o endereço do Anexo para livrar a própria família da morte (era uma prática comum na Holanda pressionar judeus bem relacionados com a cúpula do nazismo para dedurar pessoas escondidas em troca de proteção). Há indícios de que, tempos depois, Otto descobriu seu traidor, mas manteve o segredo para não fomentar o clima antissemita. Pankoke diz que não julga Arnold, mas, sim, os nazistas. Faz sentido. Afinal, são eles os verdadeiros culpados pela morte de Anne Frank e de 6 milhões de judeus. ■

O FANTASMA DA

PRINCESA

Na versão notável de Kristen Stewart em *Spencer*, Diana é um ser quase imaterial, preso num castelo com assombrações

ISABELA BOSCOV

ELEVATION STUDIOS

DESAMPARO Kristen, como Diana: necessária só para os filhos, querida só pela criadagem

Na reconstituição do Castelo de Sandringham feita para *Spencer* (Inglaterra/Alemanha/Estados Unidos/Chile, 2021), em todas as áreas de serviço veem-se alertas para que os empregados mantenham silêncio: ali tudo se ouve. O Sandringham do diretor chileno Pablo Larraín é um microcosmo e uma metáfora; havia anos, na Inglaterra e no mundo, ouviam-se todos os rumores, em crescendo, da família real britânica — de refrega conjugal entre Charles e Diana, das traições de parte a parte, do cansaço da rainha com a nora volátil e popular demais. Em dezembro de 1992, viria o anúncio formal da separação. Mas, bem antes disso, os boatos de ruptura já fervilhavam, alimentados pela frieza do marido e pela expressão infeliz da esposa — por exemplo, em uma cena marcante, que muito atiçou as especulações, de Charles e Diana afastando-se como se nem conhecessem um ao outro à saída da missa de Natal de 1991.

A cena está em *Spencer*, que estreia nos cinemas na quinta 27. Mas o filme não é uma recriação de fatos verídicos: como Larraín avisa nos dizeres iniciais, trata-se de "uma fábula tirada de uma tragédia real". E é em tom de fábula — ou talvez de conto de casa assombrada — que transcorrem esses três dias do Natal de 1991 retratados pelo diretor. Antes até de entrar pela porta, Diana (Kristen Stewart) é motivo de irritação: onde está, por que não deu notícias? Vai se comportar ou criar caso?

Enquanto parentes reais e funcionários se armam para o comportamento errático de Diana, ela adia o inevitável. Dirige sozinha, perde-se nas estradinhas, embevece os fregueses de um posto de gasolina no qual pede informações, faz uma parada para observar a agora dilapidada Park House, onde nasceu e viveu até os 14 anos e em cujo campo resiste ainda, de pé, o espantalho vestido com uma velha jaqueta de seu pai, a qual, em um impulso, ela decide resgatar (trata-se de uma alegoria de um passado que ela sente ter sido destruído pelo seu presente: Park House não é mais dos Spencer, mas está preservada). Sem lembrar o trajeto para Sandringham, pede ajuda a Darren (Sean Harris), o chefe dos cozinheiros, que vai buscá-la. Na chegada, esquiva-se do ajudante de ordens da rainha, o major Alistair (Timothy Spall), que insiste em pesá-la para garantir que ela sairá de lá, ao fim do Natal, com pelo menos 1,5 quilo a mais — um ritual instituído pelo rei Eduardo VII no início dos anos 1900 e um pesadelo para quem, como Diana, lutava com a bulimia.

É a primeira de uma série de fugas protagonizada por essa Diana: durante todo o filme, ela se esgueira, esconde-se, escapa e se atrasa, vaga pelos corredores de Sandringham ou caminha no escuro rumo a Park House, onde as tábuas do piso apodreceram e o fantasma de uma rainha de fim trágico, Ana Bolena (Amy Manson), a espera. Henrique VIII decapitou Bolena, sua segunda esposa, para abrir ca-

PABLO LARRAÍN/NEON

QUASE INVISÍVEL Diana é relegada ao canto esquerdo da tradicional foto natalina de família: um retrato da hostilidade

minho para a terceira, e este é o destino que Diana antevê: o de ser descartada, por quaisquer que sejam os meios, para que os Windsor se vejam livres do estorvo que ela representa e também para que o caminho se abra para Charles e Camilla Parker Bowles. No desempenho altamente estilizado, e notável, de Kristen Stewart (que tem chances saudáveis de ser indicada ao Oscar), Diana já está se tornando meio imaterial, quase ela própria um fantasma, assombrado não só por Bolena, mas por uma família real cuja rigidez dá a essas pessoas um certo aspecto de mortos-vivos.

Nem seria preciso dizer que, da mesma maneira que em *Jackie* (2016), Larraín adota integralmente o ponto de vista de Diana, numa espécie de materialização da versão que ela deu aos fatos. Desde a balança antiquada em que o mordomo quer pesá-la, tudo em Sandringham conspira contra quem ela é: os horários intransigentes, o sem-número de rituais, os trajes designados de antemão, a vigilância opressiva dos que estão a serviço da rainha — como o major Alistair — e as confidências apressadas, sempre insuficientes, com aliados como a guarda-roupeira Maggie (Sally Hawkins). Para a família real, também, Diana é tão próxima do invisível que poderia nem estar lá. Larraín reserva para ela um rápido diálogo com a rainha e duas trocas breves mas intensamente humilhantes com Charles (Jack Farthing); ela existe de fato só para os filhos e para a criadagem — o lembrete de Larraín de que, casada aos 20 anos, inexperiente, fragilizada pelo abandono da mãe na infância e com a cabeça cheia de sonhos, Diana atravessou um conto de fadas ao contrário, de início auspicioso e um interminável final infeliz, durante o qual capitalizou seu carisma e desamparo para angariar níveis inéditos de devoção popular — a qual, na ocasião da sua morte, em 1997, voltou-se com ferocidade contra Elizabeth II, causando a maior crise institucional de seu reinado. Daí o filme se chamar "Spencer", o sobrenome antiquíssimo de Diana. No roteiro excelente (mas não para todos os gostos) de Larraín, não há histórias de príncipes e princesas. As únicas histórias verdadeiras — mesmo quando têm de ser imaginadas — são as de forças poderosas em oposição. ■

FREDERIC BATIER/NEON

SÓ UM SONHO De noiva, ao lado de Larraín *(dir.)*: conto de fadas de final infeliz

OS OPOSTOS SE ATRAEM

Em *Eduardo e Mônica*, adaptação para a tela do hit da Legião Urbana, um casal improvável lida com as diferenças para ficar junto nos anos 80 — uma lição válida em tempos de intolerância

FOI NUMA FESTA estranha e com gente esquisita que Eduardo (Gabriel Leone) conheceu a estudante de medicina Mônica (Alice Braga). Deslocado, o adolescente de moletom e aparelho nos dentes em nada se parecia com os tipos roqueiros da balada, muito menos com a moça que fazia uma insossa performance artística. Ele perde o ônibus para ir embora, ela lhe oferece uma carona de moto. Começa ali um romance que se revelará uma corrida de obstáculos. É difícil que algum adulto no Brasil tenha passado incólume pela canção-chiclete de Renato Russo que inspirou esse enredo. Na música, um rapaz mais novo e uma moça mais velha, completamente diferentes entre si, se apaixonam e formam uma família.

A letra em forma de narrativa parecia embalada para uma adaptação cinematográfica, e isso se concretiza 35 anos após o estouro da canção com o filme ***Eduardo e Mônica*** (Brasil, 2022), já em cartaz. Lançada em 1986 pela Legião Urbana, a música leve — uma exceção solar entre as composições melancólicas da banda — foi hit de uma geração que experimentava a virada político-cultural de uma época cujas liberdades e rebeldias ganharam expressão sonora na explosão do rock nacional daqueles anos.

JANINE MORAES

QUÍMICA TANGÍVEL Gabriel Leone e Alice Braga: amor que vence o ódio

A agitação, especialmente na Brasília da redemocratização, foi o pano de fundo da juventude do diretor René Sampaio. Aos 14, quando escutou *Faroeste Caboclo*, outra trama cantada por Russo, ele decidiu que um dia transformaria a (longa) canção em filme. O sonho foi realizado em 2013, e abriria portas para *Eduardo e Mônica*. "Adaptar uma música demanda ser fiel à letra e ao sentimento que provoca", disse ele a VEJA. O trunfo do novo filme, porém, é a expansão desse leque de emoções, resultado alcançado com um roteiro criativo e a ajuda da química tangível entre Alice e Leone. Eduardo é um estudante de pré-vestibular criado pelo avô militar, um apoiador da ditadura que acabara de ser extinta — o longa se passa na mesma Brasília da Legião e do diretor, no fim dos anos 80. Ela é uma jovem de classe média, futura médica em luto pela morte do pai, exilado antes da queda do regime. O frenesi da paixão se mistura a cenários e sentimentos caóticos, expondo muros que, em pleno século XX, ainda separavam famílias. Os opostos se atraem, mas o caminho para o final feliz é longo e sinuoso. ■

Raquel Carneiro

UM POETA NA BUROCRACIA

Em volume de ensaios, o sociólogo Sergio Miceli expõe como o emprego público e a relação com o poder moldaram Drummond — mas não macularam sua obra excepcional **DIEGO BRAGA NORTE**

"TIVE OURO, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público." Os versos de Carlos Drummond de Andrade no poema *Confidência do Itabirano* tanto revelam como escondem dados biográficos. Eles demonstram as ligações do autor com sua terra, Minas Gerais, relembram agruras financeiras familiares, mas camuflam algo crucial para a biografia do poeta. Em 1940, quando o texto foi publicado, Drummond não era um simples "barnabé", modo pejorativo de se referir aos servidores pouco graduados: ocupava um posto-chave na política cultural do Estado Novo (1937-1945), a ditadura comandada por Getúlio Vargas. Na época, acumulava a chefia de gabinete do Ministério da Cultura, a diretoria do Departamento Nacional de Educação e a presidência do Conselho Nacional de Educação. Em duas linhas, eis uma pequena síntese da obra drummondiana, que consegue como poucas denunciar mazelas sociais, crises existenciais, remoer memórias; mas muitas vezes dissimulando sentimentos e intenções.

Ter sido alto funcionário público por quase toda a vida não constitui demérito para a carreira literária de um dos grandes poetas nacionais. Mas é um dado inescapável na compreensão de sua obra. "Esse fato vinha

LIRA MENSAGEIRA: DRUMMOND E O GRUPO MODERNISTA MINEIRO, de Sergio Miceli (Todavia; 264 páginas; 74,90 reais e 49,90 em e-book)

ROGERIO REIS

PETARDO LITERÁRIO O autor: crítica à ditadura Vargas de dentro do governo

sendo ignorado ou relegado a segundo plano nas críticas e interpretações existentes", afirma o sociólogo e ensaísta Sergio Miceli. Em ***Lira Mensageira: Drummond e o Grupo Modernista Mineiro***, ele apresenta três conjuntos de ensaios. O primeiro demonstra por meio de extenso levantamento bio e historiográfico como Drummond e outros autores mineiros tiveram de se aliar ao Estado para poderem progredir profissionalmente e como artistas. "A despeito de estilos pessoais de conduta e de personalidade, nenhum deles estava em condições de se esquivar das engrenagens de mobilidade", escreve o ensaísta. As outras duas partes contêm textos sobre o modernismo paulista e sobre o reordenamento da classe política na Era Vargas. A linha que amarra a obra é a quase inexistente fronteira entre as elites política, econômica e intelectual — que muitas vezes se confundiam nas mesmas famílias ou pessoas.

Oriundo de um clã de fazendeiros falidos, Drummond viu os pais dilapidarem suas posses, inclusive o casarão azul dos bisavós, "talvez a mais imponente das casas de Itabira". O pouco que sobrou foi destinado aos dotes das irmãs do escritor. Impossibilitado de cursar direito — caminho mais seguro para um emprego público — por ter sido expulso do colégio, o jovem Drummond ingressou na faculdade de farmácia, que o dispensou de apresentar o atestado de conclusão do colegial. A formação heterodoxa para um escritor foi quase sempre tratada como episódio anedótico em sua biografia. Mas, para Miceli, o diploma de nível superior, ainda que não fosse de bacharel em direito, "era indispensável à rapaziada atenta às oportunidades de acesso à elite mineira".

Assim, Drummond e outros jovens escritores que costumavam se reunir no Café Estrela, em Belo Horizonte — como Cyro dos Anjos, Pedro Nava, e João Alphonsus —, valeram-se de ferramentas sociais arraigadas na sociedade brasileira de então e de hoje: o nepotismo e as amizades com pistolões. "Tento reconstruir a elite política da época para mostrar que esse local da gênese é determinante de todo o resto. Drummond e os outros escritores não tinham saída, mas o interessante na obra dele é a resposta criativa a esse contexto político e social", disse Miceli a VEJA *(leia a entrevista acima)*.

Quando o livro *Sentimento do Mundo* foi lançado, em 1940, nenhum intelectual desconhecia a repressão do governo — prisões, torturas, censura. Mas, mesmo resguardado no protetorado do influente ministro da Educação, o mineiro Gustavo Capanema, o autor lançou seu petardo poético e político com apenas 150 edições. Para Miceli, um rasgo crítico, ainda que tímido, "assinado por homem forte da política cultural oficial". Cinco anos depois, já fora do governo, Drummond publica *A Rosa do Povo*, obra que dobra a aposta no realismo e dá à poesia o caráter "de libelo, de coletivo". Carlos poderia ter sido apenas um diligente burocrata, como muitos outros aspirantes a artista aboletados no governo. Mas, *gauche* na vida, foi Drummond. ■

"HÁ UM DESMONTE GROSSEIRO"

Sergio Miceli fala a VEJA sobre Drummond e a cultura no governo atual.

RENATO PARADA/EDITORA TODAVIA

OLHAR HISTÓRICO O sociólogo: leitura à luz da política

Qual o papel do ministro da Educação de Vargas, Gustavo Capanema, na vida de Drummond e de outros autores? O entorno do Capanema era um território protegido no regime. Vargas e ele acolheram intelectuais de todos os matizes ideológicos, de integralistas a comunistas. Com isso, o Estado Novo se fez presente em domínios em que não era forte. Era uma via de mão dupla, governo e artistas se beneficiavam.

Por que o senhor propõe um novo modo de ler as obras de Drummond durante o Estado Novo? Não dá para ler esses livros como se fossem só versos. É poesia produzida por um prócer do regime na área cultural. O recado político é inteligível à luz da prática política do autor, não só a partir de seus versos.

O jornalista Ruy Castro e outros dizem que a Semana de 22 "arrombou uma porta aberta". O senhor concorda? Eu entendo o subtexto do Ruy Castro, que é dizer que havia um modernismo no Rio antes de 22. Sim, havia. Mas em São Paulo é um movimento cultural organizado, com mecenato, grande número de registros culturais e uma leitura original das vanguardas europeias. Isso não havia em nenhum lugar do Brasil.

Como o senhor vê a política cultural do governo federal? Quais artistas estão colaborando com o governo? Mario Frias é artista? Tem um ou outro sertanejo, mas a maioria não está ligada ao governo, quer distância. Não há política cultural, só um desmonte grosseiro e ignorante.

A FADINHA VIKING

Talento precoce e estrela das trilhas de animações da Disney, a norueguesa Aurora puxa uma geração de cantoras nórdicas que unem batida pop com mitologia local **GABRIELA CAPUTO**

DA JANELA em frente a seu piano, Aurora Aksnes tem uma vista privilegiada: árvores, montanhas, oceano. Um fiorde — de verdade — no próprio quintal. A comuna de Os, na Noruega, tem pouco mais de 20 000 habitantes e parece uma Nárnia da vida real. Foi nesse ambiente escapista que a cantora aprendeu a traduzir seus sentimentos em música. Essa gélida paisagem norueguesa se revelou inspiradora: quando tinha 11 anos, a precoce Aurora compôs o single *Runaway*, sua canção mais famosa, com mais de 775 milhões de reproduções na internet. Desde 2019, é conhecida por participações em trilhas da Disney — fez uma interpretação para *Dumbo* e se destacou em *Frozen 2*. Hoje, aos 25, Aurora se impõe como uma espécie de fadinha viking do pop: com seus cabelos platinados, vestes esvoaçantes e canções que fundem batidas dançantes e certo clima místico, ela é mais um desses estranhos fenômenos que fazem a cabeça da geração Z.

Seu terceiro álbum, *The Gods We Can Touch* (Os deuses que podemos tocar), com lançamento mundial previsto para esta sexta, 21, atesta a eficácia de sua alquimia musical. As baladas e faixas para pista passeiam por temáticas como a fantasia e a mitologia — desde a nórdica até as de outras tradições. Nas novas letras, Aurora parte das divindades gregas para tecer canções sobre o desejo e a moralidade. Há também divagações sobre a natureza. A cantora crê que a conexão com o meio ambiente entra nos "poros da música". E já usou um exemplo brasileiro — ela veio ao país para festivais como o Lollapalooza — para teorizar sobre o suposto efeito mágico do clima sobre os artistas. "É como quan-

DIVAGANTE Aurora: vestes esvoaçantes e letras que apostam no misticismo

TWITTER @AURORAMUSIC

do um lugar é quente e tropical como o Rio: você tem pessoas alegres, vívidas. A música de lá é como vinho espumante", afirmou a uma publicação inglesa.

Para além do misticismo ecológico pueril, Aurora personifica uma nova e bem-sucedida linhagem na cena musical nórdica. Se nos anos 70 os suecos do Abba já demonstravam a força da região com seu pop universal, nos últimos anos esses países exportaram artistas jovens, sobretudo mulheres — como a dinamarquesa MØ e da também norueguesa Sigrid —, que adicionam alguma cor folclórica local aos ritmos eletrônicos. Hoje com 11 milhões de ouvintes mensais no Spotify, a mocinha do fiorde anda brilhando tanto quanto uma aurora boreal. ■

WALCYR CARRASCO

E A VIDA CONTINUA

Chegou a hora de enfrentar os preconceitos com a velhice

TIVE BONS ANOS, produtivos e confortáveis. Até pouco tempo, eu acreditava quando diziam que não parecia ter mais de 50. Embora minha vaidade estranhasse não me acharem com 40. Fui tomando consciência e não foi uma coisa rápida. Eu achava ótimo ter direito a filas prioritárias. Vaga garantida em shopping. E mais uma série de vantagens que chegam com a idade. Tudo isso eu achava legal, porque também não acreditava ter a aparência dos prioritários. Até que um dia olhei a fila do avião. E lá estavam os idosos. Iguais a mim. Descobri: para o mundo, eu tinha me transformado em um senhor de idade. Os mais velhos são discriminados, e a gente nem percebe imediatamente o tamanho do preconceito. Mas, quando se fala que alguém é "velho", é como se pertencesse a uma categoria menor na sociedade. E a dimensão da velhice muda com a idade de quem olha. Lembro-me de que, aos 20, uma amiga namorava um homem de 40. Diziam que era "velho". Eu hoje tenho saudades dos meus 40. Amar alguém de mais idade pode ser inconcebível para quem tem o corpo em cima e a beleza da juventude. Empregos privilegiam os mais novos. Juventude é associada com dinamismo, energia. Há empresas que aposentam obrigatoriamente quem tem 60 ou pouco mais. Quanto mais envelhece, mais a pessoa fica descartável, embora talvez seja seu momento mais pleno de experiência e criatividade. Agora, na pandemia da Covid-19, houve quem perguntasse se valia a pena manter nos aparelhos os mais velhos. O preconceito da idade já recebeu até nomes: ageísmo e etarismo, entre outros.

A rotina da vida se transforma. Outro dia li na internet que depois dos 30 ressaca parece uma dengue. E 30 é tão pouquinho... De repente, quando viajo, há tanto remédio pra levar. Não estou falando de nada grave. Mas do "por via das dúvidas". Vai que eu tenha não sei o quê... Tudo começou com um nécessaire, mas agora é uma malinha inteira, tentando abarcar todas as situações de emergência. Mas claro, se tenho alguma coisa... Precisa-se justamente do remédio em que ninguém pensou. Tenho muitas obrigações: 3 litros de água por dia, no mínimo; caminhadas... Dizem que para manter o cérebro ativo é bom aprender línguas. Outro dia estava procurando aulas de aramaico!

"Nem levo em consideração piadas com minha idade. A gente não envelhece. Mas se recria"

A paisagem em torno da gente vai sumindo. Perdem-se pessoas, de algumas não se ouve mais falar e um dia vem a notícia: "Você soube do fulano?". O preconceito não é só dos mais jovens. Os próprios idosos se discriminam. Difícil ver o dono de uma empresa contratar alguém de sua própria idade. Muitos se atiram em procedimentos estéticos como se envelhecer não fosse parte de um processo da vida. Eu, você, todos nós estamos envelhecendo neste momento.

As pessoas continuam lá com sua genialidade. Seu fascínio. Portanto, se me insinuam "você não tem mais idade para isso", só sorrio. Nem levo em consideração piadas com minha idade. Não vou enfrentar essa discriminação. A gente não envelhece. Mas se recria. A vida é linda, e continua. ■

SCREEN MEDIA FILMS

LIVRO

DR. ALEX & VOVÓ RITINHA: UMA AVENTURA NO ESPAÇO, **de Rita Lee (ilustrações de Guilherme Francini; Globinho, 32 págs.; 52 reais e 34,90 em e-book)**

Aos 74 anos, Rita Lee lança o quinto livro infantil do personagem Dr. Alex, um simpático ratinho defensor da natureza. Com o apoio das belas ilustrações de Guilherme Francini, a cantora — em tratamento contra um câncer no pulmão — narra a visita de um alienígena a Dr. Alex e Vovó Ritinha, que embarcam em uma viagem espacial para falar às crianças sobre religiosidade, vida após a morte e a importância de defender o planeta. Sensível, alto-astral — e, como ensina Rita, nada careta.

FACEBOOK @RITALEE.OFICIAL

VOVÓ RITINHA A roqueira: viagem espacial sobre temas sérios para crianças

TELEVISÃO

O REI DA ESCÓCIA ***(Robert the Bruce*, Inglaterra/ Austrália/Estados Unidos, 2019. Disponível para aluguel no NOW e outras plataformas)**

Companheiro de armas de William Wallace (o "Braveheart") na luta pela independência da Escócia e desde a morte dele aclamado rei escocês e líder do movimento, Robert the Bruce (Angus MacFadyen) sai de mais uma derrota para o Exército inglês, em 1306, em desalento. Dispensa os soldados que ainda o seguem para, sozinho, tentar se esconder. Mas a coroa britânica pôs um prêmio alto por sua cabeça; ele é traído, ferido e sobrevive graças aos cuidados de uma seguidora leal, a viúva Morag (Anna Hutchison), e dos sobrinhos dela. Já o filho pequeno de Morag culpa Bruce pela morte de seu pai e cogita entregá-lo ao tio, aliado dos ingleses. Lindamente fotografado, o filme corroteirizado por MacFadyen é um olhar original sobre a vida de um homem de guerra.

DRAMA HISTÓRICO MacFadyen como Robert the Bruce: momento trágico na vida de um guerreiro

DISCO

BRIGHTSIDE, **de The Lumineers (Universal; disponível nas plataformas de streaming)**

Em seu quarto álbum, a banda americana The Lumineers retorna ao folk pop que a consagrou ao lançar o hit *Ho Hey*, em 2012. As nove faixas desse novo trabalho chegam bem servidas de refrões cativantes, com letras simples e tocantes que falam sobre corações partidos e o término de relacionamentos. Na faixa-título, o vocalista e guitarrista Wesley Schultz entoa versos sobre o lado positivo de um namoro fracassado. Na minimalista *Never Really Mine*, ele lamenta o fato de que o amor raras vezes dure para sempre. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [2 | 23#] GALERA RECORD
2. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [3 | 39#] PARALELA
3. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [1 | 51#] TODAVIA
4. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [4 | 121#] FARO EDITORIAL
5. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [7 | 8#] GALERA RECORD
6. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE** V.E. Schwab [0 | 14#] GALERA RECORD
7. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [5 | 169#] VÁRIAS EDITORAS
8. **TUDO É RIO** Carla Madeira [6 | 4#] RECORD
9. **AMOR(ES) VERDADEIRO(S)** Taylor Jenkins Reid [0 | 1] PARALELA
10. **O LADO FEIO DO AMOR** Colleen Hoover [0 | 2#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 89#] ROCCO
2. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [0 | 255#] VÁRIAS EDITORAS
3. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [4 | 255#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
4. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [3 | 145#] OBJETIVA
5. **LULA, VOLUME 1** Fernando Morais [2 | 6] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [5 | 51#] DARKSIDE
7. **POLÍTICA É PARA TODOS** Gabriela Prioli [6 | 14#] COMPANHIA DAS LETRAS
8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [8 | 95#] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **O CONTADOR DE HISTÓRIAS** Dave Grohl [0 | 1] INTRÍNSECA
10. **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [10 | 14#] ÁTICA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [2 | 140#] CITADEL
2. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [1 | 74#] ALTA BOOKS
3. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [3 | 62#] HARPERCOLLINS BRASIL
4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [4 | 351#] SEXTANTE
5. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [5 | 149#] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [6 | 256#] OBJETIVA
7. **MINDSET** Carol S. Dweck [9 | 100#] OBJETIVA
8. **O MILAGRE DA MANHÃ** Hal Elrod [0 | 100#] BEST SELLER
9. **QUEM PENSA ENRIQUECE** Napoleon Hill [8 | 73#] CITADEL
10. **12 REGRAS PARA A VIDA** Jordan B. Peterson [7 | 6#] ALTA BOOKS

INFANTOJUVENIL

1. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [6 | 98#] ROCCO
2. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [2 | 27#] INTRÍNSECA
3. **MIL BEIJOS DE GAROTO** Tillie Cole [3 | 8#] OUTRO PLANETA
4. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [5 | 42#] SEGUINTE
5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [4 | 326#] ROCCO
6. **CONECTADAS** Clara Alves [8 | 10#] SEGUINTE
7. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [7 | 87#] SEGUINTE
8. **NOVEMBRO, 9** Colleen Hoover [0 | 4#] GALERA RECORD
9. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** Colleen Hoover [9 | 2] GALERA RECORD
10. **O PRÍNCIPE CRUEL** Holly Black [0 | 20#] GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh**/ Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** A Página, Aeromix, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

PARTE E REPARTE

QUEM PARTE e reparte fica sempre com a melhor parte, diz o velho ditado cuja carapuça serve à perfeição na cabeça dos políticos, detentores que são da prerrogativa de definir o montante de dinheiro público destinado a financiar as respectivas sobrevivências eleitorais.

Em breve falaremos da quantidade desses recursos, mas antes vamos abordar a qualidade do conceito segundo o qual cabe à população sustentar de modo integral entidades de direito privado (os partidos) que em tese não teriam a prerrogativa de receber pedaços do Orçamento da União. Nacos nem gordos nem magros, embora gordíssimos, no caso.

Além do ato com aroma de grossa inconstitucionalidade, a vergonhosa cena é acrescida pelo fato de a tarefa sobre a destinação das verbas estar nas mãos dos principais beneficiários do resultado. Se isso não configura grave conflito de interesses, difícil encontrar outra situação em que tal atrito entre vantagens e desvantagens poderia ser aplicado com tanta clareza.

Enquanto suas altezas continuarem sendo as responsáveis por determinar quanto dos recursos oriundos dos impostos de todos deve ser carreado para engordar os cofres dos partidos, nem o céu será o limite ante a sanha da apropriação indevida de verbas do Tesouro.

Vejamos, para demonstrar, a evolução da farra desde 2015, quando o Supremo Tribunal Federal proibiu o financiamento empresarial para campanhas, decisão desde então usada como pretexto para esse assalto aos recursos públicos.

No ano anterior, 2014, as empresas haviam dado 3 bilhões de reais aos partidos, que com isso cobriram 70% de suas despesas.

Em 2018, primeiro pleito sob a nova regra, o então recentemente criado Fundo Eleitoral deu 1,7 bilhão de reais aos partidos. Na eleição seguinte, municipal, dois anos depois, a verba subiu para 2,035 bilhões de reais. Uma enormidade, considerando-se que partido algum está obrigado a participar de eleições e quem quiser fazê-lo deveria procurar as próprias formas de viabilizar o propósito, obviamente dentro da obediência aos parâmetros legais.

> **"Nem o céu será o limite enquanto a destinação de dinheiro para eleição for tarefa dos políticos"**

Pois chegamos a 2022 na seguinte situação: 4,9 bilhões de reais já aprovados no Fundo Eleitoral com o governo já pensando em ceder à reivindicação dos partidos de 5,7 bilhões de reais. O Congresso certamente abraçará de bom grado a proposta, que nos levaria às seguintes cifras: a esses 5,7 bilhões de reais seriam acrescentados 972 milhões de reais do Fundo Partidário, mais 840 milhões de reais (dado de 2014) decorrentes da renúncia fiscal às emissoras.

Numa perspectiva conservadora, teríamos aí algo em torno de 7,5 bilhões de reais do suado dinheirinho do brasileiro assolado pela carestia, pelo desemprego e pela inflação destinados a financiar campanhas eleitorais. Isso num ambiente de fraquíssima fiscalização e de constantes denúncias sobre o uso indevido de verbas por parte dos partidos e de seus caciques.

Isso é normal, aceitável? Não, não é. Atende de maneira republicana à necessidade de financiar a democracia? Não, não atende. É malandragem, para não dizer ilegalidade, pura. Afinal, o que houve entre a eleição presidencial de 2018 e a de 2022 que justifique a multiplicação de verbas à velocidade praticamente quíntupla levando em conta só o Fundo Eleitoral?

Nada ocorreu, a não ser a leniência da sociedade diante do intimidador argumento de que democracias precisam ser financiadas a fim de não sucumbirem a investidas autoritárias. Uma bobagem, porque não é com dinheiro que se combatem tais ofensivas, e sim com respostas institucionais fortes e consistentes.

Uma delas poderia ser um movimento popular para tirar exclusivamente das mãos do Congresso a tarefa de decidir quem parte e reparte, a fim de que os potenciais beneficiários não fiquem sempre com a melhor parte.

Daria certo, seria possível? Talvez. Difícil, porém, pois teria de ser algo que transcendesse ao Parlamento, feito sem ferir os preceitos da legalidade. A despeito das possibilidades, probabilidades e dificuldades, seria algo a ser pensado tendo como alvo principal os direitos da sociedade, entre os quais não se inclui pagar as contas dos partidos.

Notadamente na ausência de contrapartidas aos contribuintes, que, ao pagamento das faturas de campanha, mereceriam no mínimo receber do universo político um tratamento melhor que os atuais (péssimos) serviços prestados. ■